

PLANO DE AULA

1. TEMA: Pluralidade dos mundos habitados.

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar na pluralidade e diversidade dos mundos existentes recursos do Amor e Sabedoria de Deus com vistas à progressão dos Espíritos.

3. BIBLIOGRAFIA:

João, 14:2; Mt, 5: 5

ESE, cap. 3: LE, 55 a 58 e 172 a 188; Ge, cap. 11: 38 a 48

A Caminho da Luz (Emmanuel/F.C.Xavier), cap. 3, 7 e 25.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: O Evangelizador escreverá em letras grandes no quadro ou em tiras de papel a seguinte frase: “Há muitas moradas na casa do meu Pai”. Em seguida, perguntará às crianças como interpretar as palavras de Jesus: “muitas moradas”, “casa de meu Pai”, passando, logo após, para o desenvolvimento da aula.

b) Desenvolvimento: O Evangelizador levará a criança a lembrar as lições de Geografia que certamente já teve na escola, procurando chamar a atenção para a imensidade do espaço sideral, as distâncias astronômicas e a quantidade imensa de astros entre os quais a Terra não se destaca nem pelo seu volume, nem pela sua beleza ou constituição física.

Só para termos uma pequena idéia da grandiosidade do Universo criado por Deus: a ciência astronômica nos informa que, numa noite clara, podemos ver, a olho nu, cerca de 5.000 estrelas; se utilizarmos um grande telescópio, poderá ser observada a luz de bilhões de estrelas. Entretanto, diz ainda a Ciência, que isto que é observado por telescópio não passa de uma pequena gota num oceano. Daí, só palidamente podemos entender a grandeza da obra divina, com bilhões de mundos espalhados pelo espaço universal.

Outra observação científica: uma galáxia é um conjunto de estrelas, nebulosas e aglomerados estelares;.Somente em nossa galáxia – a Via Láctea (assim denominada porque parece um caminho leitoso) – , onde se encontra o nosso Sistema Solar, calcula-se que existam mais de 100 bilhões de estrelas!

Sendo assim, um astro de pequeno tamanho na imensidade do Cosmo, porque teria a Terra o privilégio de ser o único astro habitado? Não seria mais lógico admitir que todos eles são moradas de Espíritos em diferentes graus de evolução e que, se não temos conhecimento sobre a vida em outros mundos, isto se deve ao fato de não ter, ainda, a Ciência conseguido comprovar esta realidade?

Entre nós, o desenvolvimento da criança e do adolescente se processa ajudado por escolas diferentes: a pré-escola, o 1º grau, o 2º grau e as faculdades, cada uma delas dotada de condições específicas para atender aos alunos em determinada faixa de evolução. Da mesma forma, para atender ao desenvolvimento de Espíritos diferentes, existem diferentes categorias de mundos, assim:

a) **MUNDOS PRIMITIVOS:** são mundos recém-formados, onde aparece a vida nos seus estágios iniciais. A Terra já foi um mundo primitivo.

b) **MUNDOS DE PROVAS E EXPIAÇÕES:** nestes mundos dominam as paixões ainda incontidas: a avareza e a violência gerando as guerras; o egoísmo gerando as injustiças sociais, etc., ou seja, o mal predomina sobre o bem. A Terra está, atualmente, nesta categoria.

c) **MUNDOS DE REGENERAÇÃO:** são mundos onde os espíritos já atingiram um mais alto grau de evolução, havendo, por isto mesmo, um ambiente de mais paz e entendimento entre os seus habitantes.

d) **MUNDOS FELIZES:** onde se vive num ambiente de amor e fraternidade, evidenciando-se, ali, todas as virtudes.

A Terra vive agora os prenúncios da transição, quando passará de “Mundo de Provas e Expições”, para “Mundo de Regeneração”, época em que experimentará grandes transformações. Não mais entre nós os desentendimentos entre as nações gerando as guerras com todo o seu cortejo de sofrimento; não mais entre nós a fome, a miséria, as grandes injustiças sociais. Isto porque o Amor, germinando enfim no solo dos corações, adubado pelas lágrimas durante séculos de sofrimento, ditará leis humanas fraternas e justas. Leis cheias de fraternidade e sabedoria surgirão espontâneas do íntimo dos corações agora amadurecidos, evangelizados, despertados, enfim, para a sublimidade do “amai-vos uns aos outros” ensinado por Jesus.

A sinceridade dos propósitos, as intenções enobrecidas irradiando-se das mentes aqui congregadas inundarão a atmosfera da Terra de suavíssimas vibrações de intraduzível bem estar e felicidade. No entanto, a Terra assim transformada, enobrecida, tornando-se morada de espíritos evoluídos, não terá mais condições de oferecer guarida àqueles outros rebeldes e empedernidos que, não tendo aproveitado as oportunidades de evolução que aqui lhes foram oferecidas, não progrediram o suficiente para adaptar-se às suaves vibrações de seu novo clima magnético.

Tais espíritos serão afastados da Terra para não perturbarem a paz de suas comunidades cheias de virtudes e que, pelas suas próprias lutas, mereceram desfrutar de um ambiente mais feliz. Eles serão conduzidos a mundos inferiores. Ali lutarão para sobreviver contra a agressividade de uma natureza primitiva; conviverão com seres que estagiam nos primórdios da evolução; sofrerão uma grande nostalgia, uma imensa saudade que lhes virá do conhecimento inconsciente que trarão consigo a respeito de um mundo mais confortável em que viveram, de uma pátria feliz que possuíram um dia e que perderam. A par desta dura expiação, eles desenvolverão ali um trabalho que lhes trará grandes méritos, promovendo, com sua inteligência desenvolvida, o progresso daquele mundo primitivo e o maior bem-estar de seus habitantes.

A Terra, que se prepara agora para encaminhar a outro planeta Espíritos que não se sensibilizaram diante dos ensinamentos do Evangelho de Jesus, permanecendo rebeldes, violentos, gananciosos, ávidos de poder, ela própria recebeu, há milênios, Espíritos vindos de um planeta do sistema Cabra ou Capela, da constelação do Cocheiro. Esses Espíritos, rebeldes e criminosos, que não se dispunham a um esforço no sentido de progredirem no campo do sentimento, estavam dificultando a implantação definitiva do reino do bem.

A transferência desses Espíritos é relatada por Emmanuel: “As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde apreenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores. Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes.” (A Caminho da Luz, cap. 3).

Diante destas explicações que a Doutrina Espírita nos oferece, compreendemos que estamos vivendo hoje uma oportunidade decisiva. Se não nos esforçarmos no sentido de nos aprimorarmos moralmente, progredindo o necessário, seremos afastados daqui porque, no curso do terceiro milênio, a Terra tornar-seá um “Mundo de Regeneração” e será a morada de Espíritos virtuosos, mansos e pacíficos que a terão herdado, conforme a promessa de Jesus: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra.”(Mt, 5: 5).

c) Fixação e/ou avaliação: Complete a frase.

O Evangelizador distribuirá um exercício, da página 60, a cada criança, a fim de que sejam preenchidos os espaços em branco. Cada frase deverá ser completada com as palavras que estão entre parênteses.

d) Material didático: Ilustração representando o nosso Sistema Solar; cópias do exercício; lápis e borracha.

\$

1) Disse: “Há muitas na do meu”. (casa, moradas, Jesus, Pai).

2) Existem outros habitados no imenso criado por, conforme nos ensina o (Deus, Espiritismo, mundos, Universo).

3) A é um em, mundo de..... e expiações, onde ainda existem as inferiores, que provocam o desentendimento e a entre os homens. (guerra, Terra, mundo, evolução, provas, paixões).

4) A Terra será em breve umonde os espíritos aqui congregados desfrutarão de grande (mundo de Regeneração, felicidade).

5) A é a nossa escola planetária, onde nos reencarnamos, para continuarmos a nossa(abençoada, evolução, Terra).

\$

1) Disse: “Há muitas na do meu”. (casa, moradas, Jesus, Pai).

2) Existem outros habitados no imenso criado por, conforme nos ensina o (Deus, Espiritismo, mundos, Universo).

3) A é um em, mundo de..... e expiações, onde ainda existem as inferiores, que provocam o desentendimento e a entre os homens. (guerra, Terra, mundo, evolução, provas, paixões).

4) A Terra será em breve umonde os espíritos aqui congregados desfrutarão de grande (mundo de Regeneração, felicidade).

5) A é a nossa escola planetária, onde nos reencarnamos, para continuarmos a nossa(abençoada, evolução, Terra).

\$

1) Disse: “Há muitas na do meu”. (casa, moradas, Jesus, Pai).

2) Existem outros habitados no imenso criado por, conforme nos ensina o (Deus, Espiritismo, mundos, Universo).

3) A é um em, mundo de..... e expiações, onde ainda existem as inferiores, que provocam o desentendimento e a entre os homens. (guerra, Terra, mundo, evolução, provas, paixões).

4) A Terra será em breve umonde os espíritos aqui congregados desfrutarão de grande (mundo de Regeneração, felicidade).

5) A é a nossa escola planetária, onde nos reencarnamos, para continuarmos a nossa(abençoada, evolução, Terra).

\$

1) Disse: “Há muitas na do meu”. (casa, moradas, Jesus, Pai).

2) Existem outros habitados no imenso criado por, conforme nos ensina o (Deus, Espiritismo, mundos, Universo).

3) A é um em, mundo de..... e expiações, onde ainda existem as inferiores, que provocam o desentendimento e a entre os homens. (guerra, Terra, mundo, evolução, provas, paixões).

4) A Terra será em breve umonde os espíritos aqui congregados desfrutarão de grande (mundo de Regeneração, felicidade).

5) A é a nossa escola planetária, onde nos reencarnamos, para continuarmos a nossa(abençoada, evolução, Terra).

\$

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Livre-Arbítrio e Responsabilidade

2. **OBJETIVO:** A criança compreenderá que todos temos livre-arbítrio e que o seu exercício tem perfeita correspondência com responsabilidade.

3. BIBLIOGRAFIA:

1 Co, 6: 12; 2 Co, 3: 17

LE, 843 a 850

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), itens 132 a 138, 140 a 145; Vinha de Luz (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 128; Encontro Marcado (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 53; Sexo e Destino (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 6

4. AULA:

a) **Incentivação inicial:** Interrogatório.

O Evangelizador deverá perguntar às crianças se sabem o que significa *livre-arbítrio*. Surgirão, por certo, muitas respostas discordantes. Deverá incentivar a discussão, contrapondo a idéia de *destino* e, depois de algum tempo, dizer que as várias posições assumidas serão examinadas no decorrer da aula.

b) **Desenvolvimento:** Exposição dialogada.

Inicialmente, o Evangelizador deverá explicar o significado da palavra *arbítrio* que, conforme definem os dicionários, significa “resolução que depende só da vontade da pessoa; julgamento ou decisão própria.” Logo, quando dizemos que temos *livre-arbítrio* significa temos liberdade de decidir sobre nossa vida, de orientá-la neste ou naquele rumo por nós próprios.

Entretanto, existem aqueles que acreditam que temos um destino marcado, do qual não podemos fugir. Os orientais, de modo geral, tendem a crer que tudo aquilo que nos acontece, principalmente as coisas ruins, estão determinadas, fazem parte desse destino marcado. Afinal, estamos presos ao destino, ou temos livre-arbítrio, que nos permite orientar nossos pensamentos, palavras e ações?

E o que pensarmos quando vemos uma pessoa com problemas físicos ou mentais, desde a infância? Será que foi, como dizem alguns, “a vontade de Deus”? Será que Deus impôs àquela criatura um destino amargo, doloroso? Será que Deus traça o destino de cada um dos Seus filhos, do modo que mais Lhe parece certo?

E as pessoas que acreditam na leitura das linhas das mãos, na leitura de cartas de baralho, no tarô, nos búzios, nos mapas astrológicos? Essas pessoas consultam freqüentemente o horóscopo, a fim de verificarem se devem fazer ou deixar de fazer isto ou aquilo. São criaturas verdadeiramente fanatizadas pelos signos, atribuindo sua influência sobre o caráter, o gênio, o modo de ser das pessoas, a ponto de, ao analisarem uma atitude de outra, dizerem: “Ele é teimoso porque é de tal signo; ele tem essa capacidade de liderança porque as pessoas de tal signo são assim mesmo.”

Diante dessa crença na influência absoluta dos astros, e sabendo-se que os signos mudam a partir de determinado dia, poder-se-ia perguntar se um médico não estaria mudando o signo de um ser humano ao apressar ou retardar um parto pelo uso de medicamentos, fazendo, não raro que uma criança, por questão de apenas alguns minutos passados após a meia noite, nasça num outro dia, às vezes no dia em que mudou o signo. E quando os pais, juntamente com o médico, marcam determinada data para uma cesariana?

Perguntado sobre a influência dos astros, Emmanuel responde que existem influências do campo magnético dos planetas no complexo celular do homem, mas que a existência planetária é sinônimo de luta e que acima de todas as verdades astrológicas temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob a influências que merece. Além disso, podemos incluir no rol dessas influências aquelas exercidas pelo ambiente em que o Espírito renasceu: a família, os costumes, o país, e também a época.

Reconhecendo que todos temos a liberdade de pensar e de agir, o Apóstolo Paulo recomenda: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma.” (I Co, 6: 12). Por essa afirmativa, o Apóstolo nos chama a atenção para a nossa liberdade de escolha daquilo que nos convém dentre tudo aquilo que temos liberdade de fazer. A marca do livre-arbítrio é exatamente a responsabilidade. Não existe livre-arbítrio sem responsabilidade. Livre-arbítrio pressupõe conscientização do uso da liberdade. Responsabilidade pelos próprios atos. Avaliação daquilo que convém ou não convém fazer.

No item 843 de O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta aos Espíritos: “Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos?” A resposta que recebeu foi afirmativa: “Pois que tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina.” Muito clara a resposta dos Espíritos, pois se não tivéssemos a liberdade de agir, se estivéssemos presos dentro de um determinismo absoluto, seríamos verdadeiros robôs, e não seres humanos, logo não teríamos mérito pelo bem que fizéssemos, nem poderíamos ser responsabilizados pela prática do mal.

O Espiritismo, explicando-nos a reencarnação, mostra-nos que somos Espíritos em evolução, dotados de livre-arbítrio, ou seja, que temos condição de decidir sobre o nosso destino, direcionando nossos passos para o bem ou para o mal. Sempre a escolha é nossa. Entretanto, devemos nos lembrar de que a nossa liberdade de agir vai até o ponto em que nossa ação atinja o nosso próximo.

O livre-arbítrio do Espírito vai aumentando, à medida que ele evolui. Portanto, é diferente o livre-arbítrio de um indígena que vive confinado na floresta, daquele de um Espírito mais adiantado, por exemplo, que dirige um país. Por isso, a responsabilidade varia de acordo com o alcance do livre-arbítrio da criatura, conforme ensina o Espírito Félix, na obra “Sexo e Destino”: “A responsabilidade tem o tamanho do conhecimento”.

A Doutrina Espírita nos ensina a respeito da Lei de Causa e Efeito. Todo ato nosso é causa de um efeito que nos alcança mais cedo ou mais tarde. Por isso, quando não vemos a causa de um problema que nos atinge no presente, é que a origem dele deve estar no uso equivocado do nosso livre-arbítrio no passado. Assim se explicam os problemas “inexplicáveis” de uma criatura que já nasce com limitação na sua capacidade de ver, ouvir, andar, de usar as mãos, etc. Não foi Deus que as fez assim por Sua própria vontade. É o próprio funcionamento da Lei de Causa e Efeito que a responsabiliza pelo mau uso do seu livre-arbítrio, fazendo com que colha, no presente, os resultados da sua ação negativa do passado.

Ensinam os Espíritos que a sementeira é livre, mas que a colheita é obrigatória. Deus nos permite plantar o que quisermos, mas, como não seria justo que outros colhessem os bons frutos que semeamos, não seria justo também que outros fossem obrigados a colher os espinheiros que, no uso da nossa liberdade, espalhamos pelos caminhos.

Portanto, se alguém pergunta ao espírita bem informado a respeito da Lei de Causa e Efeito, se ele acredita no destino, sua resposta será positiva. Responderá que acredita no destino que ele próprio criou e cria continuamente no uso do seu livre-arbítrio, mas que essa liberdade de agir é limitada pelo senso de responsabilidade que já desenvolveu. É fácil entender que se Deus tivesse dotado a todos nós apenas de livre-arbítrio, sem a contra-partida de responsabilidade, o Universo seria verdadeiramente um caos.

Não devemos nos esquecer de que sempre estamos de posse do nosso livre-arbítrio. Mesmo alguém que se encontre encarcerado, amarrado e amordaçado, ainda tem livre-arbítrio relativo, pois pode, pelo menos, pensar. Assim, usando a liberdade de pensar, pode decidir-se por enviar pensamentos de revolta e de ódio contra aqueles que o maltratam, ou por elevar uma prece a Deus, buscando perdoar -lhes e aceitar o mal que está recebendo, catalogando-o como fruto de desacertos do passado, cujos efeitos agora o alcançam, vez que a justiça divina é indefectível.

Jesus, o Espírito mais sábio que a Terra conheceu em todos os tempos, nunca forçou o livre-arbítrio de ninguém. Apresentava suas lições como propostas de mudança de atitude para as criaturas, deixando que cada uma decidisse como lhe ordenasse a própria consciência. O Mestre, cuja amplitude de livre-arbítrio nem concebemos, poderia, na cruz, ter destruído todos os seus algozes. Ele tinha poderes e liberdade para isso, mas decidiu por deixar-nos uma mensagem de não-agressão, por isso temos o Evangelho.

c) Fixação e avaliação: Exercício certo / errado.

Distribuir as tiras de papel da página 64, a fim de que as crianças marquem, as certas com “C” e as erradas com “E”: (1E; 2 C; 3 C; 4 C; 5 E; 6 E).

d) Material didático: Tiras de papel contendo perguntas.

O Evangelizador deverá fazer cópias desta folha, recortando-a em tiras e distribuí-las individualmente ou em grupos, a fim de que as crianças respondam.

\$

1. As inclinações que uma criatura já traz, ao nascer, constituem um obstáculo ao uso do livre-arbítrio.
2. Uma pessoa encarcerada, amarrada, vendada e amordaçada ainda tem livre-arbítrio.
3. A extensão do livre-arbítrio varia de acordo com a evolução do Espírito.
4. Você tem uma prova difícil, por causa de erros do passado, mas ainda tem livre-arbítrio para mudar alguma coisa.
5. É certo ou errado uma pessoa dizer: “Deus me deu esta doença do estômago e eu devo me conformar com ela.”?
6. Uma pessoa pode ser corajosa ou medrosa por causa do signo sob o qual nasceu.

\$

1. As inclinações que uma criatura já traz, ao nascer, constituem um obstáculo ao uso do livre-arbítrio.
2. Uma pessoa encarcerada, amarrada, vendada e amordaçada ainda tem livre-arbítrio.
3. A extensão do livre-arbítrio varia de acordo com a evolução do Espírito.
4. Você tem uma prova difícil, por causa de erros do passado, mas ainda tem livre-arbítrio para mudar alguma coisa.
5. É certo ou errado uma pessoa dizer: “Deus me deu esta doença do estômago e eu devo me conformar com ela.”?
6. Uma pessoa pode ser corajosa ou medrosa por causa do signo sob o qual nasceu.

\$

1. As inclinações que uma criatura já traz, ao nascer, constituem um obstáculo ao uso do livre-arbítrio.
2. Uma pessoa encarcerada, amarrada, vendada e amordaçada ainda tem livre-arbítrio.
3. A extensão do livre-arbítrio varia de acordo com a evolução do Espírito.
4. Você tem uma prova difícil, por causa de erros do passado, mas ainda tem livre-arbítrio para mudar alguma coisa.
5. É certo ou errado uma pessoa dizer: “Deus me deu esta doença do estômago e eu devo me conformar com ela.”?
6. Uma pessoa pode ser corajosa ou medrosa por causa do signo sob o qual nasceu.

\$

1. As inclinações que uma criatura já traz, ao nascer, constituem um obstáculo ao uso do livre-arbítrio.
2. Uma pessoa encarcerada, amarrada, vendada e amordaçada ainda tem livre-arbítrio.
3. A extensão do livre-arbítrio varia de acordo com a evolução do Espírito.
4. Você tem uma prova difícil, por causa de erros do passado, mas ainda tem livre-arbítrio para mudar alguma coisa.
5. É certo ou errado uma pessoa dizer: “Deus me deu esta doença do estômago e eu devo me conformar com ela.”?
6. Uma pessoa pode ser corajosa ou medrosa por causa do signo sob o qual nasceu.

\$

PLANO DE AULA

1. TEMA: Sono e Sonhos

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar a dupla finalidade do sono: o refazimento do corpo físico e a libertação da alma, propiciando-lhe experiências no Mundo Espiritual, das quais traz, muitas vezes, ao acordar, recordações mais ou menos precisas, as quais chamamos sonhos.

3. BIBLIOGRAFIA:

Atos, 2: 17; 16: 9 e 10.

LE, 400 a 418.

Evolução em dois Mundos (André Luiz / F. C. Xavier), 1ª parte, cap. 17; Missionários da Luz (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 7; 8 e 13. Mecanismos da Mediunidade (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 21; Entre a Terra e o Céu (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 5, 12 e 15; Ação e Reação (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 11; No Mundo Maior (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 14.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

O Evangelizador deverá perguntar às crianças: “O sono é necessário?” “O Espírito repousa junto com o corpo?” “O Espírito pode fazer algo de útil enquanto o corpo dorme?”

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

O Evangelizador deverá desenvolver os seguintes tópicos, depois de tê-los escrito no quadro-de-giz ou num cartaz, apontando-os sucessivamente ao abordar os assuntos.

Necessidade do sono: O sono é necessário ao refazimento das energias despendidas pelo corpo físico. As horas gastas para essa recomposição variam de pessoa para pessoa, mas todos necessitamos de algum repouso físico. Entretanto, se o corpo repousa, o Espírito jamais está inativo. Mesmo que não se afaste do corpo, o Espírito fica perto dele, mas sempre pensando. Kardec perguntou aos Espíritos se o Espírito encarnado, durante o sono do corpo, repousa com ele, tendo obtido a seguinte resposta: “Não, o Espírito jamais está inativo.” (LE, 401).

Libertação do Espírito durante o sono: Kardec interrogou os Espíritos a respeito da condição da alma durante o sono físico, ao que os Espíritos responderam: “Durante o sono, afrouxam-se os laços que prendem o Espírito ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com outros Espíritos.” (LE, 401). Dormindo o nosso corpo, nós, Espíritos, nos libertamos dele e vamos em busca daquilo que constitui o nosso interesse. “É assim que o lavrador, no repouso físico, retorna, em corpo espiritual, ao campo que semeia (...); o caçador volta para a floresta; o escultor regressa ao bloco de mármore de que aspira a desentranhar a obra-prima; o seareiro do bem volta à leira de serviço em que se lhe desdobra a virtude, e o culpado torna ao local do crime. (Mecanismos da Mediunidade, cap. 21).

Sono, morte temporária: Os latinos já diziam que o sono é morte temporária. A afirmativa encerra grande verdade, pois durante o sono, o Espírito se afasta, como o faz depois da morte, com a diferença que, durante o sono, o Espírito se conserva ligado ao corpo pelo cordão fluídico, ao passo que na morte esse cordão é cortado pelos Benfeitores Espirituais. Há pessoas que sentem medo, ao saberem dessa afirmativa. A elas deve ser dito que o corpo sempre representa um refúgio para o Espírito. Diante de qualquer situação de perigo, o Espírito retorna velozmente ao corpo, atraído irresistivelmente como se este fosse um poderoso ímã.

A lucidez varia, de acordo com a evolução do Espírito: Nem todos os Espíritos conseguem afastar-se do corpo com a mesma lucidez. Alguns movimentam-se com mais lentidão e não têm a desenvoltura de outros. “Foi então que vi Raquel abandonar o corpo físico, dentro de luminosas irradiações (...). Despreocupada, feliz, abraçou-se com uma das entidades que nos acompanhavam, velha senhora que Alexandre nos apresentara pouco antes, declarando tratar-se da avó materna da dona da casa.” Mas o marido de Raquel já não tinha a mesma consciência da situação em que se encontrava: “Nesse momento, o esposo de Raquel afastava-se do

corpo físico, pesadamente. Não apresentava, tal qual a esposa, um halo radioso em derredor da personalidade, parecendo mover-se com extrema dificuldade.” (Missionários da Luz, cap. 13).

Organizações espirituais que prestam socorro, com auxílio de encarnados: Há pessoas que, adormecendo o corpo, dele se afastam rapidamente, indo participar de atividades junto a Espíritos desencarnados que organizam equipes de trabalho aqui na face da Terra, como essa relatada por André Luiz: “Temos aqui o grupo do Irmão Francisco. Trata-se de uma das inumeráveis turmas de serviço que nos prestam cooperação.” (Missionários da Luz, cap. 7). André Luiz, em conversa com o Irmão Francisco, fica sabendo que existem inumeráveis turmas de socorro que operam na face da Terra, aproveitando o concurso de encarnados, libertos pelo sono, que fornecem fluidos mais adequados para o socorro a outros encarnados. André Luiz revela, assim, a grande oportunidade de trabalho que podemos aproveitar, desde que nos mantenhamos equilibrados durante o dia. Alexandre, quando solicitou a ajuda de alguém da turma do Irmão Francisco, disse-lhe: “Francisco, precisamos aqui das emanções de algum dos nossos amigos encarnados, cujo veículo material esteja agora em repouso equilibrado.” (Missionários da Luz, cap. 7).

Existem organizações dedicadas ao estudo: O Espírito encarnado pode também participar de cursos de aperfeiçoamento espiritual, onde tem oportunidade de ouvir instrutores, não só aqueles que trabalham habitualmente na face da Terra, mas também outros de esferas mais altas. “Nosso núcleo de estudantes terrestres já possui certa expressão numérica; no entanto, faltam-lhe determinadas qualidades essenciais para funcionar com pleno proveito. Nem todos sabem valer-se das horas de sono físico.” (Missionários da Luz, cap.8). O Instrutor Alexandre comentou que esse núcleo de estudos, que funcionava entre duas e quatro horas da madrugada, tinha trezentos inscritos, mas que apenas trinta e dois o freqüentavam assiduamente. Essa falta de assiduidade é devida ao fato de as pessoas não se conservarem equilibradas durante o dia.

Visita a desencarnados queridos durante o sono: Ester é levada pela sua prima Etelvina, também encarnada, durante o sono de ambas, ao Instrutor Alexandre, conhecido de Etelvina de longa data, a fim de pedirem sua ajuda no sentido de terem notícias do esposo de Ester, desencarnado aparentemente por assassinato.

Durante a conversa que mantiveram, Ester pergunta ao abnegado Instrutor: “Seria possível sonhar com o companheiro, no sentido de obter-lhe as notícias diretas e fazer-lhe sentir o carinhoso interesse do lar?” No dia seguinte, ela relata aos familiares: “Graças à Providência, amanheci hoje muito mais confortada. Sonhei que a prima Etelvina me conduziu à presença de um mensageiro celestial que me abençoou o coração, aliviando-me as pesadas dores destes últimos dias!” Em poucos dias, Alexandre encontrou Raul e promoveu um encontro dele com a esposa. Além disso, inteirado das dificuldades enfrentadas pela viúva, providenciou trabalho digno a fim de que ela pudesse ganhar o sustento para a família. Tudo isso realizado durante a libertação do Espírito, provocada pelo sono. (Missionários da Luz, cap. 11).

Encontros com Espíritos perturbadores: Podemos também nos encontrar com Espíritos voltados ao mal. É a lei de sintonia. Jesus já nos adverte no seu Evangelho: “Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.” (Lc, 12: 34). É da Lei que busquemos lugares ou a companhia daqueles que consideramos o nosso “tesouro”, ou seja, aquilo que representa o nosso desejo maior. André Luiz nos relata o caso de Isaura, excelente médium, que durante o sono, procurava a companhia de malfeitores espirituais, porque estes lhe davam razão pelo ciúme que ela sentia do marido, em relação a elementos da própria reunião mediúnica. (Libertação, cap. 16).

Nem sempre as recordações representam a realidade: Conforme ensina André Luiz, a alma liberta pelo sono pode se voltar “para o refúgio de si mesma, plasmando na onda constante de suas próprias idéias as imagens com que se compraz nos sonhos agradáveis em que saca da memória a essência dos seus próprios desejos.” (Evolução em dois Mundos, 1ª parte, cap. 17). Dessas palavras pode-se deduzir que podemos criar quadros e situações que nos sejam agradáveis e ficar na sua contemplação, acreditando, ao acordar, que nos encontramos com determinada pessoa ou que estivemos em determinado lugar. Por isso, os sonhos não podem ser tomados como verdades absolutas. Pelo contrário, devem ser analisados com muito cuidado.

É possível sonharmos e não nos lembrarmos de nada: Sabemos, com certeza que, durante o sono, podemos nos encontrar com Espíritos encarnados e desencarnados, equilibrados ou não. Sabemos que podemos participar de estudos, de trabalhos, de excursões e de muitas outras atividades. Entretanto, nem sempre nos lembramos do que ocorreu durante o sono, ou seja, não nos lembramos do sonho que tivemos. Algumas vezes as recordações

simplesmente não conseguem transpor a barreira da matéria; outras vezes, os próprios benfeitores espirituais providenciam o esquecimento dos episódios vividos durante o sonho, por não ser conveniente para nós a lembrança deles. André Luiz nos relata um encontro vivenciado por Antonina que, apesar de belo, edificante, não pôde ser lembrado por ela ao despertar: “O instrutor ajudou-a a reapossar-se do envoltório fisiológico, cercado-lhe o cérebro de emanções fluídicas anestésicas, para que não lhe fosse permitido o júbilo de recordar, em todas as suas particularidades, a experiência da noite; se guardasse a lembrança integral, disse Calderaro, provavelmente enlouqueceria de ventura.” (No Mundo Maior, cap. 14). Mas o bem não se perde. Nesses casos, além do registro edificante que fica gravado na memória do Espírito, ficam os efeitos benéficos a se evidenciarem como melhor ânimo, mais fé, mais alegria, mais encanto pela vida e, até mais saúde física.

Preparação para um bom sono: Um sono reparador das energias físicas e também capaz de nos proporcionar encontros proveitosos é conseguido com alguma preparação:

- a) Preparação física: Quarto arejado, cama confortável, asseio, roupa de dormir folgada, temperatura adequada.
- b) Preparação espiritual: Controlar o que fala, o que ouve, o que vê durante o dia, pois tudo isso mexe com o nosso íntimo e estabelece ligações mais ou menos felizes. A televisão, antes do sono, é prejudicial. É preferível uma boa leitura, ouvir música suave e, indispensável, a prece sincera.

c) Fixação e avaliação: Ao final da aula, o Evangelizador entregará às crianças, individualmente, ou em grupos, as tiras de papel correspondentes ao tópicos escritos no quadro ou no cartaz, pedindo-lhes que falem algo sobre o respectivo tema, ajudando e fazendo com que as outras crianças ajudem também.

d) Material didático: Tiras de papel, contendo os temas.

\$ -----
01. Necessidade do sono.

\$ -----
02. Libertação do Espírito durante o sono.

\$ -----
03. Sono, morte temporária.

\$ -----
04. A lucidez varia, de acordo com a necessidade, interesse e a evolução do Espírito.

\$ -----
06. Organizações espirituais que prestam socorro, com auxílio de encarnados.

\$ -----
07. Organizações dedicadas ao estudo.

\$ -----
08. Visita a desencarnados queridos durante o sono.

\$ -----
09. Encontros com Espíritos perturbadores.

\$ -----
10. Nem sempre as recordações representam a realidade.

\$ -----
11. É possível sonharmos e não nos lembrarmos de nada.

\$ -----
12. Preparação para um bom sono.

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Céu e o Inferno

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar Céu e Inferno como estados íntimos da alma, de felicidade ou sofrimento, e que as regiões espirituais onde impera o bem ou o mal nada têm de absoluto e de eterno.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 6: 19 a 21.

CI, caps. 1 a 7.

Libertação (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 7; Nosso Lar (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 1, 2 e 12; Justiça Divina (Emmanuel / F. C. Xavier).

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

O Evangelizador deverá apresentar um exemplar do livro “O Céu e o Inferno” às crianças e fazer perguntas mais ou menos como estas: “Será que nós, espíritas, acreditamos no Céu e no Inferno?” “Por que teria Kardec dedicado um livro inteiro ao assunto?”

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

O movimento religioso que se formou a partir dos ensinamentos de Jesus foi sofrendo transformações com o passar dos tempos. Depois de alguns séculos, passou a denominar-se Catolicismo Romano. Os padres e os teólogos foram, pouco a pouco, criando a idéia do Inferno, criando o Inferno cristão, copiando o Inferno pagão e superando-o em muitos aspectos. O Inferno, segundo eles é o reino do mal, dirigido por Satanás que, às vezes é também chamado Lúcifer, Satã, Diabo, ou Demônio. Esse local, conforme ensina o Catolicismo Romano e também o Protestantismo, é o lugar para onde são enviadas as almas dos maus, onde deverão sofrer eternamente, sem nenhuma oportunidade de se recuperarem. “Não há perdão para os pecadores que lá entram”, dizem os teólogos. (O Céu e o Inferno, 1ª parte, cap. 4).

O Céu, segundo as já citadas religiões, é o lugar de prazer, de alegria. “É o lugar onde as almas dos justos, dos bem-aventurados, ficam na eterna contemplação de Deus”. Dizem que é a habitação do Altíssimo, como se Deus tivesse uma figura humana, tivesse residência fixa em algum lugar, e ali se postasse estático. Ensinam que ali é o lugar dos santos e daqueles que não pecaram, ou que pecaram pouco e já “pagaram” seus pecados no Purgatório. (O Céu e o Inferno, 1ª parte, cap. 3).

O Purgatório só apareceu no Catolicismo Romano no século VI, mais precisamente no ano 593, quando os teólogos chegaram à conclusão que haveria muito poucas almas boas para serem encaminhadas diretamente ao Céu, a fim de conviver com os santos e os anjos. Assim, deduziram que deveria haver um local intermediário, onde seria possível, àquelas almas que não cometeram pecados muito graves, terem a oportunidade de purgar os seus pecados e, mais tarde, serem encaminhadas ao Céu. (O Céu e o Inferno, 1ª parte, cap. 5).

Na verdade, foi um abrandamento daquela idéia bárbara de Céu para os justos e Inferno para os injustos. Mas a idéia das penas eternas continuava para aquelas almas que fossem para o Inferno. Entretanto, o Purgatório não foi aceito pelas igrejas orientais, nem, mais tarde, pelo Protestantismo. Quando houve a Reforma Protestante, Lutero excluiu o Purgatório dos ensinamentos doutrinários do Protestantismo, pelo fato de ele não constar explicitamente do texto do Novo Testamento.

Como o Espiritismo aborda a questão? Os Espíritos Superiores revelaram, nos diálogos com Kardec, que existem planos espirituais onde imperam a tristeza, a maldade, o sofrimento. Não se trata, porém, de lugares criados para sofrimento ou resgate de culpas. São agrupamentos onde se reúnem, por afinidade, Espíritos comprometidos com o mal. André Luiz relata suas experiências desagradáveis no Umbral, local para onde foi atraído depois da sua desencarnação: “Castigava-me a fome todas as fibras, e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes,

em torno de humildes filetes d'água a que me atirava sequioso. Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios à nascente turva, enquanto me permitiam as forças irresistíveis, a impelirem-me para a frente. Muita vez suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. Não raro, era imprescindível ocultar-me das enormes manadas de seres animais, que passavam em bando, quais feras insaciáveis." Eram quadros de estarrecer! (Nosso Lar, cap.2).

O Umbral é um plano espiritual de sofrimento, que começa já na crosta terrestre, mas que não foi criado por Deus para essa finalidade. É um núcleo formado pelo agrupamento de Espíritos em desequilíbrio no espaço espiritual do Planeta. As emanções mentais de Espíritos que guardavam remorso, orgulho, egoísmo, ódio, mágoa, revolta, preguiça e outros sentimentos negativos foram, aos poucos criando e mantendo o Umbral. Ora, se ele é formado de vibrações mentais produzidas por Espíritos que estão em estado negativo de consciência, a sua existência é condicionada à permanência desses Espíritos comprometidos com as Leis Divinas. Tão logo não haja mais ninguém nessa condição, ele desaparecerá. Logo, entendemos que o Umbral, embora apresente condições de sofrimento verdadeiramente infernais, esses sofrimentos não têm a característica de eternidade como teriam aqueles impostos aos habitantes do Inferno, conforme ensina a teologia católica.

Existem outras regiões, a que os Espíritos denominam Trevas e que são agrupamentos de Espíritos ainda mais comprometidos com o mal. Entretanto, também ali não há a característica de eternidade dos sofrimentos. Qualquer Espírito que deseje renovar-se, que peça uma nova oportunidade, a fim de reparar o mal anteriormente praticado poderá sair dali e iniciar uma vida nova.

Se, por um lado, o Espiritismo ensina que não existem lugares para sofrimento eterno destinados aos Espíritos que erraram, por outro nos ensina que também não há regiões de pura contemplação para os bons. As criaturas voltadas ao bem colaboram continuamente com a obra de Deus, desempenhando, entre outras tarefas, aquelas de soerguimento dos Espíritos comprometidos com as Leis Divinas, pois se é verdade que os Espíritos que se entregaram à prática do mal sofrem as suas conseqüências, é também verdade que o seu sofrimento dura apenas até o momento em que se disponham à necessária reparação.

Desse modo, o Espiritismo nos ensina que não existem Céu e Inferno localizados, como regiões fixas, onde as almas ou gozam de felicidade estática, contemplativa, ou sofrem dores e castigos eternos. Céu e Inferno devem ser considerados como estados da alma, resultantes, na verdade, do comportamento íntimo de cada um.

Assim, sente-se no Céu, em qualquer local onde se encontre, o Espírito que tem a consciência tranqüila do dever cumprido, de ter empenhado seus esforços no sentido de praticar todo o bem que esteve ao seu alcance, de ter procurado sempre aprimorar-se espiritualmente. Esse Espírito, além da paz vivida intimamente, constrói verdadeiros núcleos de felicidade, de alegria, de trabalho e de progresso, juntamente com outros que pensam, sentem e agem do mesmo modo, reunidos que são pela lei de afinidade.

Igualmente, sente-se no Inferno o Espírito que agiu contrariamente às Leis Divinas: aquele que viveu o egoísmo, a brutalidade, a ganância, o ódio, a inveja, o ciúme, a perseguição, a maledicência e tantas outras situações contrárias ao que ensina o Evangelho. Aonde quer que vá, mesmo ainda encarnada, essa criatura estará vivendo verdadeiros tormentos íntimos, decorrentes do mal praticado e ainda não resolvido. O seu estado de sofrimento independe do local onde se encontre, pois carrega o Inferno dentro de si mesma. Ao desencarnar, a lei de afinidade faz com que as criaturas voltadas ao mal se reúnam, criando, elas próprias, verdadeiros núcleos infernais onde umas impõem sofrimentos às outras.

Aprendemos, no Espiritismo, que a Justiça Divina nos possibilita, a qualquer momento, imprimir novo rumo à nossa vida. Nada é eterno, senão o Bem. Emmanuel nos diz que "Permanecer na sombra ou na luz, na dor ou na alegria, no mal ou no bem, é ação espiritual que depende de nós." E mais, "O céu começará sempre em nós mesmos e o inferno tem o tamanho da rebeldia de cada um."

c) Fixação e avaliação: Teste.

O Evangelizador deverá apresentar o teste "certo / errado", da página 70, pedindo que as crianças justifiquem as respostas dadas (1 E; 2 E, 3 C, 4 C, 5 E, 6 C).

d) Material didático: Exemplar de "O Céu e o Inferno" e tiras de papel contendo exercício.

O Evangelizador deverá fazer cópias desta folha, recortá-las em tiras, e distribuí-las individualmente ou em grupos, a fim de que as crianças respondam.

\$ -----

- Deus, ao criar a Terra, criou também o Umbral para mandar para ali os Espíritos faltosos.
- Os Espíritos que estão no Umbral ou nas Trevas devem ficar nesses lugares por um tempo fixo.
- O Umbral existe porque existem Espíritos comprometidos com o mal.
- Existem zonas de sofrimento que se assemelham ao Purgatório do Catolicismo.
- Os Espíritos que estão em Planos Espirituais equilibrados já não têm ocupações.
- Céu e Inferno são estados de consciência do Espírito.

\$ -----

- Deus, ao criar a Terra, criou também o Umbral para mandar para ali os Espíritos faltosos.
- Os Espíritos que estão no Umbral ou nas Trevas devem ficar nesses lugares por um tempo fixo.
- O Umbral existe porque existem Espíritos comprometidos com o mal.
- Existem zonas de sofrimento que se assemelham ao Purgatório do Catolicismo.
- Os Espíritos que estão em Planos Espirituais equilibrados já não têm ocupações.
- Céu e Inferno são estados de consciência do Espírito.

\$ -----

- Deus, ao criar a Terra, criou também o Umbral para mandar para ali os Espíritos faltosos.
- Os Espíritos que estão no Umbral ou nas Trevas devem ficar nesses lugares por um tempo fixo.
- O Umbral existe porque existem Espíritos comprometidos com o mal.
- Existem zonas de sofrimento que se assemelham ao Purgatório do Catolicismo.
- Os Espíritos que estão em Planos Espirituais equilibrados já não têm ocupações.
- Céu e Inferno são estados de consciência do Espírito.

\$ -----

- Deus, ao criar a Terra, criou também o Umbral para mandar para ali os Espíritos faltosos.
- Os Espíritos que estão no Umbral ou nas Trevas devem ficar nesses lugares por um tempo fixo.
- O Umbral existe porque existem Espíritos comprometidos com o mal.
- Existem zonas de sofrimento que se assemelham ao Purgatório do Catolicismo.
- Os Espíritos que estão em Planos Espirituais equilibrados já não têm ocupações.
- Céu e Inferno são estados de consciência do Espírito.

\$ -----

PLANO DE AULA

1. TEMA: Lei de Sociedade

2. OBJETIVO: A criança deverá sensibilizar-se quanto à importância da vida em sociedade, como forma de o Espírito progredir mais rapidamente pelo contato com os semelhantes.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 5: 23, 44 e 46 a 48, 6: 6 e 7; Lc, 10: 1 a 9, 25 a 37; Rm, 14: 19.

ESE, 17: 2; LE, 766 a 775, 790 a 797.

Leis Morais da Vida (Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco), cap. 7; Conduta Espírita (André Luiz / Waldo Vieira / F. C. Xavier), caps. 9 e 37); Evolução em dois Mundos (André Luiz / F. C. Xavier), 2ª parte, cap. 7; Pão Nosso (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 46.

4. AULA:

a) **Incentivação inicial:** Interrogatório.

O Evangelizador perguntará às crianças o que acham de uma pessoa que, a pretexto de não se aborrecer e não aborrecer os outros, resolve morar numa região completamente isolada, mesmo porque o mundo hoje é cheio de vícios que podem comprometer seu futuro espiritual.

Anotará as respostas e, eventualmente alguma pergunta das crianças, dizendo: “vejamos o que Jesus disse aos discípulos e o que os Espíritos Superiores responderam a Kardec a esse respeito”.

b) **Desenvolvimento:** Exposição dialogada.

O Evangelizador deverá introduzir o assunto, com base nas respostas, nos comentários e nas perguntas das crianças:

A Sociologia ensina que o homem é um animal social, ou seja, que nasceu para viver em comunidade, isto é, em famílias, grupos, povos. Ao afirmar isso, a Sociologia está de acordo com os ensinamentos espíritas, que mostram a necessidade da convivência, a fim de que a criatura possa desenvolver a tolerância, a bondade, a benevolência, a fraternidade, o amor ao próximo, enfim.

Entretanto, existem religiões que admitem a vida de isolamento. Aqueles que se dedicam a essa prática, passam toda a sua vida em comunidades fechadas, recolhidos em celas, com o intuito de orarem continuamente, dedicando, segundo dizem, suas vidas a Deus. E não se trata de casos isolados, pessoais, mas sim de congregações que têm como característica principal a vida de isolamento, de fuga ao mundo.

Será que são agradáveis a Deus esses encarceramentos voluntários? Como conciliar isso com o exemplo de Jesus, que nunca se isolou do convívio com as criaturas? Jesus vivia a vida de um homem comum na sociedade do seu tempo, trabalhando, ensinando, amparando, curando. Não era o Mestre uma figura estranha que habitasse uma gruta ou um refúgio qualquer. Jesus participava intensamente da vida em sociedade, pois comia com as pessoas, conversava com todos, hospedava-se em casas de amigos. Ele não fez isso em caráter exclusivamente pessoal, uma vez que aconselhou os Apóstolos a saírem pelo mundo a pregar a Boa Nova, embora reconhecesse as dificuldades da convivência, dizendo: “Ide, eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos.” (Lc, 10: 3) E não se tem notícia de que nenhum dos seus discípulos tenha fugido da convivência social e se tenha isolado do mundo.

Será que para agradar a Deus há necessidade de algumas criaturas se isolarem para a prática da oração contínua? No Sermão da Montanha, Jesus deixou-nos dois ensinamentos que desautorizam tal atitude: “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente te recompensará.” (Mt, 6: 6). Vemos que Jesus recomendou a oração no lar e não no interior de templos ou de mosteiros, onde a criatura se isolaria para comungar com Deus. E, nesse ensinamento, fica demonstrado que não há necessidade de uma atividade exclusiva de oração: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos.” (Mt, 6: 7)

Allan Kardec pergunta aos Espíritos se a vida social está na Natureza. Isto é, se ela é decorrente de uma Lei de Deus. A resposta dos Espíritos não podia ser mais clara: “Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.” (LE, 766)

O ensinamento dos Espíritos é no sentido de conscientizar-nos a respeito da necessidade do convívio social, pois a criatura que se isola não tem oportunidade de exercitar a tolerância, a compreensão, a bondade, a benevolência, a caridade, pois é dessa relação social, dessa vivência em conjunto, que nasce o progresso dos povos. Como pode “amar o próximo como a si mesmo”, se não convive com esse próximo? Compreendendo bem o ensinamento dos Espíritos, Kardec comenta: “Homem nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não isolados.” (LE, 768)

Karde ainda argumenta com os Espíritos com quem dialoga, perguntando: “Concebe-se que, como princípio geral, a vida social esteja na Natureza. Mas, uma vez que também todos os gostos estão na Natureza, por que será condenável o do isolamento absoluto, desde que cause satisfação ao homem?” E a resposta dos Espíritos é no sentido de reforçar ainda mais a necessidade da vida em sociedade: “Satisfação egoísta. Também há homens que experimentam satisfação na embriaguez. Merece-te isso aprovação? Não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém.” (LE, 769) No item seguinte, os Espíritos dizem a Kardec que a reclusão absoluta, quando visa a fugir ao pernicioso contato com o mundo é um duplo egoísmo. Vemos que os Espíritos argumentam no sentido de que a criatura humana se porte conforme ensinou e exemplificou Jesus, em relação à vida em sociedade.

Nesse capítulo da Lei de Sociedade de “O Livro dos Espíritos”, Kardec aborda também a questão da vida em família, por ser esta a menor célula da sociedade. Pergunta o Codificador se a vida em família decorre de um costume social ou se é efeito de uma lei da Natureza. Respondem os Espíritos que a vida em família decorre de uma lei de Deus, que objetiva com isso a que os homens aprendam a amar-se como irmãos. Dizem também os Espíritos que a convivência nessa sociedade menor, propicia uma gradual passagem das experiências daqueles que já viveram mais na Terra. É na família que se dá, de modo gradual e contínuo, a transmissão dos valores religiosos e morais, da noção de respeito a Deus, à Vida, ao semelhante. É nesse convívio que se aprende a servir a Deus, na figura do seu representante mais legítimo, o nosso próximo, aquele que está realmente próximo, que convive conosco.

Assim, temos esclarecimentos que certamente nos levam a nunca imaginar uma vida apartada do mundo, a fim de vivermos em paz. Devemos aprender a viver em paz cultivando-a no nosso mundo interior e aprendendo a tolerar aqueles que ainda não lhe conhecem os valores. É claro que é mais fácil viver em paz se não há ninguém a nos trazer contrariedades. Mas devemos aprender a viver no mundo, aproveitando o que ele pode nos dar de bom e rejeitando tudo aquilo que julgarmos prejudicial, ante as verdades do Evangelho.

Devemos pensar que, se não recebemos dos outros tudo aquilo que desejaríamos receber, é hora de pararmos e perguntarmos a nós próprios: “Será que estou dando aos outros aquilo que esperam de mim?” “Será que estou fazendo aos outros aquilo que desejo que me façam?” O Evangelho nos ensina a dar a nossa contribuição ao mundo, sem esperar os resultados. A avaliação das nossas atitudes só poderá ser feita na convivência com o nosso semelhante, ou seja, na vida em sociedade.

Alguém poderá perguntar por que os espíritas promovem confraternizações à época do Carnaval. Será que não é uma forma de se fugir ao convívio social? Não, de forma alguma. Essas confraternizações, quando bem orientadas, não visam à fuga dos festejos carnavalescos. Visam ao aproveitamento dos feriados, como também se faz na Semana Santa, para o estudo, a meditação. É exatamente porque estamos vivendo em sociedade é que temos a oportunidade de decidir se participamos dessa ou daquela atividade. Se estivéssemos vivendo de modo permanente numa sociedade espiritualizada, não teríamos a oportunidade de escolha...

Lembre-mos de Jesus e dos grandes missionários que ele nos enviou, antes e depois da sua vinda. Vieram tolerar a ignorância, a maldade, a brutalidade, a traição, para trazer-nos suas lições de sabedoria e de amor. Se essas criaturas, que já conhecem o valor da paz, do respeito, da bondade, da tolerância e de tantos outros atributos nobres, estivessem esperando que a Terra chegasse à altura de receber seus ensinamentos sem incompreensão, eles estariam esperando até agora e nós não teríamos sido beneficiados com as suas lições elevadas. Assim, se nos julgamos superiores ao meio em que vivemos, não devemos nunca ansiar por um isolamento, pelo contrário, devemos valorizar a oportunidade que Deus nos deu, a fim de imitarmos os grandes Espíritos e darmos a nossa contribuição àqueles que estão mais atrasados que nós, convivendo com eles e auxiliando-lhes o progresso.

c) Fixação e/ou avaliação: Perguntas escritas.

O Evangelizador deverá pedir às crianças que respondam, por escrito ou oralmente, as perguntas da página 73.

d) Material didático: Exemplar de “O Céu e o Inferno” e tiras de papel com perguntas.

\$

1. O que Jesus quis dizer quando disse: “Ide, eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos”?
2. Será acertado procurarmos construir cidades, cujos habitantes sejam espíritas ou, ao menos, evangelizados?
3. Jesus e os Apóstolos conviviam com as outras pessoas, ou só apareciam na hora do trabalho espiritual?
4. Que você acha de uma organização religiosa que se dedique à oração, no sentido de produzir boas vibrações a fim de neutralizar tanto mal que existe no mundo?
5. As confraternizações espíritas, levadas a efeito durante o carnaval, não são, de alguma forma, uma fuga ao convívio social?

\$

1. O que Jesus quis dizer quando disse: “Ide, eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos”?
2. Será acertado procurarmos construir cidades, cujos habitantes sejam espíritas ou, ao menos, evangelizados?
3. Jesus e os Apóstolos conviviam com as outras pessoas, ou só apareciam na hora do trabalho espiritual?
4. Que você acha de uma organização religiosa que se dedique à oração, no sentido de produzir boas vibrações a fim de neutralizar tanto mal que existe no mundo?
5. As confraternizações espíritas, levadas a efeito durante o carnaval, não são, de alguma forma, uma fuga ao convívio social?

\$

1. O que Jesus quis dizer quando disse: “Ide, eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos”?
2. Será acertado procurarmos construir cidades, cujos habitantes sejam espíritas ou, ao menos, evangelizados?
3. Jesus e os Apóstolos conviviam com as outras pessoas, ou só apareciam na hora do trabalho espiritual?
4. Que você acha de uma organização religiosa que se dedique à oração, no sentido de produzir boas vibrações a fim de neutralizar tanto mal que existe no mundo?
5. As confraternizações espíritas, levadas a efeito durante o carnaval, não são, de alguma forma, uma fuga ao convívio social?

\$

1. O que Jesus quis dizer quando disse: “Ide, eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos”?
2. Será acertado procurarmos construir cidades, cujos habitantes sejam espíritas ou, ao menos, evangelizados?
3. Jesus e os Apóstolos conviviam com as outras pessoas, ou só apareciam na hora do trabalho espiritual?
4. Que você acha de uma organização religiosa que se dedique à oração, no sentido de produzir boas vibrações a fim de neutralizar tanto mal que existe no mundo?
5. As confraternizações espíritas, levadas a efeito durante o carnaval, não são, de alguma forma, uma fuga ao convívio social?

\$

1. O que Jesus quis dizer quando disse: “Ide, eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos”?
2. Será acertado procurarmos construir cidades, cujos habitantes sejam espíritas ou, ao menos, evangelizados?
3. Jesus e os Apóstolos conviviam com as outras pessoas, ou só apareciam na hora do trabalho espiritual?
4. Que você acha de uma organização religiosa que se dedique à oração, no sentido de produzir boas vibrações a fim de neutralizar tanto mal que existe no mundo?
5. As confraternizações espíritas, levadas a efeito durante o carnaval, não são, de alguma forma, uma fuga ao convívio social?

\$

PLANO DE AULA

1. TEMA: Lei do Trabalho

2. OBJETIVO: A criança identificará no trabalho uma das leis de Deus, necessária ao aperfeiçoamento do Espírito encarnado ou desencarnado.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mc, 6: 3; Jo, 5: 17; At, 18: 3; 1 Ts, 2: 9 e 4: 11.

LE, 674 a 685

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), 235 a 241; Nosso Lar (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 11, 22, 26, 27 e 28;

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

O Evangelizador deverá perguntar às crianças se consideram o trabalho uma atividade natural do Espírito, encarnado ou desencarnado, ou se ele foi imposto por Deus como castigo. Após colher as opiniões, passar ao desenvolvimento.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Desenvolver os itens que considerar mais de acordo com a necessidade da turma, levando em conta as respostas e as opiniões dadas durante a incentivação inicial:

O Catolicismo Romano e o Protestantismo ensinam ter sido o trabalho instituído por Deus, com a finalidade de castigar, de punir a raça humana, em função do pecado cometido por Adão e Eva no Paraíso. É por esse mesmo motivo que essas religiões pregam o descanso, o sono após a morte, até o dia do Juízo Final, depois do qual os bons ficarão na eterna contemplação das belezas celestiais, em completa ociosidade. Essa idéia de imobilidade, de descanso após a morte é constatável até nas referências ao cemitério, pois é freqüentemente chamado de “Morada dos mortos” e ali se encontram inscrições como estas: “Descansa em Paz”. “Aqui jaz...”, “Aqui descansa Fulano de Tal”.

O Espiritismo, ao contrário, mostra que o trabalho é atividade normal na vida do Espírito, quer esteja encarnado, quer esteja desencarnado. É atividade necessária ao progresso espiritual. Não é castigo. É fator de enobrecimento!

Jesus, que sempre legitimou o ensinamento com o exemplo, demonstrou-nos a necessidade do trabalho, trabalhando, ele próprio, como um homem comum. Era carpinteiro. Essa condição de trabalhador é atestada no Evangelho de Marcos. Em Nazaré, após uma pregação que fizera, várias pessoas se admiraram dos sábios ensinamentos que ele trazia, achando que eram por demais elevados para partirem de um trabalhador braçal, e perguntaram: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago e de José, e de Judas, e de Simão?” (Mc, 6: 3). Além do seu testemunho em favor do trabalho, pela própria profissão exercida, Jesus ainda enfatiza a necessidade de trabalhar, quando afirma: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.” (Jo, 5: 17).

Também os Apóstolos trabalhavam. Mateus era cobrador de impostos. Simão Pedro, André, Tiago e João eram pescadores. Mesmo depois de convocados por Jesus ao serviço apostolar, continuaram trabalhando. Isso fica muito claro no Evangelho de João, no relato da pesca no Mar de Tiberíades, quando Jesus, já sem o corpo físico, orienta Simão Pedro, Tomé, Tiago e outros, que haviam passado a noite sem conseguir apanhar peixes, mostrando-lhes aonde deveriam lançar a rede. (Jo, 21: 2 e 3).

Paulo, conforme costume judaico, aprendeu o ofício de tecelão na infância. Depois do chamamento de Jesus na estrada de Damasco, ao assumir a condição de divulgador da Boa Nova, deixou de ser um profissional religioso e passou a ganhar o seu pão, retomando o trabalho manual. É ele mesmo quem relata: “Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o Evangelho de Deus.” (1 Ts, 2: 9).

O Espiritismo ensina que o trabalho é atividade natural do Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado. Os Espíritos Superiores, respondendo a Kardec dizem: “O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade...” (LE, 674). Kardec ainda pergunta aos Espíritos se aqueles que têm bens suficientes capazes de suprirem todas as suas necessidades têm o dever de trabalhar. Pergunta se esses não estariam isentos da necessidade do trabalho. Ao que os Espíritos respondem: “Do trabalho material, talvez; não, porém, da obrigação de tornar-se útil, conforme os meios de que disponha, nem de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho...” (LE, 679). Em várias respostas mais, os Espíritos dizem que trabalha-se também em mundos mais adiantados, sendo as atividades sempre compatíveis com a natureza desses mundo, mas há sempre a necessidade de uma ocupação.

O trabalho não existe só na Terra, na vida material. No Mundo Espiritual há muito mais trabalho que na Terra. André Luiz dá-nos muitas informações a respeito do trabalho na colônia espiritual que habitava: “Essas músicas procedem das oficinas onde trabalham os habitantes de ‘Nosso Lar’. Após consecutivas observações, reconheceu a Governadoria que a música intensifica o rendimento do serviço, em todos os setores de esforço construtivo. Desde então ninguém trabalha em ‘Nosso Lar’, sem esse estímulo de alegria.” (Nosso Lar, cap. 11). André Luiz esclarece, ainda, que lá o trabalho não é obrigatório, mas o Espírito que não trabalha tem só as necessidades básicas atendidas, enquanto que aquele que colabora tem muitas regalias.

Mas quem quiser trabalhar deve fazê-lo disciplinadamente, obedecendo aos regulamentos: “Cada um de nós, os que trabalhamos, deve dar, no mínimo, oito horas de serviço útil, nas vinte e quatro horas de que o dia se constitui. Os programas de trabalho, porém, são numerosos e a Governadoria permite quatro horas de esforço extraordinário, aos que desejem colaborar no trabalho comum, de boa-vontade. (Nosso Lar, cap. 22). Na citada colônia, há trabalho muito semelhante ao da Terra: “Temos aqui as grandes fábricas de ‘Nosso Lar’. A preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo.” (Nosso Lar, cap. 26). Como em todo o Universo, em Nosso Lar só o trabalho confere ao Espírito determinados direitos, conforme se deduz da resposta de Narcisa a André Luiz: “Sim, permaneço nas Câmaras de Retificação, em serviço ativo, há seis anos e alguns meses; entretanto, ainda me faltam mais de três anos para realizar meus desejos.” Narcisa explica que, aconselhada a recorrer à Ministra Veneranda, esta exigiu-lhe dez anos consecutivos de trabalho para depois atender-lhe um pedido. (Nosso Lar, cap. 28).

Além do trabalho nos Planos Espirituais, há imensa atividade desenvolvida pelos Espíritos na face da Terra, no socorro à saúde, nos trabalhos de segurança, de amparo e orientação espiritual, além daqueles específicos no campo da Botânica e da Zoologia.

Na Terra, não devemos encarar apenas a atividade manual ou braçal como trabalho. Toda atividade útil constitui trabalho. Uma criança que atende à porta, que dá um recado, que serve um copo d’água está executando um trabalho. As horas gastas na escola ou na preparação dos deveres escolares constituem trabalho também. Assistir a uma aula com atenção e interesse é um trabalho tão nobre e necessário quanto outro qualquer.

Não há ninguém que não possa trabalhar, desde que tenha saúde relativamente boa. Sempre há uma atividade, por pequena e simples que seja, que pode ser executada por quem disponha de boa vontade. Regar uma planta, prestar uma informação, dar um bom conselho, ouvir uma pessoa angustiada, tudo isso é trabalho. O importante é a pessoa estar pronta a servir

Todas as modalidades de trabalho são importantes e necessárias. É tão necessário o trabalho do médico, quanto o do lixeiro. Ambos contribuem para a saúde humana, cada um dentro da sua função. A atividade dos grandes cientistas depende, e muito, do trabalho daqueles que exerceram suas funções para que eles tenham comida, casa, roupa, etc. Assim, o cientista depende do lavrador, do alfaiate, do cozinheiro, do faxineiro e de tantas e tantas outras pessoas, que desenvolvem tarefas importantes também. Uma tarefa é mais ou menos importante, dependendo da boa vontade, da consciência, do amor daqueles que a executam.

À medida que o Espírito evolui, o trabalho vai-se tornando mais e mais agradável. Não porque as tarefas sejam mais atraentes em si mesmas, mas porque o Espírito vai compreendendo que, quanto mais trabalha, tanto mais se aproxima de Deus, tanto mais participa da Sua obra. Os Espíritos Superiores já não sentem o trabalho como tarefa, obrigação, mas o sentem como atividade natural, inerente à própria Vida, a ele se entregando com alegria, na condição de cooperadores conscientes da Obra Divina, do Reino de Deus.

Entretanto, embora enobreça e dignifique o homem, o trabalho não pode ser objeto de abuso de ninguém. Homem algum, por mais poderoso que seja, não tem o direito de impor excesso de trabalho ao seu semelhante.

Um ponto que deve ser ressaltado é o da contribuição do Espiritismo para o aperfeiçoamento das leis sociais relativamente ao trabalho e ao repouso.

Sabe-se que na Europa, no século XIX, os operários trabalhavam de 14 a 16 horas diárias. O trabalhador não tinha direito algum. Quando adoecia, depois de trabalhar anos a fio em locais insalubres, ou simplesmente depois de envelhecer, era sumariamente despedido. Até as crianças tinham o seu trabalho explorado, pois em 1847 o Parlamento Inglês, através de lei, limitou o trabalho infantil em 10 horas diárias. Nenhuma voz religiosa se levantava no sentido de se humanizar as condições de trabalho. Nenhuma religião cristã alertava os donos de empresas que impunham excessivo trabalho aos seus empregados quanto à responsabilidade que assumiam perante Deus.

A primeira Encíclica Papal que trata da questão operária é a “Rerum Novarum”, publicada em 1891, trinta e quatro anos depois de “O Livro dos Espíritos”, publicado em 1857. Portanto, a primazia do Espiritismo na defesa do trabalhador não pode ser negada. É fato histórico. “O Livro dos Espíritos”, em seu capítulo 3º, da 3ª parte trata especialmente de temas até então não discutidos pelas religiões dominantes, tais como: necessidade do trabalho, limite do trabalho e necessidade de repouso na velhice. Ali estão registradas sérias advertências, em nome da fraternidade, da moral religiosa, da caridade, relativamente à responsabilidade daqueles que impõem excessivo trabalho aos que lhes são subalternos, bem como os deveres da sociedade para com aquele cujas forças já não mais lhe permitem trabalhar.

Assim, vê-se que o Espiritismo vem nos mostrar que trabalho não é castigo. É atividade normal, decorrente de Lei de Deus, a ser desenvolvida por todas as criaturas, mas que não pode constituir-se em objeto de exploração de ninguém.

c) Fixação e/ou avaliação: Diálogo.

O Evangelizador deverá estabelecer um diálogo com as crianças, procurando ressaltar os pontos principais da aula, com base nos itens abaixo:

1. O Espiritismo ensina que o trabalho não é castigo de Deus.
2. Toda atividade útil é considerada trabalho.
3. Se não houvesse trabalho no Mundo Espiritual, como poderia Deus atender os pedidos de amparo de Seus filhos?
4. Para trabalhar, no Mundo Espiritual, é necessário que o Espírito se disponha a obedecer às regras disciplinares, como sejam,: horário, número de horas, natureza do trabalho, etc.
4. Como é confortante saber-se que, depois da morte do corpo físico, o Espírito pode continuar produzindo o bem, ajudando, colaborando na Natureza, servindo a Deus, enfim, e não estar entregue a um sono que não se sabe quando acaba.
5. Todas as criaturas têm sua oportunidade de servir à Vida, cada uma de acordo com o degrau evolutivo em que se encontre, por isso, todas as modalidades de trabalho são nobres.
6. Por mais rica que seja uma pessoa, não está desobrigada, perante a Lei de Deus, de desempenhar uma atividade útil, de ser útil ao seu semelhante e a Deus.
7. Jesus e os Apóstolos deram exemplo, trabalhando.
8. O Espiritismo foi a primeira religião cristã a discutir publicamente a questão do trabalho sob a ótica da moral religiosa.

d) Material didático: - - - - -

PLANO DE AULA

1. TEMA: Lei de Reprodução - Aspectos da sexualidade humana

2. OBJETIVO: A criança deverá perceber que a reprodução dos seres vivos é uma lei divina, com vistas à continuidade da vida física ao longo dos tempos.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 19: 4 e 5

LE, 3ª parte, cap. 4

Vida e Sexo (Emmanuel / F. C. Xavier); Leis Morais da Vida (Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco); Sexo e Destino (André Luiz / F. C. Xavier); A Constituição Divina (Richard Simonetti)

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador deverá dizer às crianças que há religiões que ensinam que toda a Humanidade é descendente de Adão e Eva, que teriam pecado, no Paraíso, por se terem relacionado sexualmente, contrariando as determinações de Deus. Como consequência, todas as criaturas que nascem, até hoje, herdaram esse pecado original. Depois desse relato, que já deverá ser do conhecimento de algumas crianças, perguntar-lhes se acham que o Espiritismo também aceita a idéia desse pecado original.

b) Desenvolvimento: Exposição.

Se Deus, através da evolução, permitiu que surgissem os peixes, os anfíbios, os répteis, as aves e os mamíferos com a capacidade de procriação através da comunhão sexual de um casal, por que no ser humano seria diferente? A comunhão sexual de um casal não é vista, no Espiritismo, como contrária à Lei de Deus, pois segundo nos ensinam os Espíritos Superiores, a reprodução dos seres vivos é uma lei da Natureza, ou seja, uma lei criada por Deus. Mesmo aqueles que não aceitam o Espiritismo deveriam ter chegado à conclusão que ver a comunhão sexual como contrária à Lei de Deus, é o mesmo que admitir ter o Criador armado uma cilada para o ser humano, dotando-o dos órgãos capazes de realizar a procriação, dotando-o do impulso para o ato sexual e proibindo-lhe praticá-lo. Seria de se perguntar como se processaria o povoamento do mundo. Além do mais, se tivesse realmente existido esse erro de Adão e Eva, por que Deus teria deixado que se perpetuasse e não teria tomado alguma medida saneadora?

Entretanto, essa idéia do pecado original influenciou de tal forma o Catolicismo Romano que este estabeleceu o celibato religioso, ou seja, a proibição do casamento para aqueles que dedicam suas vidas ao serviço religioso. A alegação é que conservando-se solteiras as pessoas, sem famílias, se encontram mais livres para o exercício das suas obrigações religiosas. Mas a verdade é que a proibição do casamento é absoluta, não se permitindo exceção alguma, ficando mais ou menos claro que ela se prende também à idéia de uma pureza maior daqueles que não se relacionam sexualmente.

A esse respeito, Kardec faz o seguinte comentário à resposta dos Espíritos (LE, item 699): “Não é possível que Deus se contradiga, nem ache mau o que ele próprio fez. Nenhum mérito, portanto pode haver na violação da sua lei. Mas se o celibato, em si mesmo, não é um estado meritório, outro tanto não se dá quando constitui, pela renúncia às alegrias da família, um sacrifício praticado em prol da Humanidade. Todo sacrifício pessoal, tendo em vista o bem e sem qualquer idéia egoísta, eleva o homem acima da sua condição material.” Como se vê, Kardec, apoiado nas afirmativas dos Espíritos, não condena de forma absoluta o celibato. Entretanto, a decisão de casar-se ou não deve decorrer de opção pessoal e não do temor de pecar ou de uma pressão da organização religiosa a que pertença.

O objetivo da reprodução é manter as espécies, dar continuidade à caminhada evolutiva dos Espíritos, através da encarnação em corpos físicos. É pela reprodução dos corpos físicos que o Espírito tem a oportunidade de voltar à Terra, usando uma nova vestimenta material, com vistas à sua evolução.

Entre os animais, a reprodução se dá por força do próprio instinto de que Deus os dotou, de vez que eles não têm capacidade de planejar seu futuro, não têm noção da conveniência de praticar ou não um ato, nem de avaliar-lhe as consequências por não terem desenvolvido, ainda, o senso moral.

Com a criatura humana é diferente. O homem tem condições de projetar seu pensamento no futuro, afim de avaliar se aquilo que faz ou deixa de fazer está de acordo com as suas conveniências de Espírito imortal. Além disso, o seu senso moral permite-lhe avaliar as conseqüências de seus atos sobre o próximo, pois a mesma Lei que o beneficia com o bem que faz, responsabiliza-o pelos males que produz.

Diante do fato de existirem ainda alguns poucos povos que adotam a poligamia, ou seja a possibilidade legal de um homem ter várias esposas, Kardec fez a seguinte pergunta aos Espíritos: “A igualdade numérica, que mais ou menos existe entre os sexos, constitui indício da proporção em que devam unir-se?” Observou o Codificador que, se a poligamia estivesse de acordo com a lei de Deus haveria um número maior de mulheres que de homens. Ele estava certo, pois a resposta dos Espíritos não deixa dúvidas: “Sim, porquanto tudo, em a Natureza, tem um fim.” Mas Kardec quer que o assunto fique ainda mais claro e volta a perguntar aos Espíritos: “Qual das duas, a poligamia ou a monogamia é mais conforme à lei da Natureza?” A resposta dos Espíritos, em consonância com a anterior: “A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição de dois seres que se unem. Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade.” (LE, itens 700 e 701).

Por estar a criatura humana num estágio evolutivo mais avançado, a sua reprodução necessita de maiores cuidados. Por isso é que o ser humano se organiza a partir de um casal, que se une, e essa união deve ser marcada, necessariamente, por fortes características de permanência, a fim de que os filhos possam receber os cuidados, tanto no que tange à preservação da saúde física, quanto ao encaminhamento moral. A essa união de dois seres, para formarem o ambiente mais conveniente à reprodução humana, dá-se o nome de casamento.

Diante do fato de terem surgido manifestações de certos intelectuais contra o casamento, Kardec pergunta aos Espíritos: “Será contrário à lei da Natureza o casamento, isto é, a união permanente de dois seres?” E a resposta dos Espíritos não poderia ser mais clara: “É um progresso na marcha da Humanidade.” Mas, para que não fique nenhuma incerteza quanto à necessidade dessa permanência da união de dois seres, pergunta: “Que efeito teria sobre a sociedade humana a abolição do casamento?” Novamente, os Espíritos respondem de molde a não deixar dúvida: “Seria uma regressão à vida dos animais.” (LE, itens 695 e 696).

A respeito dessas duas questões respondidas pelos Espíritos, Kardec faz o seguinte comentário: “O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre os povos, se bem que em condições diversas. A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.”

Existem pessoas que se dizem adeptas do “amor livre”, querendo com isso dizer que os seres humanos têm inteira liberdade de se relacionarem sexualmente, desde que tenham atingido a puberdade, pelo fato de isso acontecer entre os animais. Essas pessoas se esquecem de que os animais, ao se relacionarem, estão inteiramente aptos a assumirem, com responsabilidade, os filhos decorrentes do relacionamento sexual, tanto no sentido de lhes darem abrigo, quanto de os protegerem e orientarem para a vida.

Assim, vemos que, se por um lado a comunhão sexual é vista pelo Espiritismo como prática não só natural como necessária à continuidade da vida física, por outro, a Doutrina ressalta o nível de responsabilidade em que ela se deve dar, pois se depreende das respostas dos Espíritos que o relacionamento sexual irresponsável, fora de uma união com características de permanência, ou seja daquilo que se conhece por casamento, seria um retorno a etapas evolutivas já vencidas na fase da vida animal.

Emmanuel, sobre a tendência que se vê atualmente de liberdade sexual, diz: “Homem ou mulher, adquirindo parceira ou parceiro para a conjunção afetiva, não conseguirá, sem dano a si mesmo, tão-somente pensar em si. (...) Conferir pretensa legitimidade às relações sexuais irresponsáveis seria tratar *consciências* qual se fossem *coisas*, e se as próprias coisas, na condição de objetos, reclamam respeito, que se dirá do acatamento devido à consciência de cada um? (...) Sexo é espírito e vida, a serviço da felicidade e da harmonia do Universo. Conseqüentemente, reclama responsabilidade e discernimento, onde e quando se expresse. Por isso mesmo, nossos irmãos e irmãs precisam e devem saber o que fazem com as energias genésicas, observando como, com quem e para que se utilizam de semelhantes recursos, entendendo-se que todos os compromissos na vida sexual estão igualmente subordinados à Lei de Causa e Efeito; e, segundo esse exato princípio, de tudo o que dermos a outrem, no mundo afetivo, outrem também nos dará.” (Emmanuel, Vida e Sexo).

Como se vê, pelos ensinamentos dos Espíritos e de Kardec, o Espiritismo não apresenta a sexualidade como algo pecaminoso ou condenável. Pelo contrário, apresenta-o, no dizer de Emmanuel como “atributo não apenas respeitável mas profundamente santo da Natureza, exigindo educação e controle.”

A comunhão sexual, por envolver o sentimento e a emoção de uma outra criatura, deve revestir-se de seriedade e responsabilidade, não só de um perante o outro, como também em relação àquele que poderá reencarnar-se em conseqüência dela. Por isso, o Espiritismo nos alerta, fazendo com que meditemos e conduzamos o assunto a níveis mais altos de entendimento, deixando o campo da pura sensação física, entrando para a área das considerações espirituais.

Só o amor é capaz de legitimar o relacionamento sexual. Mas é o verdadeiro amor, aquele em que há um elo profundo entre as duas criaturas, envolvendo uma forte preocupação com o bem-estar do outro. Logo, se percebe que esse relacionamento não deve ser fruto de uma paixão, muitas vezes momentânea, mas de um sentimento nobre, sereno, que não impede o raciocínio, a fim de que os parceiros avaliem se estão em condições de assumir também as responsabilidades inerentes à maternidade e à paternidade.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

O Evangelizador poderá fazer algumas das perguntas abaixo, tendo sempre o cuidado de manter um clima de naturalidade, seriedade e elevação:

1. Por que o relacionamento sexual é considerado pecaminoso por algumas religiões?
Por causa do pretense pecado original, que teria ocorrido no Paraíso.
2. O Espiritismo considera a atividade sexual como natural?
Sim, pois foi criada por Deus e é através dela que os Espíritos reencarnam.
3. Que dizem os Espíritos a respeito do casamento? Poderia ser abolido?
Dizem que é um avanço na evolução humana e que sua abolição seria um retrocesso à vida animal.
4. O fato de nascer um número mais ou menos igual de homens e mulheres pode significar que a Lei da Natureza aponta para a monogamia?
Sim. É manifestação natural da lei de equilíbrio a apontar aos homens o caminho da moralidade.
5. Por que se deve evitar envolver o sexo em brincadeiras e anedotas?
Porque não se brinca com o que é respeitável e santo, conforme ensina Emmanuel.
6. Se ambos são seres vivos, qual a diferença entre o relacionamento sexual entre humanos e entre animais?
O relacionamento entre os animais é regido unicamente pelo instinto; entre os seres humanos há considerações morais, éticas, onde entram cogitações como a felicidade do outro e dos filhos que poderão resultar desse relacionamento.

d) Material didático: -----

PLANO DE AULA

1. TEMA: Lei do Progresso.

2. OBJETIVO: A criança deverá perceber que o progresso é lei divina a que todo Espírito está sujeito, e que o progresso individual contribui para a evolução da sociedade.

3. BIBLIOGRAFIA:

Rm, 12: 2

LE, 3ª parte, cap. 8; Gê, cap. 11, item 43

Estudos Espíritas (Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco), cap. 9.

Leis Morais da Vida (Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco), cap. 8

4. AULA:

a) Incentivação inicial: O Evangelizador dirigirá algumas perguntas às crianças sobre o que é “progresso”, como evoluímos, se o Espírito regride, etc., desenvolvendo, em seguida, o tema proposto, a partir das sugestões abaixo.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Encarnado ou desencarnado, o Homem tem como objetivo último o seu adiantamento moral, intelectual e espiritual. O Espírito, por Deus criado simples e ignorante (ou seja, sem conhecimento algum das coisas), encarna, na Terra, com a finalidade de promover o seu progresso. Uns o fazem mais rapidamente, outros, com mais vagar. Mas todos devem progredir sem cessar.

O Homem, desde o seu aparecimento na face da Terra, tem progredido: aprendeu a usar o fogo, a construir casas, pontes, máquinas, ferramentas, armas, veículos, etc., tudo isso desenvolvido ao longo de milhares de anos. Esse progresso material é resultado de sua evolução, do seu desenvolvimento intelectual. Progrediu e progride também no aspecto moral, melhorando as leis e as relações entre os povos. Do ponto de vista espiritual, nota-se também essa evolução: as Três Revelações (Mosaísmo, Cristianismo e Espiritismo) indicam estágios da maturidade espiritual do Homem. Ainda temos muito a caminhar, especialmente na prática dos ensinamentos de Jesus, mas, sem dúvida, a Humanidade melhorou muito em relação aos seus tempos primitivos.

Os Espíritos Superiores nos ensinam que o Homem traz dentro de si, como herança divina, a capacidade de progredir. Como uns se adiantam mais rapidamente, é dever desses ajudar aqueles que se situam à retaguarda, e isso se efetiva pelo contato social, pela convivência entre as pessoas, na vida em sociedade.

O Homem, sabemos, tem a liberdade, concedida por Deus, de caminhar mais ou menos rapidamente rumo à Perfeição. À medida que evolui, aumenta a sua responsabilidade pelas ações e atos que pratica, esteja ou não encarnado. Assim, fazer o bem ou o mal, na relação social, vai depender unicamente de si; mas, como o progresso é realizado paulatinamente, o Homem vai, aos poucos, distinguindo entre uma coisa e outra, aperfeiçoando-se e apurando o meio em que vive. Conforme disseram os Espíritos Superiores, “a moral e a inteligência são duas forças que não se equilibram senão com o tempo”. (LE, 780-b).

O progresso material que se processa na Terra é facilmente identificável em todos os campos da atividade humana. Se observarmos os avanços da Técnica e da Ciência, pode-se constatar um progresso que se desenvolveu em progressão geométrica. É só compararmos o que era o mundo à época de Jesus e o que é agora. A evolução que se deu no campo da Medicina, da Engenharia, da Química, da Agricultura, da Indústria, é algo que salta aos olhos de qualquer observador. Os meios de comunicação e de transporte progrediram tanto que, dentro de uma mesma geração, pode-se testemunhar modificações incríveis.

E no campo da ética, da moral, do sentimento será que houve um progresso semelhante? Há aqueles que negam progresso humano nesses campos. Dizem, os pessimistas, que o Homem continua sendo o mesmo ser atrasado que condenou Sócrates à morte, que crucificou Jesus, que mandou inúmeros cristãos para a arena. Será isso verdade?

Não se pode negar que ainda existe muita violência no mundo, que o progresso moral não se deu na mesma proporção que o material. Mas houve um sensível progresso também nesse campo. Hoje, o mundo, embora as injustiças que se vêem diariamente, é muito mais humano do que no passado. No campo do Direito houve uma grande transformação. É só observarmos as condenações de Sócrates, a de Jesus e de tantos outros mártires. Nos dias atuais, essas execuções não aconteceriam. A idéia de escravidão repugna a qualquer criatura e o direito do trabalhador é a cada dia mais reconhecido. É de se notar que hoje existem leis que protegem os animais, as plantas, e a própria Natureza. No campo da assistência social houve um avanço imenso. No tempo de Jesus, as criaturas que contraíam moléstias consideradas perigosas eram enviadas ao vale dos imundos, para lá morrerem, sem nenhuma assistência médica. Hoje, existem inúmeras entidades de auxílio, tanto governamentais, quanto particulares que tratam dos necessitados.

Como vimos, a Humanidade progride sem cessar; os homens, entretanto, principalmente aqueles que ainda não atingiram suficiente compreensão do seu verdadeiro papel no mundo e do seu destino, como ser imortal que é, podem, muitas vezes, prejudicar a marcha do progresso, mas não detê-la; para estes que assim procedem, a dor e o sofrimento são molas que os despertarão, mais cedo ou mais tarde, para a realidade da vida imortal.

A respeito da marcha evolutiva da Humanidade, Allan Kardec, perguntando sobre que sinais ou indícios se pode reconhecer uma civilização adiantada, depurada, completa, recebeu a seguinte resposta dos Espíritos Superiores: “Vós a reconheceréis pelo desenvolvimento moral. Acreditais estar muito adiantados por terdes feito grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque estais melhor instalados e melhor vestidos que vossos selvagens; mas só tereis verdadeiramente o direito de vos dizer civilizados quando houverdes banido da vossa sociedade os vícios que a desonram e quando passardes a viver como irmãos, praticando a caridade cristã. Até esse momento não sereis mais do que povos esclarecidos, só tendo percorrido a primeira fase da civilização” (LE, item 793)

Sobre a influência que o Espiritismo terá no progresso da Humanidade, os Espíritos Superiores disseram que ele se tornará uma crença de todos, marcando uma nova etapa na História, pois que a Doutrina Espírita destruirá o materialismo, que é uma das chagas do mundo. Segundo Kardec, a marcha do Espiritismo será mais rápida do que a do Cristianismo, pois que é este que abre novos caminhos sobre os quais a Doutrina se desenvolverá (LE, item 798).

Finalmente, cabe a cada um de nós, em nosso dia-a-dia, contribuir para que a Humanidade progrida e seja feliz mais rapidamente, eliminando o orgulho e o egoísmo e praticando a lei de justiça, amor e caridade.

c) Fixação e/ou avaliação: Trabalho de grupo.

O Evangelizador poderá, por exemplo, dividir a turma em dois grupos, solicitando que um grupo anote itens com ações e procedimentos que retardam o progresso da Humanidade; o outro grupo relacionará, por sua vez, alguns itens que considera importante para que o Homem progrida mais rapidamente, moral e espiritualmente. Ao final da apresentação, o Evangelizador comentará, ressaltando os principais pontos da aula. No caso de uso do quadro-de-giz, cada grupo designará um representante para escrever no quadro, anotando os itens (sugestão a seguir):

GRUPO “A”

O que prejudica o Progresso::

Ambição; Autoritarismo; Brutalidade; Desordem; Desorganização; Egoísmo; Ignorância; Incompreensão; Indisciplina; Injustiça; Ódio; Orgulho; Preguiça; etc.

“GRUPO “B”

O que favorece o Progresso:

Amor; Bondade; Compreensão; Dedicção; Estudo; Honestidade; Humildade; Justiça; Ordem; Persistência; Sinceridade; Solidariedade; Trabalho; etc.

d) Material didático: Quadro-de-giz; giz; papel, lápis, borracha.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Humildade - significado, exemplos.

2. OBJETIVO: A criança deverá ser capaz de:

- a) definir “humildade” através das maneiras de expressá-la;
- b) compreender que ela é o melhor antídoto contra o orgulho.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 5:3; 18:1 a 5; 20:20 a 28; 11:25 a 30

ESE, cap. VII (todo)

Bem-Aventurados os Simples (Valérium / W. Vieira); Encontro Marcado (Emmanuel / F.C.Xavier), cap. 49;

Voltei (Irmão Jacob / F. C. Xavier), cap. 6

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Narração.

O Evangelizador contará a história abaixo, suscitando comentários das crianças. Após, desenvolverá os tópicos que se seguem.

HUMILDADE

O infeliz estava preso.

Sentenciado.

Passos medidos.

Movimentação controlada.

Entretanto, vivia aparentemente tranqüilo.

Assemelhava-se a um pássaro na gaiola.

Atitude humilde.

Olhar humilde.

Respostas humildes.

Reações de profunda humildade.

Veio o dia, porém, em que foi solto, e, após algumas horas de liberdade, a poucos passos da prisão, revoltou-se, insultou, agrediu os semelhantes e cometeu outro crime.

— o —

Não suponha você que a humildade seja calma constrangida na cadeia da prova.

A pessoa encarcerada obedece a regulamentos ou sofre vexames.

A criatura doente permanece no leito ou agrava a própria situação.

Mas se você tem o direito de reclamar e não reclama, se você pode fazer o mal e procura estender o bem, então a humildade começou a acender em você a luz da sua divina glória.

(Do livro “Bem-Aventurados os Simples”)

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Na história apresentada, o homem, embora tivesse a aparência de uma pessoa humilde, não o era na realidade. Encarcerado e vigiado constantemente, não lhe restava outra alternativa senão submeter-se, embora a revolta, a agressividade e a violência lhe envenenassem o coração. Surgida a primeira oportunidade, ele revelou o seu verdadeiro estado de alma, evidenciando, enquanto preso, uma humildade apenas aparente.

Às vezes, no decorrer de nossa vida, a enfermidade, a penúria, os dissabores nos encarceram em cadeias de provas difíceis e inevitáveis, às quais nos submetemos aparentemente humildes, mas com amargura e revolta íntimas. No entanto, quando a humildade verdadeira nos ilumina a alma, nós perdoaremos com alegria, muito embora tenhamos oportunidades de vingança fácil; nós praticaremos o bem, muito embora tenhamos liberdade de escolher o mal.

Jesus, durante sua vida, foi um exemplo de humildade, desde o seu nascimento na manjedoura pobre até a morte na cruz desprezada. As suas lições são repletas de referências à humildade. Disse Ele que são bem-aventurados os pobres de espírito (quer dizer, os humildes) porque deles é o Reino dos Céus. Ensinou-nos que aquele que quiser ser o maior, seja o servidor de todos e o que quiser ser o primeiro, seja o escravo, assim como Ele, que veio não para ser servido, mas para servir.

Conta-nos o evangelista Lucas que, num sábado, Jesus entrou em casa de um fariseu para tomar uma refeição. Notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares à mesa, Ele lhes ensinou:

“Quando fores convidado a algum casamento não te assentes no primeiro lugar, porque pode ser que esteja ali outra pessoa mais autorizada que tu, convidado pelo dono da casa, e que, vindo este que te convidou a ti e a ele te diga: dá o teu lugar a este; e tu, envergonhado, vás buscar o último lugar. Mas quando fores convidado, vai tomar o último lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: amigo, senta-te mais para cima. Servir-te-á isto então de glória, na presença dos que estiverem juntamente sentados à mesa. Porque todo o que se exalta será humilhado; e todo o que se humilha será exaltado.” (Lc, 14: 7 a 11).

Os Espíritos, com mais razão, devem esforçar-se para ser humildes, porque o Espiritismo, além de reviver todas estas lições de Jesus, vem confirmar a teoria pelo exemplo, mostrando que os grandes, no mundo dos Espíritos, são os que foram pequenos na Terra, e que lá, freqüentemente, são bem pequenos os que foram grandes e poderosos.

A Doutrina Espírita nos apresenta o testamento dos Espíritos, em reencarnações sucessivas, onde aqueles que mais se elevaram numa existência, desviados pelo orgulho e pela ambição, são abaixados até o último lugar na existência seguinte.

Humildade é o contrário de arrogância, de prepotência, de orgulho, de vaidade. Portanto, ser humilde não significa ser aquela pessoa que anda de cabeça baixa, que nunca dá a sua opinião, que concorda com tudo, sem discutir. A pessoa humilde dá sua opinião, e pode dá-la com firmeza, lutando pelas suas idéias, mas dentro de um padrão de delicadeza, de serenidade, de simplicidade, sem desejar impor seus pensamentos aos outros. Esse foi sempre o comportamento de Jesus que, sendo firme, nunca humilhou os outros, mas nunca deixou de dizer a verdade, ensinando tudo aquilo que devia ser ensinado.

Diz-nos o Espírito Emmanuel: “Humildade não é omitir-nos e sim conservar-nos no lugar de trabalho em que fomos situados pela Sabedoria Divina, cumprindo os nossos deveres, sem criar problemas, e oferecendo à construção do bem de todos o melhor concurso de que sejamos capazes.” (Encontro Marcado, cap. 49).

Diante destes ensinamentos, concluímos que a humildade é uma virtude que nos assegura paz e segurança, valendo a pena os esforços que fizemos para conquistá-la. O espírito que conseguir ser humilde se fará, naturalmente, grande no Mundo Espiritual.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

O Evangelizador poderá fazer perguntas aos alunos, como as que são sugeridas a seguir:

- 1) Toda pessoa que está sofrendo é humilde?
- 2) Por que podemos afirmar que o sentenciado da história não era humilde?
- 3) O que Jesus quis dizer com a expressão “pobres de espírito”?
- 4) Quem quer repetir o relato do evangelista Lucas, referente ao ensinamento de Jesus na casa do fariseu?
- 5) O que o Espiritismo acrescenta aos ensinamentos evangélicos referentes à humildade?

d) Material didático: Quadro-de-giz; giz.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Igualdade dos Direitos do Homem e da Mulher

2. OBJETIVO: A criança deverá sensibilizar-se para uma vivência liberta de preconceitos, aceitando a igualdade de direitos do homem e da mulher como consequência da própria justiça divina.

3. BIBLIOGRAFIA:

Deuteronômio, 5: 21

Ef, 5: 28; Lc, 23: 55 e 24: 10

LE, 817 a 822

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), 67, 189 e 385; Pão Nosso (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 93;

Religião dos Espíritos (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 52

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

Perguntar às crianças se sabem o que é “feminismo” e por que surgiu. Obtidas as respostas, perguntar se acham que o assunto interessa ao Espiritismo.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Desenvolver os itens abaixo, enriquecendo-os através de consulta à bibliografia acima:

O Feminismo é um movimento em favor dos direitos das mulheres, iniciado à época da Revolução Francesa (1789), liderado por filósofos e escritoras. Esse movimento durou pouco e ficou no esquecimento até a época da publicação do Livro “Sujeição das Mulheres”, de Stuart Mill, em 1869 e da ação de um grupo de mulheres que defendiam o direito de voto, conhecidas como as “sufragistas”.

Entretanto, Jesus já havia deixado exemplos da observância dos direitos da mulher quando passou pela Terra. Até Jesus, a mulher não tinha direito algum. Era considerada propriedade do pai, do marido, ou mesmo dos irmãos, sendo tratada como se fosse uma simples mercadoria ou animal. Era vista como um ser inferior, destinada aos cuidados dos filhos e aos trabalhos domésticos, mesmo os mais rudes e pesados. Entre os judeus, a mulher não se assentava à mesa com o marido e os filhos. À mãe, juntamente com as filhas, cabia a tarefa de servir não só ao chefe da casa e seus convidados, mas também aos filhos homens, cujos direitos eram muito mais amplos que os das filhas. Não tinha o direito de escolher seu marido, sendo o seu casamento acertado com o pai, ou mesmo com um irmão.

Jesus, rompendo com os costumes da época, valorizou a mulher, tendo tido seguidoras do seu Evangelho que se notabilizaram pela lealdade e pela coragem com que enfrentaram os dias difíceis que antecederam e sucederam o drama do Gólgota. Pela sua atitude nobre e justa diante da mulher, o Mestre, não raro, era censurado pelos homens, tendo sido, nos primeiros tempos, incompreendido até mesmo pelos seus discípulos. Entretanto, isso não é difícil de se entender, levando-se em conta que, entre os judeus, a participação da mulher era também restrita nas atividades religiosas. Ela não participava em pé de igualdade do culto religioso, e sua presença no templo se fazia obrigatoriamente com a cabeça coberta.

Apesar de terem sido muito claros e marcantes os exemplos de Jesus, no que toca aos direitos da mulher, a civilização cristã não os assimilou completamente. Aliás, na verdade, assimilou muito pouco. Ao longo do tempo, após Jesus, a mulher continuou a sofrer restrições, tanto na vida em sociedade, quanto na própria família e também no meio religioso.

À época da Codificação da Doutrina Espírita – meados do século passado – a subalternidade da mulher continuava, mesmo ou principalmente no meio religioso: o sacerdócio, em todos os setores do Cristianismo, nas suas variadas modalidades, era invariavelmente exercido pelos homens. A condição de inferioridade da mulher continuava e não se lhe permitia acesso a lugares de destaque no quadro dos dirigentes de nenhuma

das religiões cristãs. Até mesmo o manuseio de objetos usados nos rituais, durante os serviços religiosos, não lhe era permitido.

O Espiritismo, na sua missão de reviver o Cristianismo na sua pureza e simplicidade iniciais, retomou a bandeira do feminismo quando ninguém se preocupava com os direitos da mulher. No século XIX, as religiões mantinham em relação à mulher a mesma atitude dos judeus de há dois mil anos. Nem mesmo o movimento iniciado durante a Revolução Francesa sensibilizou os meios cristãos. Só depois da publicação, em 1857, de “O Livro dos Espíritos”, é que surgiram, em vários pontos da Terra, movimentos que visavam a conscientizar a sociedade a respeito da igualdade dos direitos do homem e da mulher.

Consoante os ensinamentos dos Espíritos Superiores (ver questão 817 a 822 de “O Livro dos Espíritos”), uma sociedade perfeita consagra os mesmos direitos ao homem e à mulher, uma vez que eles são iguais, como Espíritos, criados por Deus. O que há de *diferente* são as *funções* que ambos desempenham na sociedade, mas mesmo essa diferença de funções não significa mais vantagem para um dos sexos, em detrimento do outro, porque, à luz da reencarnação, sabemos que, como Espíritos eternos que somos, poderemos voltar à Terra numa ou noutra condição. Em verdade, ninguém pode queixar-se da sua condição de homem ou de mulher, de vez que nos encontramos reencarnados no sexo de que necessitamos, devidamente assistidos, no Mundo Espiritual, pelos nossos protetores, Espíritos amantíssimos, que nos orientam sempre, de acordo com as nossas necessidades de progresso.

Na Terra, existem funções às quais os homens se ajustam melhor. Outras são mais compatíveis com as condições da mulher. A própria diferença de natureza física bem demonstra isso. O homem, mais musculoso, encarrega-se dos trabalhos mais rudes, mais pesados; a mulher, mais frágil, deve encaminhar-se para as tarefas onde predominam a delicadeza, a sutileza. Há, entretanto, algumas atividades que podem ser desenvolvidas indiferentemente, tanto por uma, quanto por outro.

No Mundo Espiritual, conforme nos relata André Luiz na obra “Nosso Lar”, à mulher são atribuídas muitas funções de alta relevância, que não se restringem apenas a setores especificamente femininos, como o amparo à infância, educação, enfermagem, mas também a setores administrativos. Como exemplo, notemos que as funções de ministro daquela colônia espiritual são exercidas também pelo espírito Veneranda.

No Espiritismo é respeitada a igualdade dos direitos do homem e da mulher, *de modo integral*. Tanto um, como outra, pode ser dirigente de agrupamento, ser médium, ser evangelizador, dar passe, fluidificar água, doutrinar espíritos ou executar quaisquer tarefas outras. Assim, nada impede que a presidência da Federação Espírita Brasileira, da União Espírita Mineira, da Aliança Municipal Espírita ou de um Centro Espírita seja exercida por mulheres.

A Doutrina Espírita nos conscientiza de que nós, Espíritos eternos, temporariamente encarnados, devemos compreender que a nossa condição de homem ou de mulher decorre unicamente de necessidade evolutiva, transitória, não constituindo privilégio para um, em detrimento do direito do outro. Se Deus tivesse criado o homem para ser eternamente homem e a mulher para ser eternamente mulher, não teria agido com justiça. Assim vemos que só através do conhecimento da reencarnação a criatura humana pode entender a absoluta justiça de Deus.

Os primeiros ensinamentos, no contexto cristão, a respeito da igualdade dos direitos do homem e da mulher foram dados através dos exemplos claros e marcantes de Jesus. Como, ao longo do tempo, caíram no esquecimento, coube a Allan Kardec, nos iluminados diálogos mantidos com os Espíritos Superiores, trazer de volta mais esta lição de Jesus. Tem, assim, o Espiritismo a primazia sobre todas as outras religiões, na iniciativa de reabrir esse assunto, básico no capítulo dos direitos humanos.

Pelo menos para a parte cristã da Humanidade: Jesus foi o primeiro feminista, e Kardec, o segundo!

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

d) Material didático: -----

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Pensamento - Força criadora, necessidade de sua educação

2. OBJETIVO: A criança deverá tomar conhecimento da força poderosamente criadora do pensamento e da necessidade que temos de conhecer aquilo que há em nosso campo mental, a fim de dirigirmos nosso pensamento para o Bem.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 6: 21, 12: 34, 26: 41; At, 8: 22; Tg, 2: 4

ESE, 8: 5 a 7; 27: 15; LE, 457, 467, 649, 662, 833 a 835; 919, 919-a

Vinha de Luz (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 157; Instruções Psicofônicas (Espíritos Diversos / F. C. Xavier), 34, 38, 54, 60 e 62; Pensamento e Vida (Emmanuel / F. C. Xavier), Prefácio, caps. 1, 2, 8 e 9

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Pedir às crianças que façam silêncio e que, mesmo com os olhos fechados, busquem ficar sem pensar em nada. É claro que dirão não terem conseguido. Depois, afirmarão que sempre estamos pensando em alguma coisa, que o pensamento não pára nunca.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Com base no fato de o pensamento não parar nunca, desenvolver comentários que levem a criança a sentir que, se não temos a capacidade de deter essa força criadora, temos o poder de dirigi-la para onde desejarmos, pois temos o nosso livre-arbítrio. Enfatizar que, na nossa condição de criaturas livres, ninguém pode dirigir o nosso pensamento, senão nós próprios.

Tudo o que falamos ou fazemos é manifestação exterior daquilo que pensamos. O pensamento é o começo, a matriz de todas as nossas palavras, boas ou más, de todos os nossos atos, bons ou maus. Por isso, Jesus, resumindo o mundo interior, o íntimo de cada pessoa, na palavra “coração”, ensinou: “... pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” (Mt, 12: 34).

Quando pensamos, emitimos ondas mentais como se fôssemos uma estação radiofônica. Essas ondas mentais vão ser captadas por outras criaturas, encarnadas ou desencarnadas, que tenham pensamentos iguais ou semelhantes aos nossos, estabelecendo-se, assim, uma ligação, uma sintonia, entre nós e os outros, de acordo com a lei de afinidade.

Do mesmo modo, quando alguém, encarnado ou desencarnado, pensa em algo em que pensamos, nós recebemos também, por nossa vez, a influência dessa criatura. Assim, vamos formando o nosso círculo de relacionamento, cujas características – boas ou más – estarão intimamente ligadas ao tipo de pensamento que sustentamos dentro de nossa cabeça. Não adianta dizer que queremos a companhia dos bons Espíritos apenas da boca para fora e alimentarmos pensamentos que se afinizam com Espíritos maus. Não podemos iludir a lei de afinidade com as nossas palavras, pois ela funciona não com base em palavras, mas com base nas vibrações mentais.

Todos os nossos atos, por mais espontâneos ou impensados que nos pareçam, refletem o nosso mundo interior, os nossos pensamentos habituais. Assim, quando uma pessoa fala um palavrão, ou usa uma palavra agressiva, esse palavrão ou essa palavra infeliz não é criação daquele instante. É produto que já estava armazenado no nosso arquivo mental, que sai nos momentos de descontrole. Nos momentos de nervosismo, de impaciência ou de raiva, usamos o material mental que temos à nossa disposição. São palavras que ainda mantemos em nossa mente, por achá-las interessantes, engraçadas ou modernas, embora não tenhamos coragem de repeti-las nos momentos de calma. Não são emprestadas de ninguém, são palavras nas quais pensamos, sem um esforço de repeli-las. Se não estamos acostumados a usá-las nos momentos de calma, oralmente, pelo menos as usamos mentalmente.

Assim também, os atos agressivos. Uma agressão física só pode partir de uma pessoa que ainda abriga a violência dentro de si, através de pensamentos de violência, de briga, de revolta, de vingança, etc. Uma pessoa que vive mentalmente a violência, suprindo sempre seu íntimo com filmes, leituras, conversas, pensando em agredir, quando perde o controle habitual, por uma circunstância qualquer, acaba agredindo mesmo. Antes da agressão física há sempre uma agressão mental.

O dito popular “a ocasião faz o ladrão” não reflete bem a verdade, de vez que a ocasião, a oportunidade, apenas revela os anseios, a vontade de furtar, conservada pela pessoa que ainda não se educou e que guarda em sua mente o desejo do furto. Aquele que ainda tem vontade de furtar, tão logo apareça a oportunidade, o faz! Uma pessoa que não admita apossar-se de coisa alheia, nunca furtará, haja as oportunidades que houver! Antes do ato errado, está sempre o pensamento errado. Desse modo, entendendo bem o poder do pensamento, podemos dizer que “a ocasião revela o ladrão.”

Desse modo, em reconhecendo o poder do pensamento, a criatura que desejar progredir espiritualmente deve buscar educá-lo, dirigi-lo para o Bem, pois quem pensa no Bem, fala com equilíbrio e age com acerto.

Se quisermos realmente promover o nosso progresso espiritual, devemos ser honestos conosco próprios, buscando verificar, corajosamente, os vários tipos de pensamentos que abrigamos em nossas mentes. Não é possível um real aprimoramento na nossa maneira de falar e de agir sem uma reformulação, para melhor, no nosso campo mental, ou seja, no nosso pensamento.

E como renovar o nosso campo mental? Como aprimorá-lo? Cuidando daquilo que entra na nossa cabeça, através dos olhos, dos ouvidos, ou seja, das leituras, dos filmes, das conversas, etc. Por isso, devemos selecionar a nossa leitura, os filmes que vemos, as conversas que mantemos, o tipo de anedota que nos atrai, pois tudo isso vai influenciar o nosso pensamento. Porém, mais do que observar o que nos vem de fora, é necessário observarmos o que guardamos em nossa mente. É claro que muitas vezes não podemos deixar de ver uma cena, ou de ouvir um palavrão ou uma anedota menos feliz. Aí é o momento de fazermos a seleção daquilo que nos é oferecido e verificarmos o que nos interessa guardar ou rejeitar. Às vezes é difícil esquecermos de pronto aquela palavra ou expressão que até achamos engraçada no primeiro momento em que ouvimos. Mas, se realmente queremos progredir, devemos fazer esforços para jogar fora esse lixo mental, recorrendo, se preciso à prece.

Jesus, ao recomendar “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação...” (Mt, 26: 41), não nos está recomendando olhar para fora, não está convocando a nossa atenção para observarmos os outros, aqueles que nos podem “tentar”. O Mestre está, com essas palavras, advertindo-nos para que busquemos aprimorar, aperfeiçoar, o nosso pensamento, aquilo que estamos guardando dentro de nós, de vez que a tentação não vem de fora. O que vem de fora é a resposta das mensagens mentais que emitimos quando pensamos. Se pensamos o bem, entramos em sintonia com bons Espíritos, encarnados ou desencarnados. Se pensarmos o mal, estaremos convidando Espíritos ligados ao mal a virem até nós. Como não podemos parar de pensar, conforme verificamos no início do nosso estudo, o jeito é selecionarmos os pensamentos, se quisermos progredir.

Além desses aspectos psicológicos e morais, há aqueles de natureza material. O pensamento influi diretamente na saúde física. Quantas pessoas freqüentam em vão consultórios médicos em busca da cura de males físicos, cujas raízes estão no próprio pensamento. Todos os estados mentais negativos influem perniciosamente sobre a saúde do corpo físico. Conscientes disso, devemos evitar os pensamentos de cólera, ódio, angústia, revolta, mágoa, ansiedade, etc., em nosso próprio benefício.

Em reconhecendo a força criadora do pensamento, com possibilidades inimagináveis de realização, com possibilidade de influenciar o campo mental do nosso próximo e a nossa própria saúde física, resta-nos o dever de nos esforçarmos continuamente no sentido de vigiarmos o nosso pensamento, encaminhando-o sempre para o Bem.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório, através de perguntas escritas, que deverão ser distribuídas às crianças, individualmente ou em grupos.

c) Material didático: Tiras de papel, contendo perguntas.

Abaixo, algumas sugestões para ajudar o Evangelizador no controle das respostas:

1. Jesus quer dizer que sempre falamos de acordo com aquilo que é conscientemente admitido por nós, aquilo que está dentro de nós, aquilo que está na nossa mente, no nosso coração, ou seja os nossos sentimentos bons ou maus.

2. Não. A ocasião não faz o ladrão. Aquele que rouba, aproveitando-se da ocasião, ainda guarda dentro de si o desejo de se apossar daquilo que não lhe pertence. A frase correta seria: “A ocasião revela, demonstra o ladrão que ainda existe dentro de um indivíduo.”

3. Porque aquilo que nos entra na mente pelos ouvidos ou pela vista certamente vai influir na nossa maneira de pensar e de agir, uma vez que somos criaturas oscilantes entre o bem e o mal. O melhor, então, é procurar sempre as boas influências.

4. Sim, pode. Se assistimos a um filme violento, “entrando” nas lutas, nas brutalidades, nas mortes, nas destruições, participando delas através da nossa emoção, estamos admitindo aquilo como bom, logo incorporamos aquela maneira de agir como nossa.

5. Sim, pois o pensamento de cólera nos agita muito, faz-nos entrar em tensão, preparando o nosso corpo para a luta, e esse estado é altamente desgastante das forças físicas. É só observar como aumenta a pulsação de uma pessoa enraivecida.

6. Jesus chama-nos a atenção para a necessidade de vigiarmos o nosso campo mental, de observarmos as idéias que estamos mantendo dentro da nossa cabeça, pois delas depende o nosso modo de agir.

7. Sim, é claro. Fugindo das anedotas maliciosas, do palavrão, da violência, nosso pensamento não será agradável aos Espíritos que se comprazem no mal. É uma questão de sintonia e de opção nossa.

8. O nosso pensamento pode atrair Espíritos desencarnados e encarnados, bons ou maus, de acordo com a lei de afinidade ou de simpatia. De nós depende a escolha. Quem pensa o bem, liga-se aos bons; quem pensa o mal, aos maus.

\$

1. Que quer Jesus dizer com a expressão: “... pois do que há em abundância no coração, fala a boca”.

\$

2. Está correta a afirmativa: “A ocasião faz o ladrão”? Se não está, como ficaria melhor?

\$

3. Por que devemos ter cuidado com aquilo que lemos, que ouvimos?

\$

4. Um filme violento pode levar-nos à prática de atos violentos? Em que situação?

\$

5. O pensamento de cólera pode influir na saúde física?

\$

6. Que quer Jesus dizer com a frase: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação”?

\$

7. Podemos afastar Espíritos malévolos com o nosso pensamento?

\$

8. O nosso pensamento, além de influir nos Espíritos desencarnados, pode influir nos encarnados?

\$

PLANO DE AULA

1. TEMA: Religião Espírita

2. OBJETIVO: As crianças deverão receber subsídios para estabelecer um conceito preciso de *religião* e se conscientizarem a respeito do caráter profundamente religioso da Doutrina Espírita.

3. BIBLIOGRAFIA:

Jo, 4: 20 a 26; Mt, 5, 6 e 7

LE, 626 a 628; ESE, 1: 8

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), 260, 282, 292 a 295; Boa Nova (Humberto de Campos / F. C. Xavier), cap. 20; Roteiro (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 10 e 20; Paulo e Estêvão (Emmanuel / F.C.Xavier)

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

O Evangelizador procurará estabelecer um diálogo com as crianças sobre o caráter religioso do Espiritismo, fazendo perguntas como estas: Vocês acham que o Espiritismo é uma religião? Alguém aqui já ouviu dizer que o Espiritismo não é uma religião? O que alegaram para comprovar o que diziam? Anotar cuidadosamente as afirmativas das crianças para se referir a elas durante o desenvolvimento da aula.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Introduzir o assunto, dizendo que, realmente, há pessoas que afirmam que o Espiritismo não é uma religião, classificando-o apenas como ciência e/ou filosofia, pelo fato de não promover solenidades religiosas, nem rituais.

A seguir, explicar como será desenvolvida esta aula:

“Hoje vocês vão me ajudar a dar a aula. Neste envelope (ou caixa) estão alguns itens, numerados, que vão esclarecer-nos e deixar-nos bem cientes desse assunto. Cada um de vocês retirará um item, depois, o lerá em silêncio e procurará refletir sobre o assunto. Em seguida, por ordem de numeração, cada um lerá seu item em voz alta e tentará explicá-lo aos colegas. Se precisarem, eu ajudarei vocês. Todos compreenderam?”

O Evangelizador deverá fazer cópias dos itens abaixo, separados em tiras, dobrados e colocados numa caixa ou num envelope, de onde as crianças os retirarão.

3<-----

1- Jesus veio à Terra para trazer uma nova concepção religiosa. Seus ensinamentos e exemplos modificaram completamente a idéia que se tinha a respeito de religião. Até Jesus, a prática religiosa se restringia quase que exclusivamente aos rituais e solenidades levados a efeito no interior dos templos. Os templos eram vistos como lugares sagrados, como “casas de Deus”. Lá, as pessoas compareciam também para fazer suas oferendas, suas orações e seus pedidos à Divindade.

3<-----

2- Os judeus usavam seus templos também para leituras e comentários dos textos dos profetas. Jesus, conforme se lê nos Evangelhos, como judeu que era, freqüentava o templo, e lá fazia leituras dos textos sagrados e os comentava. Não há nenhum registro de que tenha o Mestre participado de algum ritual. Ele usava a sinagoga para suas pregações da Boa Nova, mas não o fazia ali pelo fato de julgar esse lugar mais santo ou mais sagrado que um outro qualquer, pelo fato de se desenvolverem ali orações e oferendas em meio a rituais próprios. Não. O Mestre simplesmente se valia do seu direito de cidadão judeu e aproveitava a reunião de pessoas que, dispostas ao estudo, poderiam ouvir suas pregações.

3<-----

3- A religião que Jesus trouxe à Terra não tem sua prática sujeita a hora ou lugar. É uma religião eminentemente dinâmica, capaz de interferir em todos os atos da vida diária. Não é uma religião meramente contemplativa. Para termos certeza disso, é só observarmos os relatos dos Evangelistas e verificaremos que o Mestre orava, consolava, amparava, exortava ao bem, curava, ensinava, em qualquer lugar em que se encontrasse.

3<-----

4- Para nos certificarmos do desprendimento de Jesus em relação aos templos e aos formalismos religiosos da época, basta seja lembrado que o Sermão da Montanha – onde se encontram as diretrizes principais da Doutrina Cristã – foi feito em plena Natureza, no alto de um monte, conforme seu nome já o diz.

5- Jesus orou no Horto das Oliveiras, no Monte Tambor (onde transfigurou-se), no lar de Simão Pedro e em muitos outros locais. Entretanto, não há um único relato de o Mestre ter-se dirigido a um templo para orar, ou para participar de rituais, ou para fazer oferendas a Deus. Suas oferendas ao Pai sempre as fazia através do bem que propiciava a Seus filhos. Para dar exemplo de que não há necessidade de templos, recomendou a oração na intimidade do lar: “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará.” (Mt, 6: 6).

6- Os Apóstolos e os Cristãos dos primeiros tempos entenderam bem a religião ensinada e exemplificada por Jesus, pois ao invés de erguerem templos suntuosos onde pretendessem glorificar a Deus, fundaram comunidades cristãs, como a “Casa do Caminho”, que eram, ao mesmo tempo, como já vimos, albergue, ambulatório, hospital, manicômio e templo-escola. Nelas era levado a efeito o estudo, a meditação das anotações dos Apóstolos a respeito dos ensinamentos do Mestre, à luz da oração e num clima de amor profundo. A idéia religiosa ali se materializava no serviço ao próximo, em nome do Bem.

7- Assim também entendeu Paulo que, chamado ao trabalho cristão pelo próprio Mestre na estrada de Damasco, não se transformou num sacerdote ou num místico. Não se internou em nenhum templo ou santuário. Pelo contrário, saiu, após preparar-se convenientemente, a pregar a Boa Nova e a curar corpos e almas, como fizera Jesus, entregando-se a essa tarefa até o fim dos seus dias na Terra.

8- Maria de Magdala, conforme nos relata Humberto de Campos no seu livro “Boa Nova”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, compreendeu que, ao invés de ficar na cidade, onde poderia comparecer à sinagoga para o culto de adoração a Deus, preferiu servir a Deus, nas pessoas dos leprosos que a procuraram, indo com eles para o Vale onde eram confinados, a fim de levar a todos os doentes os ensinamentos consoladores e libertadores de Jesus.

9- O Espiritismo, tendo vindo à Terra para reviver o Cristianismo na sua pureza e simplicidade iniciais, aparece no mundo como uma religião libertadora dos cultos e dos rituais que pouco a pouco foram sendo incorporados às práticas cristãs, como sendo atividades necessárias à comunhão com Deus. Ao incorporar os rituais e solenidades religiosas, o movimento cristão original transformou-se em Catolicismo Romano.

10- A Doutrina Espírita busca no Cristianismo primitivo aquela concepção religiosa legítima, sem sacerdócio organizado, sem dogmas impostos, sem templos, sem ídolos, sem objetos de culto, sem rituais. É uma religião que enfatiza a prática da tolerância, do perdão, do serviço ao próximo, do bem sem restrições, nos atos comuns da vida diária. É uma religião que ensina o cultivo do amor ao próximo como a maior manifestação do amor a Deus e a maior oferenda que se Lhe pode fazer.

11- O Espiritismo é uma religião de culto interior, que nos ensina a orar para entrarmos em comunhão com o Pai, com Jesus e com os Espíritos Superiores. Ensina-nos, também, o recolhimento através da meditação a fim de avaliarmos nossas ações, objetivando o nosso aperfeiçoamento moral, que é o seu objetivo maior.

Finda a leitura e os comentários dos itens acima, o Evangelizador concluirá, com as crianças, que para se entender o caráter religioso da Doutrina Espírita, basta que estudemos e meditemos sobre os ensinamentos religiosos de Jesus, agora revividos na sua pureza e plenitude. O Espiritismo é, assim, a própria religião cristã que volta. Mesmo porque, se o Espiritismo não é religião, Jesus não trouxe religião alguma à Terra.

c) Fixação e/ou avaliação: Diálogo

O diálogo se estabelecerá a partir da leitura de partes do texto, pelas crianças.

d) Material didático: Tiras de papel, contendo o texto da aula.

PLANO DE AULA

1. TEMA: A Palavra

2. OBJETIVO: A criança deverá sentir e compreender a responsabilidade ante a palavra, pois ela é o elemento de comunicação entre o nosso “eu” e o mundo exterior, levando para fora de nós e fazendo se propague tudo aquilo de bom ou de mau que houver em nosso íntimo.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 5: 37; 6: 7; 12: 34; 15: 18; Mc, 1: 38; 1 Co, 15: 33; Tg, 3: 10; Tt, 2: 8.
LE, 772.

Vinha de Luz (Emmanuel / F. C. Xavier), 97 e 179; Fonte Viva (Emmanuel / F. C. Xavier), 43; Instruções Psicofônicas (Espíritos Diversos / F. C. Xavier), 9.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: O Evangelizador contará às crianças a seguinte estória:

Uma senhora que se reconhecia dominada pelo vício da maledicência, procurou, certa vez, seu orientador espiritual, buscando aconselhar-se sobre a maneira de conseguir a remissão de seus muitos erros.

O velho homem, sábio e experiente, refletiu por alguns momentos, respondendo-lhe afinal: “Olhe, inicialmente, a senhora irá encher um grande saco com plumas. Em seguida, aguardará um dia de vento forte e, então, subirá com ele aquele morro, que é o ponto mais alto da cidade e de lá, espalhará as penas ao vento.”

A senhora saiu, então, bastante satisfeita e esperançosa, começando imediatamente a trabalhar no cumprimento da tarefa que lhe fora aconselhada. Finalmente, num dia de ventania, ela se dirigiu ao local indicado, despejando dali as plumas que num instante desapareceram, levadas pelo vento.

Muito feliz, voltou ela ao seu orientador, contando-lhe que fizera tudo como lhe fora aconselhado e perguntando-lhe pressurosa: “O senhor pensa então que agora estarei perdoada?” “Oh! Não!” Disse-lhe ele. “Esta foi apenas a primeira parte da tarefa. Agora, a senhora deverá voltar ao mesmo ponto e recolher todas as penas, colocando-as novamente no saco.”

Muitíssimo assustada, ela retrucou: “Mas isto me é totalmente impossível! Eu vi as plumas espalharem-se por todos os lados, desaparecendo, levadas pelo vento. Não posso saber onde elas estão. Uma ou outra talvez eu ainda consiga recolher, mas o saco todo é impossível! O senhor me exige uma coisa totalmente absurda!”

Serenamente, o sábio respondeu: “O mesmo acontece com as más palavras que vamos pronunciando imprudente e invigilantemente aqui e ali. Elas se propagam de mente em mente e, de boca em boca, voam para longe. Às vezes, muito distante de nós estarão a produzir maus efeitos dos quais nada sabemos mas que, no entanto, nos estarão sendo debitados. O melhor que a senhora tem agora a fazer, já que na maior parte das vezes não tem mais controle sobre os efeitos nocivos de suas palavras imprudentes, é ter mais cuidado com sua fala para que não encontre depois, na conta de sua vida, débitos muito pesados, cuja origem a senhora nem imagina.”

b) Desenvolvimento: Comentários.

O Evangelizador deverá, ao lado dos comentários a respeito da história contada, ou lida, em trechos, pelas crianças, desenvolver os tópicos abaixo:

Existem muitas outras formas de errar pelo mau uso da palavra. Vocês já estudaram, em outras aulas, sobre o cuidado que devemos ter a fim de não permitir que pensamentos e sentimentos inferiores se instalem em nosso íntimo. No entanto, somos ainda muito imperfeitos e nem sempre conseguimos, de pronto, este controle sobre nós mesmos. Muitas vezes somos apanhados de surpresa: a indignação nos invade e eis-nos tomados pela cólera, pelo ressentimento, mentalizando vinganças ou nos entregando à amargura. Enquanto não conseguimos colocar ordem em nosso mundo interior, enquanto lutamos por impor silêncio às paixões que nos conturbam, seria bom que, pelo menos, não viéssemos a complicar o problema, extravasando através da palavra desequilibrada, toda a desarmonia que naquele momento perturba o nosso coração. Agindo assim, estaremos estancando a torrente do mal, mantendo-o mais restrito, não propiciando a sua propagação, até que consigamos vencer, por meios razoáveis, a perturbação que nos atingiu.

Freqüentemente, no momento em que recebemos uma ofensa, os lábios selados constituem sólida garantia para não errarmos. É vencedor aquele que vencer a si mesmo, guardando silêncio, contanto que não seja um silêncio amargo, de revolta, mas apenas, prudente. Guardar silêncio no momento preciso é provar energia moral e, quem tem coragem para isto, vive em paz e produz paz onde se encontra. Os covardes classificariam este silêncio como fraqueza, porque lhes falta energia moral para praticá-lo. Jesus não é da mesma opinião, pois empregou o silêncio de maneira magistral. É esta escola que devemos seguir.

Já disse um sábio que somos senhores, donos das palavras enquanto elas estão em nossa boca. Depois que saem, somos seus escravos. Sim, é claro que temos domínio sobre as palavras enquanto estão dentro de nós. Uma vez que falemos, já não podemos mais controlar-lhes o efeito. Daí o cuidado que devemos ter com aquilo que falamos.

Há pessoas que se gabam de sempre “responder à altura”, não deixando qualquer ofensa, ou mesmo uma simples palavra infeliz ouvida, sem resposta. Será que é certo agir assim? Será que uma criatura evoluída, educada, evangelizada sempre responde no mesmo tom? Onde fica a tolerância?

Falando com equilíbrio, fazemos com que as virtudes que já possuímos e o saber que já conquistamos transfiram-se para fora de nós através das nossas boas palavras, balsamizando os corações feridos, restabelecendo a harmonia, garantindo a paz do ambiente ou levando a luz do conhecimento onde a dor se desenvolve e cresce, acobertada pelas sombras da ignorância.

Tão importante quanto falar é saber ouvir. É preceito de boa educação ouvir com paciência aquilo que os outros têm para nos dizer. Entretanto, há pessoas que falam incessantemente, não dando oportunidade a que outras falem. Se, por vezes, podemos fazer uma caridade ensinando, explicando, orientando, acalmando, animando, consolando pelas nossas palavras, outras vezes podemos praticar o bem apenas ouvindo a criatura que tem necessidade de extravasar a amargura, a decepção, a angústia que lhe invade o íntimo. É necessário ser muito mais sábio para ouvir do que para falar, pois a criatura realmente sábia fala pouco.

Se as nossas palavras dão notícia daquilo que vai em nossa mente, as palavras que os outros nos dirigem, igualmente, trazem-nos informações do seu mundo íntimo. Se é necessário termos cuidado para falar, também é necessário tê-lo para ouvir. Tolerância, indulgência, paciência, compreensão, benevolência, são virtudes que devemos desenvolver a fim de não nos deixarmos ferir por palavras impensadas ou mesmo intencionalmente maldosas. Devemos nos lembrar de que a pessoa que está feliz dá mostras da sua felicidade através das suas palavras. Igualmente, aquela que está infeliz, que está amarga, desolada, pessimista, revoltada; aquela que é egoísta, maldosa, invejosa, falsa exterioriza tudo isso no seu falar. Saber ouvir, neste caso, significa não nos deixarmos entrar no seu mundo em desequilíbrio, buscando olhar essa pessoa como doente, desajustada, necessitada de caridade e de compreensão. As pessoas realmente sábias e espiritualizadas não permitem que as palavras desequilibradas de outras pessoas lhes tire a paz!

Entretanto, falar pouco não significa tornar-se mudo. O importante é falar na hora certa, com sabedoria. Há pessoas que são excessivamente caladas, quase não respondem quando perguntadas, chegando às raias da falta de educação. O uso da palavra foi-nos dado por Deus a fim de que nos comuniquemos uns com os outros. Assim, é importante que atendamos, com delicadeza e solicitude, às pessoas que nos procuram.

As palavras virtuosas e sábias que nos saiam dos lábios, levando os tesouros da virtude e do saber que adquirimos, atingem outras mentes e, através de outras bocas, voam para longe, levando, não sabemos para onde, os reflexos da luz que conseguimos acender em nós. Elas produzirão bons efeitos, e, embora não tenhamos conhecimento, esses efeitos retornarão a nós, envolvendo-nos em bênçãos de paz e alegria.

Conforme vimos em aula anterior, tudo o que falamos é manifestação exterior daquilo que pensamos, pois o pensamento é o começo, a matriz de todas as nossas palavras, boas ou más. Por isso, Jesus, resumindo o mundo interior na palavra “coração”, ensinou: “... pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” (Mt, 12: 34). Convém, assim, refletir sobre a responsabilidade que temos naquilo em que pensamos, naquilo que guardamos em nossa mente, pois idéias, atitudes, sentimentos vão sair de nós em forma de palavras, que formarão verdadeiras mensagens do nosso mundo íntimo, dando notícia daquilo que trazemos dentro de nós.

Devemos nos lembrar que as palavras levam, também, além do seu significado próprio, bom ou mau, uma carga magnética, boa ou má, dependendo do sentimento daquele que a proferiu. Diante disto, procuremos não guardar dentro de nós palavras que ferem, que agriem, que irritam, que difamam. Busquemos pelo menos, silenciar, se não estamos em condições de falar o que é bom.

c) Fixação e/ou avaliação: Diálogo.

O Evangelizador conversará com as crianças sobre o assunto tratado, baseando-se nas frases que distribuir, incentivando-os a falar também de suas experiências com relação ao uso da palavra.

d) Material didático: Tiras de papel com frases.

\$

1. Somos senhores das palavras enquanto elas estão na nossa boca; depois que saem, somos seus escravos.

\$

2. Tão importante quanto saber como falar é saber como ouvir.

\$

3. "... pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca." (Jesus, Mt, 12: 34).

\$

4. Quando recebo uma ofensa, sempre respondo "à altura".

\$

5. Falar pouco não significa tornar-se mudo.

\$

6. As palavras que falamos são tiradas do dicionário que há em nossa cabeça.

\$

7. É preciso coragem para silenciar diante de uma palavra ofensiva que ouvimos.

\$

8. Comente a comparação, na estória, entre as penas espalhadas e as palavras más.

\$

9. Quando estamos nervosos, nossas palavras revelam mais o nosso mundo íntimo.

\$

10. As palavras conduzem, além do significado próprio, uma carga magnética boa ou má daquele que fala.

\$

PLANO DE AULA

1. TEMA: Culto do Evangelho no Lar

2. OBJETIVO: A criança tomará conhecimento da origem do Culto do Evangelho no Lar e se conscientizará da sua importância.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 18: 20; 1 Tm, 5: 4 a 8

LE, 208, 773 a 775

Jesus no Lar (Néio Lucius / F. C. Xavier), cap. 1; Instrumentos do Tempo (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 38 e 39; Vereda Familiar (Thereza de Brito / J. Raul Teixeira), cap. 25; S.O.S. Família (Diversos Espíritos / Divaldo P. Franco), cap. 16; Messe de Amor (Joanna de Ângelis / Divaldo P. Franco), cap. 59; Conduta Espírita (André Luiz / Waldo Vieira), cap. 5; Obreiros da Vida Eterna (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 12; Os Mensageiros (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 35 a 37

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Mostrar às crianças a ilustração da aula, devidamente colorida, pedindo-lhes que digam o que está ali representado. Aquelas que já participaram de um Culto do Evangelho no Lar certamente terão muito o que dizer.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Desenvolver os itens abaixo, comentando as observações das crianças. Na parte final, ou na próxima aula, fazer um Culto com as crianças, como se fossem membros de uma mesma família.

A prática da oração semanal, em família, já era adotada pelos Judeus, ao tempo de Jesus. Os Judeus ainda reúnem a família, às sextas-feiras, à noite, antes do jantar, para um momento religioso, que se constitui de uma leitura, pelo chefe da casa ou por alguém que lhe faça as vezes, de um texto dos Profetas e, depois, um comentário. Os Judeus usam, nessa oportunidade, acender as velas de um castiçal, entre outras práticas de um pequeno ritual.

Jesus, que nasceu e cresceu no seio do Judaísmo, não só conhecia, como valorizava essa prática religiosa tradicionalmente vivida em família. O Mestre deixou testemunho de sua apreciação a respeito desse momento religioso vivido no lar, em diálogo com Simão Pedro, numa oportunidade em que estava hospedado na casa do Apóstolo.

O Mestre aproveitou a ocasião para mostrar o que é essencial nessa reunião em família, tirando dela aquilo que não era essencial, como o uso de velas e de um ritual que consistia na distribuição de um pedacinho de pão e um pouco de vinho a cada um dos participantes. Depois de uma conversa com o dono da casa, a respeito do papel educativo do lar perante o mundo, o Mestre convida-o a reunir os familiares em torno da mesa e, para deixar registrado que não se tratava apenas de oração, mas sim de estudo, conversação nobre e meditação elevada, ele – que não precisaria nunca consultar textos escritos – deixou-nos também o testemunho da necessidade da consulta aos “escritos da sabedoria”, conforme relato de Néio Lucius, no capítulo primeiro do livro “Jesus no Lar”:

“Simão Pedro fixou no Mestre os olhos humildes e lúcidos e, como não encontrasse palavras adequadas para explicar-se, murmurou, tímido:

– Mestre, seja feito como desejas.

Então Jesus, convidando os familiares do Apóstolo à palestra edificante e à meditação elevada, desenrolou os escritos da sabedoria e abriu, na Terra, o primeiro Culto Cristão do Lar.”

Essa prática da leitura nobre, da conversação sadia e da meditação elevada no seio da família desapareceu com o passar dos séculos, subsistindo, no meio Católico Romano apenas as chamadas rezas, novenas e trezenas, levadas a efeito apenas em ocasiões especiais. Com a Reforma, algumas das igrejas protestantes reviveram essa prática, retomando-lhe o caráter de atividade semanal, mas não recuperaram a prática do estudo, da conversação e da meditação elevada, limitando-se à leitura da Bíblia e ao cântico de salmos e de hinos sacros.

Reviver integralmente a prática ensinada por Jesus ficou mais fácil para o Espiritismo, por ser uma religião sem templos (vide aulas 15 "B" e 35 "B"). No espírita, não se forma o hábito do comparecimento ao Centro para o "encontro com Deus", na "casa de Deus", de vez que o Centro Espírita é considerado uma casa de trabalho e não, necessariamente, de oração. Assim, fica mais fácil estabelecer-se o templo no lar, sacralizando-o. O ensinamento dos Espíritos é sempre no sentido de reunir-se a família no lar, para a oração em conjunto, para o estudo, a conversação elevada e a meditação. A essa prática dá-se o nome de "Estudo do Evangelho no Lar", ou "Culto do Evangelho no Lar", ou, ainda, "Culto Cristão do Lar". Aprendemos, com os Espíritos, que o nosso lar deve ser o nosso templo, o nosso santuário.

"O Culto do Evangelho no Lar" não é uma inovação. É uma necessidade em toda a parte onde o Cristianismo lance raízes de aperfeiçoamento e sublimação.

Quando o ensinamento do Mestre vibre entre quatro paredes de um templo doméstico, os pequenos sacrifícios tecem a felicidade comum."(Emmanuel, "Instrumentos do Tempo", cap. 38).

"Dedica uma das sete noites da semana ao Culto do Evangelho no Lar, a fim de que Jesus possa pernoitar em tua casa. Prepara a mesa, coloca a água pura e ora. Jesus virá em visita. Quando o lar se converte em santuário, o crime se recolhe ao museu.

Quando a família ora, Jesus se demora em casa.

Quando a família ora em casa, reunida nas blandícias do Evangelho, toda a rua recebe o benefício da comunhão com o Alto.

Se alguém, num edifício de apartamentos, alça ao Céus a prece da comunhão em família, todo o edifício se beneficia, qual lâmpada ignorada, acesa na ventania." (Joanna de Ângelis, "Messe de Amor", cap. 59).

"Ao menos uma vez por semana, formar o Culto do Evangelho com todos aqueles que lhe co-participam da fé, estudando a verdade e irradiando o bem, através de preces e comentários em torno da experiência diária à luz dos postulados espíritas. Quem cultiva o Evangelho em casa, faz da própria casa um templo do Cristo." (André Luiz, "Conduta Espírita", cap. 5).

Existem, como essas, dezenas de mensagens dos Espíritos, concitando a que grupos familiares se reúnam, nos próprios lares, a fim de orarem, estudarem e meditarem. No Espiritismo, aprendemos que, ao orarmos, produzimos vibrações superiores, que impregnam o ambiente, até mesmo as paredes do recinto onde nos encontramos. Com a repetição, o local fica como que saturado de energias nobres, que podem ser vistas, em forma de luz, conforme se lê no seguinte trecho:

"Em todos os compartimentos havia luz do nosso plano, indicando a abundância dos pensamentos salutaros e construtivos de todas as mentes que ali se entrelaçavam na mesma comunhão de ideal." (André Luiz, "Obreiros da Vida Eterna", cap. 12).

Sabedores dessas verdades, devemos implantar o Culto Cristão em nossos lares. Para isso, devemos proceder com simplicidade e boa vontade:

Inicialmente, deve-se escolher dia da semana e hora em que todos, ou o maior número possível dos membros da família possam estar presentes. A partir daí, observar rigorosamente o horário de início, pois de acordo com a responsabilidade demonstrada pelos participantes, haverá Espíritos que estarão presentes para auxiliarem nos estudos e dispensarem outros benefícios aos presentes.

Não há necessidade da presença de pessoas portadoras de grande conhecimento da Doutrina Espírita, a fim de explicarem o que for lido. Pouco a pouco, os participantes do Culto irão desenvolvendo a capacidade de captar a inspiração dos Benfeitores Espirituais, desenvolvendo, também, sua própria capacidade de interpretação. O elemento mais necessário é a boa vontade e o desejo sincero de reunir o grupo familiar para a oração e o estudo.

A reunião poderá ser feita na sala onde se fazem as refeições, em torno da mesa, ou em outra dependência da casa. Não há necessidade de toalha, de flores, ou de qualquer outro objeto de adorno, além daquilo que se usa normalmente. Nada além do material de leitura, como livros, mensagens, e uma vasilha com água, que os Benfeitores Espirituais magnetizam e que, ao final da reunião, será servida aos participantes.

Depois da prece inicial – que deverá primar pela espontaneidade – deve-se ler um trecho de O “Evangelho segundo o Espiritismo”, que será comentado, na medida do possível, pelos presentes. Poderão ser lidas páginas de outros livros da Doutrina, ou mensagens avulsas. Todos os participantes devem cuidar para que a conversação seja equilibrada e construtiva, falando um por vez, evitando-se, assim, a agitação do ambiente pela elevação do volume de vozes. O Culto do Evangelho no Lar propicia excelente oportunidade para que se desenvolva a capacidade de ouvir e de aguardar a vez de falar.

As crianças deverão ter oportunidade para falar, ocasião em que poderão comentar os ensinamentos recebidos na Escola Espírita de Evangelização. Nesse particular, o Evangelizador deverá orientar as crianças no sentido de participarem ativamente da conversação que deverá ser estabelecida no Culto, pedindo elas, sempre, explicações daquilo que não conseguiram compreender.

O Culto do Evangelho no Lar deve ter a participação de apenas aquelas pessoas que habitam a mesma casa. Na hipótese de haver parentes ou amigos que queiram participar, poderão fazê-lo como convidados, mas não em caráter permanente. Se essas pessoas realmente desejarem participar de um Culto, o mais acertado será ajudá-las a que instalem também elas o seu Culto em suas casas.

No Culto do Evangelho no Lar não devem ocorrer manifestações mediúnicas. O recurso do passe deve ser usado apenas para as pessoas pertencentes ao grupo familiar. Deve-se tomar cuidado para que o Culto não se transforme num “posto de passes” para a vizinhança. Evidentemente, num caso especial, socorre-se algum necessitado, devendo-se encaminhá-lo, posteriormente, a um Centro Espírita.

Da mesma forma que deve ser observado o horário para o início, o horário de término deve ser estabelecido, a fim de que os Espíritos possam também eles se programarem. O tempo ideal vai de meia a uma hora. O encerramento deve ser feito com uma prece simples, através da qual se agradeça ao Alto os benefícios recebidos.

Depois de explicar às crianças todos os procedimentos e as vantagens decorrentes da prática do Culto do Evangelho no Lar, fazer com elas, na parte final da aula - ou na aula seguinte - um Culto completo, que contenha as etapas citadas no roteiro. Deve-se ressaltar que não se trata de um ritual que deva ser seguido à risca. É apenas um roteiro, uma orientação. O essencial é que haja uma prece inicial e outra final, alguma leitura nobre, e que os comentários, ou seja, o uso da palavra se faça equilibrado, evangélico.

c) Fixação e/ou avaliação: Distribuir entre as crianças cópias do roteiro, recapitulando e fazendo-as comentar todas as etapas do Culto. Distribuir, também, cópia da bibliografia recomendada.

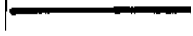
ROTEIRO DE UM CULTO DO EVANGELHO NO LAR

1. Prece inicial.
2. Leitura de um trecho de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, ou de outro livro citado na bibliografia, ou de mensagem avulsa, cujo teor seja adequado.
3. Fazer comentário do que foi lido, incentivando todos à participação
4. Leitura de outra página, caso a primeira não tenha suscitado comentário suficiente.
5. Prece de encerramento, que pode incluir pedido de amparo a necessitados encarnados e desencarnados.
6. Distribuição da água fluidificada aos participantes da reunião.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA PARA O CULTO

O Evangelho segundo o Espiritismo	O Livro dos Espíritos	Cartilha do Bem
Jesus no Lar	Instrumentos do Tempo	Pai Nosso
Conduta Espírita	Messe de Amor	Alvorada Cristã
Boa Nova	Luz no Lar	Sinal Verde
Lázaro Redivivo	Evangelho em Casa	Celeiro de Bênçãos

d) Material Didático: Cópias do roteiro e da bibliografia recomendada.



PLANO DE AULA

1. TEMA: O Perdão - Como perdoar

2. OBJETIVO: A criança conscientizar-se-á de que a prática do perdão é um dos pontos básicos para a convivência perfeita, a felicidade, o progresso, a libertação do Espírito, e que o perdão deve ser exercido integralmente, com o esquecimento das ofensas.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 5: 25 e 26, 44; 6: 14 e 15; 18: 15, 21 e 22; 26: 41.

LE, 918; ESE., 10: 1 a 15; 12.

Almas em Desfile (Hilário Silva / F. C. Xavier e Waldo Vieira), 2ª parte, cap. 16.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Ler, ou pedir a alguma criança que leia, no cap. 10 de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” os trechos evangélicos citados acima (itens 2, 3 e 5) e perguntar às crianças por que motivo Jesus falava tanto em perdão e reconciliação.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Desenvolver os itens abaixo, relacionando-os com os trechos do Evangelho que foram lidos e com fatos da vida diária, chamando a atenção para o fato de Jesus ter ensinado uma forma de religião diferente daquelas que a Humanidade conhecia até então. A mensagem do Evangelho de Jesus não se destina aos templos, mas à vida diária. O ensinamento a respeito do amor ao próximo não é apenas um conceito abstrato para servir de base a comentários durante as práticas religiosas, mas sim um alerta para o esforço que cada um deve desenvolver no sentido de se estabelecer uma convivência pacífica entre as criaturas.

O perdão é um dos elementos básicos para a boa convivência. No lugar onde não há perdão, não há paz, pois as pessoas que não perdoam vão acumulando as mágoas e os rancores, umas contra as outras, o que gera um clima de tensão.

Quando se vive num ambiente tenso, muitas atitudes comuns e até mesmo inocentes poderão ser tomadas como agressivas ou provocadoras e redundarem em acontecimentos desagradáveis.

Se recebemos um mal qualquer, como seja uma ofensa, uma agressão, uma traição ou se somos vítimas de calúnia, devemos procurar não responder do mesmo modo, ou tomar qualquer atitude de vingança contra aquele que praticou a má ação, pois se retribuirmos o mal com o mal, estaremos no mesmo nível daquele que nos ofendeu. “Responder à altura”, conforme muitas pessoas dizem, significa que nos colocamos exatamente no mesmo nível daquele que nos agrediu. Ora, se a ofensa parte de uma pessoa com baixo padrão vibratório, responder-lhe à altura significa baixar também o nosso. Quem é realmente superior não desce a um nível inferior, senão para ajudar..

Como sabemos que a pessoa que pratica o mal está invariavelmente perturbada, é fácil deduzir que sempre que estivermos retribuindo o mal com o mal estaremos nos perturbando também, pois estaremos guardando uma mensagem desequilibrada que nos chegou. Estaremos nos ligando ao mal. Se, ao contrário, procurarmos, com o auxílio da prece, perdoar e esquecer a ofensa recebida, ficaremos desligados da pessoa desequilibrada e, conseqüentemente, ela não nos poderá atingir.

Devemos nos lembrar sempre de que todo aquele que ofende, calunia, agride, xinga, aborrece os outros, é alguém que está em desarmonia consigo mesmo, que está perturbado, desequilibrado. Jesus ao nos aconselhar “orai pelos que vos perseguem e caluniam”, estava não só ensinando a procurarmos ajudar um irmão necessitado, como também a nos pormos a salvo do mal que ele nos queira fazer, pois quando oramos, nos colocamos num padrão vibratório mais elevado, o que nos livra da ligação com o mal.

Todo aquele que tem boa formação sente naturalmente piedade por uma pessoa que seja doente, que tenha uma moléstia grave, uma tuberculose, um câncer, por exemplo. Entretanto, se a pessoa for doente da alma, alguém que prejudica, persegue, fala mal, calunia, essa às vezes causa raiva e até desejos de vingança, embora seja também doente, com a diferença de a sua doença estar na alma e não no corpo. Devemos nos lembrar de que a pessoa agressiva, maldosa tem uma moléstia na alma, moléstia essa que é tão grave quanto o câncer no corpo físico, com uma diferença: a doença do corpo se extingue com a morte, ou seja, vai para a sepultura com o cadáver; a doença da alma vai com o Espírito para o Mundo Espiritual. Qual das duas criaturas merece mais a nossa piedade? Daí Jesus ensinar que devemos orar pelos que nos perseguem e caluniam...

Quando Jesus, respondendo a Pedro disse-lhe que deveríamos perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes, quis dizer que devemos perdoar sempre, indefinidamente. É claro que aquele que aprendeu a lição de perdão não vai ficar contando, esperando 490 vezes.

Os Judeus tinham por hábito religioso colocar uma oferenda no altar do seu templo, com o intuito de agradar a Deus. Como essa prática era considerada muito importante por eles, Jesus usou-a para ensinar que, além de perdoar, devemos também pedir perdão ao notarmos que ofendemos alguém, pois não adianta tentarmos agradar a Deus, conservando-nos inimigos de nossos irmãos, que são também Seus filhos: “Se, portanto, fordes depor a vossa oferenda no altar, vos lembrades de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, - deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la.” (Mt, 5: 23 e 24.)

O perdão não é para ser exercido apenas quando ocorram fatos muito graves contra nós. Devemos perdoar, desculpar, desde as pequeninas ofensas, as menores indelicadezas que pratiquem contra nós, pois quem não perdoa as pequenas ofensas, não perdoa também as grandes. A prática do perdão requer treinamento constante.

Criar o hábito do perdão é tarefa que requer o uso da nossa vontade. Quando desejamos realmente entrar no aprendizado da misericórdia, da benevolência, devemos pedir a ajuda de Jesus e dos Bons Espíritos, nas nossas orações, a fim de estarmos sempre vigilantes contra o velho hábito de *recebermos* e *guardarmos* ofensas, como se fossem coisas boas. O que não é bom, não devemos *receber*, deixar que nos atinja. Mas, se inadvertidamente permitirmos que isso aconteça, devemos recorrer à oração para lançarmos fora todo o mal. Aí é que aplicamos a recomendação de Jesus: “Vigiai e orai para que não entreis em tentação” (Mt, 26: 41), vigiando a nossa mente e o nosso coração, a fim de verificarmos se estamos guardando mágoas.

Guardar mágoa ou rancor é um ato que demonstra falta de bom senso: seria o mesmo que conservar, no próprio lugar, um alfinete que alguém tivesse espetado em nosso corpo. Que faremos se uma pessoa fincar um alfinete em nós? É claro que o tiraremos imediatamente e trataremos do local com o medicamento adequado. Se considerarmos as ofensas recebidas como “alfinetadas” como se costuma dizer, agiremos do mesmo modo, não permitindo que o “alfinete” fique em nós. Vamos tirá-lo e tratar logo da ferida.

Perdoar, como se vê, é até um ato de inteligência, pois se uma pessoa nos ofende e nós guardamos mágoa ou rancor, sofremos todas as vezes que nos lembrarmos do fato desagradável. Quando guardamos uma ofensa estamos negando a nossa condição de criatura inteligente, pois nós mesmos estaremos multiplicando o mal: a pessoa nos fez uma única vez e nós, a cada lembrança, nos entristecemos, nos ferimos de novo. Se, ao contrário, desculparmos, perdoarmos, esquecendo-nos do mal recebido, a ofensa só nos terá atingido naquele momento da agressão e logo depois a fazemos desaparecer. Daí o sábio ensinamento do Evangelho: “... perdoar com esquecimento de todo o mal”.

Os Espíritos ensinam que existem muitas pessoas que são doentes porque ainda não aprenderam a perdoar, a esquecer o mal recebido. Existem pessoas que guardam mágoas por anos seguidos, como se fossem coisas preciosas, relatando, sempre que podem, seus sofrimentos aos outros. Essas pessoas, ao recordarem as ofensas que as fizeram sofrer, retornam à situação emocional do momento desagradável, e assim volta-lhes a mágoa, o rancor e, não raro, a idéia de vingança, o que é pior. Esse estado mental negativo prejudica seriamente não só o equilíbrio emocional, mas também a própria saúde física.

Quase sempre, as pessoas agressivas, indelicadas, desagradáveis, caluniadoras, perseguidoras, invejosas, enfim as pessoas que agem em desacordo com os princípios evangélicos, têm os seus atos reforçados por Espíritos inferiores, aqueles que se alegram com o mal. Ora, se retribuirmos o mal com o mal estaremos nos sintonizando com esses irmãos infelizes. Mas, se, ao contrário, orarmos em favor do ofensor, conforme recomendou Jesus: “... e orai pelos que vos perseguem e caluniam” (Mt, 5: 44), estaremos nos ligando aos bons Espíritos, principalmente ao protetor daquele que nos quer prejudicar.

É bom nos lembrarmos de que no momento em que ofendemos, agredimos, retribuindo o mal com o mal, estamos deixando que se manifeste apenas a nossa natureza animal, mas quando perdoamos, buscando compreender o nosso irmão, estamos revelando a nossa natureza divina. Além do mais, quando alguém nos ofende, sempre espera que fiquemos com raiva. Se ficarmos com raiva, estaremos fazendo o que o agressor quer. Será que assim não estaremos deixando que outra pessoa diga como devemos agir, que controle a nossa vida?

A Doutrina Espírita nos ensina que Jesus veio revelar-nos que Deus, na sua condição de Pai Misericordioso, sempre nos perdoa. Entretanto, para que mereçamos a misericórdia e o perdão de Deus é necessário que sejamos misericordiosos por nossa vez, perdoando os nossos irmãos quando nos tenham ofendido, conforme prometemos, repetindo o “Pai Nosso”: “... perdoai as nossas ofensas, como nós perdoamos os nossos ofensores.”

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

Fazer às crianças perguntas sobre os tópicos desenvolvidos na aula. Sugestões:

- 01- Quem nos recomendou o perdão?
- 02- Por que o perdão é básico para a boa convivência?
- 03- O que Jesus nos mostra na recomendação: “Orai pelos que vos perseguem e caluniam”?
- 04- O que Jesus quis dizer ao recomendar a Pedro que perdoasse até setenta vezes sete vezes?
- 05- Como nós podemos aprender a perdoar as grandes ofensas?
- 06- Quem merece mais a nossa compaixão: o doente do corpo ou o doente da alma?
- 07- Por que perdoar é um ato de inteligência?
- 08- O que é que sentimos quando nos lembramos de uma pessoa que nos tenha ofendido e de cuja ofensa ainda guardamos mágoa?
- 09- Será ato de inteligência permitir que uma ação, muitas vezes impensada, de uma pessoa perturbe a nossa paz?
- 10- Se você ficar magoado ou com raiva porque uma pessoa fez-lhe algum mal, não estará, assim, permitindo que essa pessoa decida por você, como você deve se sentir?
- 11- A quem o perdão faz mais bem, àquele que o recebe ou àquele que o concede?
- 12- Para qual das duas posições é necessário ter-se mais coragem: para vingar-se ou para perdoar?
- 13- Com que espécie de Espíritos estamos nos sintonizando quando retribuimos o mal com o mal?

d) Material didático: Exemplar de “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Papel e lápis para quem quiser fazer o exercício por escrito.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Evolução do Espírito

2. OBJETIVO: A criança se conscientizará de que todos os Espíritos são iguais na sua origem e que as suas diferenças individuais vão-se evidenciando no curso da evolução, segundo o uso do livre-arbítrio de cada um.

3. BIBLIOGRAFIA:

João, 3: 3; 14: 12; Mt, 5: 16.

LE, itens 78 a 83; 114 a 121; 193, 194, 540, 612.

Evolução em Dois Mundos (André Luiz / F. C. Xavier), 1ª Parte, cap. 3; 2ª Parte, cap.18; O Problema do Ser, do Destino e da Dor (Léon Denis), cap. 9; A Evolução Anímica (Gabriel Delanne), cap. 2.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Perguntar às crianças por que há tanta diferença intelectual e moral entre as crianças com quem convivemos na Terra. Quem já não ouviu falar nos gênios, nas crianças prodígio, que se destacam como grandes cientistas, artistas, ou crianças muito boas, de coração nobre e vice-versa, crianças maldosas, assassinas, incapazes, etc.?

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Algumas crianças poderão dizer que as diferenças são devidas a débitos contraídos em encarnações anteriores. O Evangelizador esclarecerá que as diferenças intelectuais podem decorrer de resgate, pois o Espírito que fez mau uso de seu patrimônio intelectual poderá reencarnar-se num corpo que não lhe permita manifestá-lo plenamente, a fim de reeducar-se. Podem, também, as diferenças ser decorrentes da diversidade de desenvolvimento intelectual entre um Espírito e outro. Entretanto, as diferenças morais são sempre decorrentes de diferenças evolutivas e nunca são consequência de um resgate. A seguir, desenvolverá os itens seguintes, entre outros:

Os Espíritos, na sua origem, são absolutamente iguais, simples e ignorantes, mas todos igualmente dotados de capacidade de progredir. O progresso, tanto o intelectual, quanto o moral, está ao alcance de todos os Espíritos, desde que se disponham ao esforço necessário para consegui-lo.

Deus, como Pai justo que é, não criaria um filho mais inteligente que outro. Se hoje vemos criaturas inteligentíssimas ao lado de outras que mal conseguem aprender a ler e a escrever é porque os primeiros são Espíritos mais velhos, que já desenvolveram mais a sua inteligência; os segundos, são Espíritos mais novos, ainda na infância espiritual, ou são Espíritos velhos que ainda não se dispuseram ao esforço necessário ao progresso. Assim, quando vemos alguém que consegue, com naturalidade, pintar belos quadros, ou produzir lindas esculturas, ou tocar maravilhosamente um instrumento é porque já despendeu esforços em outras encarnações através de longo aprendizado, cujos frutos nos encantam agora. Por isso, à luz dos ensinamentos espíritas, é errado dizer-se: “esse dom que Deus deu a fulano”, pois Deus não concede dons especiais a ninguém. Como Pai justo, concede, igualmente, a todos os seus filhos, a capacidade absolutamente igual de progredir, competindo a cada uma fazer o esforço a fim de conseguir aquele saber ou aquela virtude.

Assim como a criança é assistida pelos adultos, que a protegem, no seu processo de aprendizado, todos os Espíritos têm o amparo de outros mais adiantados, que conhecemos como guias, amigos espirituais, anjos guardiães. Deve-se ressaltar, entretanto, eles apenas ajudam, incentivando, propiciando meios, oportunidades para o trabalho evolutivo, porque a decisão de progredir ou de estacionar compete a cada um. Por isso, os ensinamentos espíritas nos levam a concluir que evolução é tarefa individual, intransferível e consciente, em consonância com o Evangelho: “a cada um, segundo suas obras”.

Do mesmo modo que o progresso intelectual, o progresso moral depende do esforço de cada criatura. A ninguém Deus cria capaz ou incapaz, bom ou mau. Na criação, o Espírito é apenas simples, competindo-lhe

empenhar seus esforços no sentido de progredir também moralmente, aprimorando seu sentimento, desenvolvendo sua sensibilidade. Quando Jesus disse: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mt, 5: 16), quis o Mestre se referir a essa herança divina, de luz, que todos trazemos dentro de nós e que nos compete fazê-la aparecer, através do esforço evolutivo. O amor, a bondade, a delicadeza, a benevolência, a indulgência, a caridade, todas essas virtudes já se encontram dentro de nós, como herança divina. O esforço de colocá-las para fora é o esforço evolutivo, a que se referiu Jesus, quando disse que resplandecesse a nossa luz.

Demonstrando que todos temos um início comum, que a ninguém Deus concede privilégios, os Espíritos Superiores, respondendo a Kardec, afirmaram: “É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo.” (LE, 540). Vê-se, assim, que os Espíritos falam da Lei de Evolução, ensinando que tudo evolui, tudo se aprimora ao longo dos milênios sucessivos. Nada foi criado para ficar permanentemente no mesmo estado. Estável e imutável, só Deus.

O Princípio Inteligente evolui, passando pela longa fieira de encarnações desde a mais remota animalidade, até chegar à condição humana, como Espírito. Enquanto estagia na fase animal, o princípio inteligente vai sendo conduzido pelo próprio “impulso inicial da criação”, sendo regido exclusivamente pelo instinto. A certa altura da sua marcha evolutiva, o princípio espiritual se individualiza, e, nos animais superiores, já começa a formar bases mais amplas para o pensamento contínuo, cuja plenitude alcança na humanização, quando se capacita a decidir em relação ao rumo dos próprios passos, ou seja, entra na faixa do livre-arbítrio. A partir daí, compete-lhe o esforço consciente para o seu progresso intelectual e moral, galgando, com esforço próprio, os degraus da escada evolutiva.

Como se vê, todos nós, antes de termos consciência da nossa existência, passamos por uma longa fieira evolutiva, estagiando por milênios e milênios consecutivos na animalidade. Entretanto, é necessário termos consciência de que, se provimos da animalidade, jamais regressaremos a ela, como pensavam os Egípcios e os Gregos. A Metempsicose, ou seja, a possibilidade de retornarmos numa outra vida física habitando um corpo animal é claramente contestada pelos Espíritos Superiores, ao responderem à indagação de Kardec: “Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?” “Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente.” (LE, 612) Temos aí, reafirmada a trajetória evolutiva do Espírito, pois ao dizerem que “o rio não remonta à sua nascente”, querem os Espíritos afirmar que já passamos pela animalidade.

A evolução é irreversível, isto é, uma vez atingido determinado ponto, o Espírito jamais retrocede. Assim, a Doutrina Espírita mostra o absurdo da chamada “revolta dos anjos”, que teriam sido chefiados por Lúcifer, contra Deus, pois se o Espírito regressasse não haveria segurança no Universo, uma vez que ninguém poderia confiar em ninguém. Teríamos dúvida até para orar, pois não teríamos certeza de não ter mudado de idéia o Espírito a quem dirigíssemos a nossa prece.

De tudo isso analisado acima, podemos concluir que:

1- O motivo principal de estarmos encarnados é para o nosso trabalho evolutivo, que pode incluir ou não resgate de débitos do passado;

2- Evoluir significa exteriorizar, revelar a herança divina que trazemos dentro de nós. Esse esforço evolutivo, embora conte com a ajuda imprescindível de Espíritos mais adiantados, depende do nosso livre- arbítrio;

3- A evolução é que nos diferencia uns dos outros, pois todos partimos de um mesmo ponto, contando com as mesmas potencialidades para atingirmos as culminâncias da santidade e da intelectualidade;

4- O Espírito não regride nunca. Pode ficar estacionário, mas não perderá jamais aquilo que conquistou, tanto no plano moral, quanto no intelectual;

5- Em essência, somos exatamente iguais a Jesus, filho de Deus como nós, dotado da mesma capacidade evolutiva, conforme ele mesmo nos ensinou: “... fará todas as obras que faço e as fará maiores do que estas...”

c) Fixação e/ou avaliação: Formação de frase.

Levar a frase “Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei”, em pedaços de cartolina, de modo que cada criança ou cada grupo de crianças receba uma palavra. Elas precisarão montar a frase e depois interpretá-la, de acordo com a aula. Se necessário, para facilitar-lhes a tarefa, fazê-las cantar a música “Tal é a Lei”, onde a frase é citada, embora tenha sido acrescentada a palavra “viver” que não consta da frase inscrita no túmulo de Kardec.

d) Material didático: Pedacos de cartolina, onde serão coladas as palavras do exercício.

NASCER

MORRER,

RENASCER

AINDA,

PROGREDIR

SEMPRE,

TAL

É

A

LEI”

PLANO DE AULA

1. TEMA: Crendices

2. OBJETIVO: A criança deverá identificar nas crendices e superstições o reflexo da falta de fé raciocinada, devendo ao final rejeitá-las como práticas nocivas à libertação espiritual.

3. BIBLIOGRAFIA:

Êxodo, 20: 4 e 5; Jo, 8: 32; 1 Co, 10: 14; 1 João 5: 21.

LE, 533, 553, 554, 852 e 862; ESE, 27.

O Consolador (Emmanuel / F. C. Xavier), 140 a 143, 214, 215; Fonte Viva (Emmanuel / F. C. Xavier), 170; Seareiros de Volta (Autores Diversos / Waldo Vieira), 69.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

Mostrar as figuras anexas às crianças e perguntar o que sabem, o que ouviram dizer a respeito delas. Perguntar se conhecem outros objetos que são usados para os mesmos objetivos, ou aos quais são atribuídos os mesmos poderes.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

É de se esperar que digam tratar-se de objetos que dão sorte. Seria interessante fazê-las enumerar aqueles aos quais é atribuído o azar. Depois de ouvi-las, cuidadosamente, dizer-lhes: “Bem, vejamos o que a Doutrina Espírita nos ensina a esse respeito. A seguir, ir comentando os itens abaixo:

O Espiritismo é uma doutrina libertadora, por excelência. Pelo esclarecimento que nos vem através do estudo e da meditação, vamo-nos libertando de antigas crendices que têm prejudicado muito a evolução humana. A necessidade de conhecimento para nos libertarmos já foi evidenciada por Jesus, quando disse: “Conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres”. (Jo, 8: 32)

Há muitas pessoas que se julgam livres, simplesmente porque vão aonde querem, desobedecem às leis, às normas de boa educação, aos pais... Entretanto, são prisioneiras de uma série de crendices, que se constituem em verdadeiras prisões mentais, que limitam muito mais o progresso de uma criatura do que se ela estivesse encerrada entre as paredes de uma prisão.

Quanta gente se diz livre e não consegue se libertar de um pé de coelho, de um trevo, de uma medalhinha, de alguma moedinha da sorte, de alguma ferradura de sete furos? Existem pessoas tão presas a crendices que, no momento em que é dita alguma coisa que consideram azar, procuram ansiosamente uma peça de madeira para darem uma batidinha!

Há pessoas que perguntam se há algum mal em se crer nessas coisas, argumentando que se elas não fazem bem, não fazem mal. Mas será que não fazem mal? Fazem, sim! É só raciocinar: se a pessoa acredita num objeto, concentrando nele a sua fé, quando perde esse objeto, perde o seu ponto de apoio, seu referencial, perde a sua fé. Por isso, a Doutrina Espírita nos ensina a confiança em Deus, em Jesus, nos bons Espíritos. É muito diferente a crença numa Entidade dotada de inteligência e sentimento e, por isso mesmo, capaz de movimentar recursos em nosso favor, do que a fé num amuleto, num talismã, simples objeto material, destituído de qualquer manifestação inteligente ou afetiva. Acreditar na influência benéfica ou maléfica de tais objetos é negar a própria inteligência de que somos dotados...

O Espiritismo nos ensina a eficácia da lei do merecimento: cada um deve empenhar seus esforços para conseguir as coisas e não ficar sonhando com mágicas. Os Espíritos amigos só nos ajudam quando fazemos a nossa quota de esforços. É da sabedoria popular a recomendação, citada por Kardec: “Ajuda-te que o Céu te ajudará.” (ESE, 27: 7).

Fiel à sua condição de Cristianismo redivivo na sua pureza e simplicidade iniciais, o Espiritismo ensina que nos devemos libertar da posse e do porte de cruces, crucifixos, medalhas, bentinhos, escapulários,

trevos, estrelas, figas, signos, etc. Mesmo como simples adorno, o uso desses objetos deve ser evitado, pela mensagem muda, contrária à nossa convicção, que é dirigida àqueles que nos observam a maneira de agir.

Emmanuel, perguntado sobre os impulsos daqueles que acreditam na influência dos chamados talismãs da felicidade pessoal, responde: “Criaturas há, que, para manter sua energia espiritual sempre ativa precisam concentrar a atenção em algum objeto tangível, visando os estados sugestivos indispensáveis às suas realizações, como esses crentes que não prescindem de imagens e símbolos materiais para adquirirem a eficácia de suas preces. Ficai certos, porém, que o talismã para a felicidade pessoal, definitiva, se constitui de um bom coração sempre afeito à harmonia, à humildade e ao amor, no integral cumprimento dos desígnios de Deus.” (O Consolador, 214)

Os horóscopos, com base nos signos zodiacais, constituem ponto de atenção, consulta e obediência cega até de pessoas inteligentes e cultas. Será que estamos presos a um destino criado pelos campos magnéticos dos astros? Ou de conjunções deles? Há pessoas que são profundamente preocupadas com horóscopos, por acreditarem que o signo sob o qual a criatura nasce determina o seu caráter, seu modo de ser, como seja: persistente, corajoso, empreendedor, introvertido, extrovertido, sincero... Interessante notar que as características boas são em número muito maior que as más. Seria interessante fazer-se uma pesquisa numa penitenciária. Será que existem lá pessoas de todos os signos?

A Doutrina Espírita nos ensina que estamos hoje presos ao destino que criamos no passado, próximo ou remoto pelo uso do nosso livre-arbítrio, fazendo o bem ou o mal. Ensina, também, a Doutrina Espírita, que a qualquer momento, no uso desse mesmo livre-arbítrio, podemos imprimir novo rumo aos nossos passos, modificando, assim, o nosso destino, para melhor ou para pior, conforme a nossa maneira de agir. O Evangelho sentencia: “A cada um, segundo as suas obras” e não “a cada um, segundo os seus astros”.

Outro ponto interessante a ser considerado, é o seguinte: se é verdade que as pessoas nascem marcadas pelo signo, os pais poderiam interferir na maneira de ser, na personalidade dos seus filhos, escolhendo a data da sua concepção ou modificando a data do seu nascimento, através de uma cesariana, a fim de adequar o seu caráter a um tipo que lhes fosse mais agradável...

O mesmo pode-se dizer a respeito dos números, que perturbam tanta gente. Muitas pessoas perdem o seu tempo precioso, fazendo contas, analisando números para ver se são favoráveis ou não. Consultado a respeito, Emmanuel responde, dizendo: “... sendo justo, nesse particular, copiarmos a antiga observação do Cristo sobre o sábado, esclarecendo que os números foram feitos para os homens, porém, os homens não foram criados para os números.” (O Consolador, 142)

Há outras pessoas ainda mais prejudicadas pelas credices, pois têm medo da influência negativa que certos objetos lhes poderiam trazer. Assim, temem espelhos quebrados, sal entornado, passar por debaixo de uma escada, cruzar o caminho de um gato preto, etc. Na verdade, devemos ter cuidado ao passar sob uma escada de um pedreiro ou de um pintor, pelo que possa cair sobre a nossa cabeça... Sal entornado representa prejuízo, pois há necessidade de se comprar outro. Num espelho quebrado não é difícil arranjar-se um corte...

O Espiritismo nega qualquer valor aos objetos e às práticas descritas nesta lição, com base nos ensinamentos e nos exemplos de Jesus que, em ocasião alguma, disse ou fez algo que legitimasse seu uso ou prática. Suas recomendações foram sempre no sentido de se fazer o bem como o meio mais eficaz de se evitar o mal. Por outro lado, se bem meditarmos sobre o assunto, ficam-nos as perguntas: “Se dependêssemos da posse desses objetos para a nossa sorte, como ficaríamos no mundo espiritual, depois de tê-los deixado na Terra, juntamente com o nosso corpo físico, quando desencarnarmos?” E ainda: “Se ao reencarnarmos, o fazemos sob um signo a que passamos a pertencer, esse signo continuará, ou passaremos a outro quando desencarnarmos?” São perguntas que a Doutrina da fé raciocinada nos oferece à meditação...

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

d) Material didático: Desenhos de objetos aos quais algumas pessoas atribuem propriedades ou poderes especiais.



PLANO DE AULA

1. TEMA: Inteligência e Sentimento

2. OBJETIVO: A criança despertará para a necessidade de se cultivar o desenvolvimento paralelo da inteligência e do sentimento.

3. BIBLIOGRAFIA:

Lc, 4: 16 a 32; 10: 25 a 37; João, 8: 32.

LE, 192, 365, 751, 779 e 780; ESE, 6: 5.

Vinha de Luz (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 70 e 159.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Perguntar às crianças o que elas pensariam de um aluno que progredisse muito nos seus estudos no colégio, sem nenhuma orientação moral, e continuasse assim na universidade, tornando-se um profissional de grande competência, mas destituído de qualquer formação na área do sentimento. Seria um profissional confiável? Haveria o perigo de tornar-se um elemento nocivo à sociedade? Comentar com as crianças as respostas e, em seguida, desenvolver os tópicos abaixo.

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Na evolução humana, devemos considerar o aspecto intelectual e o aspecto moral; o primeiro corresponde à inteligência e o segundo ao sentimento. É muito importante que o desenvolvimento de ambos se processe paralelamente para equilíbrio e harmonia do ser como um todo.

Para progredir, desferindo seu vôo pelos céus da evolução, o homem precisa de duas asas igualmente desenvolvidas: a asa da ciência e a do amor. Inteligência e sentimento devem crescer paralelamente a fim de que o Espírito possa alçar o vôo simbólico da evolução, sem causar danos a si e aos outros, ou seja, sem perigo de quedas.

A Humanidade está sofrendo atualmente as conseqüências desastrosas desse desequilíbrio, porque o homem está desenvolvendo, perfeitamente, uma de suas asas e está deixando que a outra se atrofie. Assim, no campo da inteligência, ele penetrou os mistérios da natureza, sondando a profundidade do solo, dos oceanos, desvendando os mistérios do cosmo. No campo científico, o homem caminha a passos gigantescos, mas o mesmo não se tem dado no campo do sentimento.

Vemos que o ser humano tem-se empenhado no campo da pesquisa científica, fazendo descobertas que há poucas décadas seriam consideradas pura ficção. Esse verdadeiro arsenal de conhecimentos científicos propiciou ao homem, no campo da saúde humana, a possibilidade de ver internamente seu corpo através de aparelhos que descobrem doenças até mesmo antes de elas aparecerem no exterior. O avanço da cirurgia hoje permite intervenções verdadeiramente extraordinárias, quer seja recuperando órgãos, quer efetuando transplantes. O caminhar da Ciência permitiu ao homem desenvolver uma assombrosa tecnologia que lhe possibilitou a fabricação em massa de vacinas, de medicamentos, de extraordinários aparelhos que substituem braços e pernas, que auxiliam o coração, os rins, os ouvidos, o olhos.

A evolução da inteligência humana vê-se nos progressos obtidos também no campo do transporte e da comunicação. Há dois séculos, o transporte era feito através do navio a vela, do carro de boi e da carruagem. No início do século XX, já havia a navegação a vapor, a ferrovia e alguns esforços no sentido de se conseguir o automóvel. Na telecomunicação, já aparecera o telefone. Se observarmos o que foi conseguido, principalmente na última metade do século vinte, veremos que o passo dado foi gigantesco. Houve uma evolução científico-tecnológica sem precedentes na história humana. É realmente assombroso o que foi conseguido em melhoria no transporte e na telecomunicação. Coroando tudo isso, surge, nas últimas décadas, a Informática, que causou uma verdadeira revolução em quase todos os setores da atividade humana.

Entretanto, é de se perguntar se o sentimento humano progrediu paralelamente ao avanço científico e tecnológico. Há pessoas que chegam a declarar que houve uma involução no sentimento, que o homem tornou-se pior do que era, que caminhou para trás! De fato, numa visão superficial, tem-se a impressão de que houve realmente um retrocesso, pois ao lado de tanto progresso e de tanta beleza, ainda temos o emprego da Ciência e da Tecnologia no fabrico de poderosas armas de extermínio, de destruição, que são usadas não apenas nas guerras, mas nas cidades. Com o avanço da Ciência e da Tecnologia o homem moderno consegue multiplicar as colheitas, tornar mais barata a produção de utilidades, mas os seus sentimentos ainda inferiores não lhe permitem repartir esses bens com o próximo.

Será que se o grande fabricante de armas fosse realmente evangelizado, se ele tivesse não só a sua inteligência desenvolvida, mas também o seu coração, será que ele conseguiria dormir em paz, ao saber que as armas que produziu estão provocando destruição e morte? Será que não procuraria uma outra atividade, embora menos lucrativa? Analisando isso, chega-se à conclusão que a maior necessidade na Terra é a de amor. Ainda morre muita gente de fome, não por falta de alimentos, mas de piedade, de amor fraterno. Enquanto não se evangelizarem aqueles que detêm nas mãos as rédeas da economia, as rédeas do poder político, esse clima de miséria prosseguirá, embora todo o conforto desfrutado nos países do chamado Primeiro Mundo.

A Humanidade atual pode ser comparada a uma bela águia que traz perfeita uma de suas grandes asas mas tem a outra atrofiada. Por isso ela não pode voar e jaz inerte no chão, o olhar magoado para o céu distante que parece convidá-la a vôos sublimes. Mas ela não pode. Tenta, debate-se, agita aflitivamente a sua única asa perfeita e cai exausta, vencida. Diante dessa alegoria, é oportuno nos lembramos da recomendação do Espírito da Verdade: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.” (ESE, 6: 5). Notemos que o Espírito da Verdade colocou o amor em primeiro lugar, depois a instrução. Quando o sentimento caminha à frente, o progresso é seguro. O contrário é perigoso. Os Espíritos altamente intelectualizados têm mais dificuldade na assimilação do amor do que os mais simples, na aquisição do saber. Tomemos como exemplo a pregação de Jesus, cujos ensinamentos encontraram pouco eco entre os doutos e os sábios.

A Humanidade também não está conseguindo erguer o seu vôo de progresso e evolução morais e sente-se infeliz, sofredora, sonhando com uma sociedade que lhe ofereça segurança e paz. Em todas as épocas, escritores produziram obras nas quais idealizaram uma sociedade justa onde todos vivessem em harmonia. Os Homens estão à procura dessa sociedade desejada, não tendo ainda se decidido a construí-la com seu próprio esforço.

A Terra está cheia de intelectualismo, de conhecimento, de ciência, de tecnologia avançada e se sufoca, morrendo à mingua de sentimentos enobrecidos, como a delicadeza, a ternura, a caridade e o amor! Mas nós, espíritas, sabemos que esse estado é transitório e que a Terra tornar-se-á, no curso do próximo milênio, um planeta de regeneração e aperfeiçoamento. Assim, nós, espíritas, não só acreditamos, mas sabemos que dias melhores virão, pois as promessas de Jesus não foram em vão.

Como sabemos que a transformação do mundo não virá a golpes de magia, mas que se dará em função dos nossos esforços, busquemos, por nossa vez, desenvolver o sentimento em nós, educando-nos no Evangelho de Jesus, a fim de darmos a nossa quota de esforços no sentido da dignificação da vida. Eliminemos o mal, a partir de nós mesmos, esforçando-nos para viver em sintonia com as Leis de Deus. Preparemo-nos para formar lares edificadas na moral cristã, onde poderão reencarnar-se Espíritos que venham educar essa imensa massa humana que hoje se perde nas ondas do materialismo promovido por inteligências comprometidas com o mal.

Devemos estar atentos a fim de não nos tornarmos amargos, pessimistas, derrotistas diante do mundo atual. Infelizmente, os meios de comunicação quase sempre veiculam com mais ênfase os fatos negativos. Os grandes desastres, assassinatos, roubos, sequestros, escândalos ganham muito mais espaço no rádio, na televisão, nos jornais, do que os atos nobres praticados por inúmeros seres humanos que passam anonimamente pelo mundo. Devemos confiar no futuro, lembrando-nos da frase de Emmanuel: “Não te aflija a tempestade, Jesus está no leme.”

Ao emprendermos o nosso esforço, buscando desenvolver a nobreza de sentimentos, educando nossas emoções, cultivando o coração da mesma forma que o cérebro, nós estaremos oferecendo a nossa parcela de contribuição para a melhoria do clima moral da Terra. Com esse esforço conjunto tornaremos a Terra um mundo mais humano, onde o progresso científico estará a serviço das construções pacíficas, eliminando-se do nosso ambiente muitos sofrimentos, cumprindo-se, finalmente, entre nós, o “amai-vos uns aos outros”, recomendado por Jesus.

c) Fixação e/ou avaliação: Trabalho em grupo.

O Evangelizador deverá organizar a turma em dois ou três grupos, distribuindo entre eles algumas das seguintes perguntas, a fim de que discutam:

\$ -----
1. Será tão importante o esforço da criatura no sentido de desenvolver-se moralmente, quanto o de desenvolver-se intelectualmente?

\$ -----
2. De modo geral, gasta-se na formação moral uma hora na Aula de Evangelização e mais uma hora no Culto do Evangelho do Lar, por semana (quando a família o promove). Na formação intelectual, o tempo é de aproximadamente 24 horas por semana. Que você pensa disso?

\$ -----
3. Se você fosse agora escolher sua nova encarnação, que família você escolheria: a que cultivasse mais os valores morais ou os intelectuais?

\$ -----
4. Você acha que houve, no mundo, uma evolução no sentimento das criaturas na mesma proporção da evolução científica?

\$ -----
5. Será que no Mundo Espiritual, em colônias como Nosso Lar, por exemplo, os valores intelectuais se distanciam tanto dos valores morais, como na Terra?

\$ -----
6. É possível que um cristão verdadeiro seja fabricante de armas?

\$ -----
7. Por que se compara o sentimento e o intelecto como as duas asas do Espírito?

\$ -----
8. Que você acha da recomendação do Espírito da Verdade: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo”?

\$ -----
Respostas possíveis:

1. O desenvolvimento moral é mais importante.
2. A desproporção é muito grande. Num mundo verdadeiramente cristão não seria assim.
3. Sem dúvida aquela que cultivasse os valores morais em primeiro lugar. Seria muito mais seguro.
4. Não, de modo nenhum.
5. Não. Lá o sentimento tem primazia. Não adianta ser um bom cientista; é necessário ser um cientista bom.
6. Não, de modo algum.
7. É uma alegoria que representa a condição para o Espírito elevar-se.
8. Perfeitamente de acordo com esta aula.

d) Material didático: Tiras de Papel, contendo perguntas.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Vigilância

2. OBJETIVO: A criança deverá adquirir a noção de vigilância, compreendendo que devemos cuidar do nosso pensamento, uma vez que dele dependem as nossas palavras e os nossos atos.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mt, 24: 42; 25: 1 a 13; 26: 41; Mc, 14: 38; 1 Co, 16: 13; Lc, 12: 34.

LE, 464; ESE, cap. 25, itens 3, 4 e 5.

Fonte Viva (Emmanuel / F. C. Xavier), caps. 8, 90 e 110; Cartas e Crônicas (Irmão X / F. C. Xavier), cap.17; Enfoques Espíritas (Vianna de Carvalho / Divaldo P. Franco), cap. 32; Palavras de Vida Eterna (Emmanuel / F. C. Xavier), cap.3; Vigilância (Divaldo P. Franco / Joanna de Ângelis), nº 3.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

Perguntar às crianças o que faz o porteiro de um edifício, o vigia de um estabelecimento ou a sentinela de uma unidade militar.

b) Desenvolvimento: Diálogo.

O Evangelizador deverá relacionar a atividade desenvolvida pelo porteiro, pelo vigia e pela sentinela – que é aquela de atenção para com todos os que entram e saem do local que está sob a sua responsabilidade, bem como aquilo que conduzem – com a atenção e o cuidado que devemos ter em relação ao que entra em nossa cabeça e ao que dela sai, ou seja, os pensamentos que emitimos. A partir daí, deverá o Evangelizador comentar os tópicos abaixo, entre outros que julgar convenientes:

Se nós estamos sinceramente empenhados em promover o nosso aperfeiçoamento, devemos, antes de tudo, exercer vigilância sobre o nosso campo mental, verificando o que temos em nossa cabeça. Devemos observar a que tipo de pensamento estamos habituados, ou seja, em que gostamos de pensar. Depois, passaremos a observar cuidadosamente como essas idéias entram na nossa cabeça. É claro que muitas idéias, boas ou más, se formam em nossas mentes, pois somos Espíritos com capacidade de produzir idéias. Mas a verdade é que somos também influenciáveis pelo que vem de fora. Aí é que temos de atentar para o tipo de leitura, de filme, de conversa, de anedota estão vendo os nossos olhos e ouvindo os nossos ouvidos, porque suas imagens estão entrando em nossas mentes.

Por que precisamos tomar conta, de vigiar com muita atenção, tudo o que vemos e o que ouvimos? Porque as idéias que recebemos de fora vão ficar em nossas mentes e nós vamos ser influenciados por elas. Começaremos por ter idéias semelhantes. Mais tarde, esses pensamentos sairão de nós em forma de palavras e, depois, em forma de ações, de atos.

Se assistimos a um filme, a um programa de televisão, se lemos um livro, ou mantemos uma conversação – e nessas atividades predominar a violência, o sexo desequilibrado, a traição, a crueldade –, as palavras que ouvimos e os quadros que vimos vão criar imagens negativas em nossas mentes. Se não nos esforçarmos no sentido de apagá-las ou substituí-las por outras, essas imagens continuarão conosco e, de alguma forma, passarão a influenciar os nossos pensamentos, as nossas palavras e os nossos atos.

Por outro lado, quando assistimos a um filme, ou ouvimos uma história cheia de exemplos de bondade, de elevação de sentimento, de abnegação, de amor, a influência é positiva. Ficamos mais calmos, mais predispostos à tolerância, à gentileza, à bondade, à paz. Por isso devemos estar sempre vigilantes, atentos às mensagens que estamos recebendo e os efeitos que elas estão produzindo em nós.

Como sabemos que nossas palavras e atos decorrem diretamente dos nossos pensamentos, é muito importante exercermos vigilância também sobre os pensamentos que nascem na nossa cabeça. É necessário,

muito necessário, fazermos uma inspeção na nossa própria mente, a fim de observarmos que tipo de pensamento estamos abrigando, em que tipo de coisas gostamos de pensar. Devemos analisar, também, o que estamos desejando para nós e para os outros. É necessário não só lembrarmos do “faze aos outros o que queres que te façam”, mas também: “pensa nos outros como queres que pensem em ti”.

Como somos Espíritos ainda imperfeitos, captamos muitos pensamentos originários de encarnados e de desencarnados ligados ao mal, a nos sugerirem dizer ou fazer aquilo que não é bom. Por isso é que devemos estar vigilantes em relação aos pensamentos. Um velho provérbio da sabedoria chinesa nos diz: “Você não pode impedir que uma ave cruze o céu por cima da sua cabeça, mas pode impedir que ela venha ali a construir seu ninho”. Isso quer dizer que o pensamento ruim pode chegar à nossa mente, mas a nossa vigilância faz com que o reconheçamos como mau e busquemos nos livrar dele.

Os Espíritos infelizes, desocupados, desordeiros, maldosos, aproximam-se de nós e, antes de mais nada, procuram conhecer o nosso íntimo, isto é, os nossos pensamentos, os nossos desejos, as nossas simpatias e antipatias. Se os nossos pensamentos são bons, se estamos procurando nos aperfeiçoar, se cultivamos o hábito da oração eles se afastam, não porque a prece os expulsa, mas pela falta de afinidade conosco; pois não havendo sintonia, não conseguem influenciar-nos, dominar-nos.

Os Bons Espíritos também se aproximam de nós – e até com mais freqüência que os maus – procurando sintonia conosco, a fim de nos ajudarem ou de aproveitarem a nossa ajuda em algum trabalho que estejam desenvolvendo em favor de alguém. Se nos encontram cheios de idéias nobres, de desejo sincero de aperfeiçoamento, de bons pensamentos enfim, eles têm facilidade de entrar em sintonia conosco e de transmitir-nos seus pensamentos.

Às vezes, uma idéia fica martelando de forma obsessiva na cabeça de uma pessoa. Se essa pessoa quiser, sinceramente, lançá-lo fora, deve buscar o auxílio da prece. Deve orar, pedindo a Jesus e aos Bons Espíritos ajuda para substituir os pensamentos negativos por outros positivos, nobres.

Devemos, também, vigiar a nossa maneira de nos relacionarmos com os outros, a fim de verificarmos se estamos tratando o nosso próximo como gostaríamos de ser tratados. Devemos observar se estamos dando a nossa contribuição para a ordem, para a paz e para o equilíbrio dos ambientes que freqüentamos. Nossa vigilância deve incluir uma verificação se estamos usando no dia-a-dia os ensinamentos do Evangelho de Jesus, no sentido de sermos tolerantes, serviçais, inclinados à benevolência e ao perdão. Vivemos no clima mental que criamos, como a aranha vive no meio da teia que ela mesma tece. Observemos os exemplos na vida prática:

Uma pessoa que gosta de bebida alcoólica passa diante de um bar onde várias pessoas estão bebendo e de onde se evola o cheiro do álcool. Instintivamente ela se aproxima e pede também uma bebida. Outras pessoas afins também irão chegando e fazendo o mesmo e, da mesma forma, desencarnados ainda viciados se achegarão também ao grupo, aumentando-lhe o número e a força da viciação. Os que não se afinizarem com aquele ambiente, passarão ao largo;

Os que gostam de futebol, ao ouvirem a irradiação de um jogo de interesse, também se aproximarão do aparelho receptor, aumentando sempre o grupo de interessados, enquanto aqueles que não se interessam pelo assunto, passarão de longe;

Se uma pessoa gosta de música clássica e ouve uma peça musical vinda de um certo lugar, ela, instintivamente, se aproximará para ouvir melhor. Outras pessoas que tiverem o mesmo gosto também se aproximarão, pela afinidade. O mesmo acontece com desencarnados afinados com o mesmo senso artístico.

Os que não gostam dessas atividades se afastarão naturalmente. O mesmo acontece com os nossos pensamentos, conversas e comportamentos. Por sintonia vibracional podemos atrair para o nosso convívio os encarnados e desencarnados maledicentes, desonestos, vulgares, ociosos ou as criaturas corretas, virtuosas e enobrecidas pelo trabalho que realizam. Por isso não podemos transferir a responsabilidade daquilo que fazemos de mau a Espíritos obsessores, pois se é verdade que podemos sofrer a influência deles, não menos verdade é que o “convite” a que eles nos influenciasssem partiu de nós, através de pensamentos menos felizes.

Quando Jesus nos ensinou: “Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração” (Lc, 12: 34), quis o Mestre chamar-nos a atenção para que atentemos bem, estejamos vigilantes quanto ao que consideramos o “nosso tesouro”, ou seja, aquilo que julgamos importante, advertindo-nos que seremos sempre conduzidos para onde estão os nossos interesses. Assim, devemos estar vigilantes quanto aos nossos desejos, pois poderemos, por invigilância, tornarmo-nos escravos deles.

Devemos sempre nos lembrar de que a nossa felicidade é construída por nós próprios, com o nosso esforço consciente no bem. Ela depende muitíssimo mais de nós do que dos outros. Jesus foi sempre feliz, porque a sua felicidade emanava dele próprio: era fruto do seu reto pensar e do amor extremado por todas as criaturas, inclusive por aquelas que o maltratavam.

Lembre-mos, finalmente, de que Jesus recomenda-nos, em seu Evangelho, “vigiai e orai para que não entreis em tentação”. Entretanto, não devemos entender a sua recomendação como dirigida no sentido de que vigiássemos os outros, mas sim a nós próprios, mesmo porque, qualquer Espírito, encarnado ou desencarnado que pretenda nos tentar, só poderá fazê-lo contando com os nossos desejos, nossos anseios, com as nossas ilusões. Atentemos para o fato de Jesus ter recomendado primeiro a vigilância, a fim de que verificássemos o tipo de influência que estamos recebendo. Depois recomenda a oração para que, através dela, nos livremos das influências que julgamos más. Assim, não devemos vigiar os nossos tentadores, mas sim a nós próprios, verificando sinceramente, o que pretendemos fazer da nossa liberdade de agir.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

Distribuir entre as crianças as perguntas abaixo:

\$

01. O que Jesus quis dizer com a frase: “Vigiai e orai para que não entreis em tentação?”

\$

02. Por que é necessária a vigilância sobre os nossos pensamentos?

\$

03. Como podemos impedir que um mau Espírito nos influencie?

\$

04. Como podemos receber a influência dos Espíritos bons?

\$

05. Como nós poderemos atrair a influência de um Espírito violento?

\$

06. Como podemos relacionar o “vigiai” da recomendação de Jesus com a tarefa de uma sentinela?

\$

07. Apenas pelo fato de tomarmos passes podemos nos livrar de más influências?

\$

08. O que podemos fazer a fim de tirarmos um pensamento ruim que fica “martelando” na nossa cabeça?

\$

09. O que acontece depois que assistimos a um filme muito violento?

\$

10. Que quer dizer o “provérbio chinês: “Você não pode impedir que uma ave cruze o céu por cima da sua cabeça, mas pode impedir que ela venha ali a construir seu ninho”?

\$

d) Material didático: Tiras de papel contendo perguntas.

PLANO DE AULA

1. TEMA: Responsabilidade

2. OBJETIVO: As crianças compreenderão a responsabilidade como um valor que *não muda*, porque é inerente à natureza humana. Elas compreenderão, também, que se trata de um *hábito* que se cultiva através de exercício constante.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mateus, 5: 33.

ESE., cap. 17, item 7.

Os Mensageiros (André Luiz / F. C. Xavier), caps.40 e 41; Vinha de Luz, caps. 2 e 74.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Iniciar um diálogo com as crianças, dizendo que existem muitas diferenças entre a sociedade antiga e a moderna. Muitos hábitos saíram da moda: dançar valsa, beijar a mão das mulheres ao cumprimentá-las, usar vestidos longos e rodados, as famílias conversarem nas calçadas ao final das tardes, usar cravo na lapela, etc. (Pedir às crianças que citem outros). Depois de alguns minutos de conversa, perguntar-lhes se acham que ser responsável, seria também um hábito que saiu da moda? Afinal, o que é ser responsável? A partir daí, estabelecer com as crianças um debate em torno dos seguintes pontos:

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Conceito de responsabilidade: qualidade que consiste em ser capaz de responder pelo próprio ato, isto é, ser capaz de assumir o que fala ou o que faz. Buscar com os alunos alguns exemplos vivos (prometer e cumprir, ser assíduo e pontual nos compromissos assumidos, estudar, realizar com seriedade tarefas que envolvam o benefício de outros, evitar por todos os meios prejudicar o próximo, etc.)

O mundo moderno oferece um ambiente propício ao exercício da irresponsabilidade: a pressa e a correria, a vida difícil de trabalho incessante, o desconhecimento das pessoas entre si, o exemplo de atos irresponsáveis que chegam hoje abundantemente ao nosso conhecimento através da televisão e de outros meios de comunicação. Tudo tem enfraquecido o valor dessa virtude na sociedade. Ser responsável hoje, às vezes, é sinônimo de ser bobo. Bem, significa ser bobo exatamente para os irresponsáveis!

Apesar de existir muita gente irresponsável, sabemos que o ser humano não poderia ter-se organizado na vida em sociedade sem a noção de responsabilidade. Sem a responsabilidade a vida em sociedade seria impraticável, pelo menos uma vida organizada como a vida moderna. Imaginemos se ninguém tivesse responsabilidade, o que seria do mundo: ao chegarmos a um hospital de emergência, fôssemos informados de que o médico de plantão havia saído para almoçar fora com uns amigos porque era dia do seu aniversário; ao chegarmos à escola a encontrássemos fechada porque o porteiro decidira não trabalhar naquele dia e não mandara as chaves para que outra pessoa pudesse abri-la; durante um percurso de ônibus, o motorista resolvesse pará-lo no meio da rua e descer para ir tomar um cafezinho com alguns amigos.

É por acreditarmos no senso de responsabilidade das pessoas que podemos viver com relativa tranquilidade, pois quando viajamos de avião confiamos em que o mecânico fez a revisão da aeronave como deveria fazê-la, e que o piloto não tenha tomado bebida alcoólica; confiamos que o enfermeiro, no hospital, vai administrar os medicamentos receitados pelo médico na hora e na dose exatas. É a noção de responsabilidade das pessoas encarregadas do tratamento da água que serve uma população que garante seja ela livre de elementos capazes de comprometer a saúde daqueles que a usam.

A capacidade de ser responsável constitui um dos traços marcantes da espécie humana, isto é, ser capaz de lembrar de um compromisso que foi assumido anteriormente e dar cumprimento ao que ficou estabelecido. Os animais não são capazes disso. Portanto, ser responsável é, em primeiro lugar, agir como ser

humano, isto é, como Espírito eterno que atingiu esse grau evolutivo. A respeito de um cão, por exemplo, não se pode dizer que ele esteja agindo com responsabilidade quando late e mesmo ataca pessoas desconhecidas que tentam entrar na casa do seu dono. O animal age assim por instinto, não por responsabilidade. Daí podermos dizer que a responsabilidade é traço distintivo do ser humano.

Se a responsabilidade é elemento básico para a organização da sociedade terrestre, imaginemos como é encarada no Mundo Espiritual. O Espírito, à medida que evolui, mais se torna responsável. No livro “Os Mensageiros” (cap. 40, final), de André Luiz, vemos um Espírito, chefe de um grupo de vigilantes encarregados de selecionar a entrada de Espíritos em um centro espírita, pedindo esclarecimentos a dois guardas espirituais que não haviam desempenhado a contento suas obrigações: “Vieira, recomendo a você e ao Hildegardo a melhor observância do nosso critério doutrinário...” E prosseguiu falando educadamente, mas com firmeza aos dois servidores, que, depois da reprimenda, disseram a André Luiz: “Recebemos uma admoestação justa.” No final do cap. 41, temos caso semelhante, de outro chefe, pedindo explicações a um guarda do caminho, a respeito de um acidente ocorrido: “Glicério, como permitiu semelhante acontecimento? Este trecho da estrada está sob sua responsabilidade direta.” O servidor espiritual explicou-se, dizendo: “Fiz o possível por salvar este homem, que, afinal, é um pobre pai de família.” E prosseguiu, dando explicações a respeito da impossibilidade de ajudar aquele homem, pela cólera e pela brutalidade com que tratava o animal, que acabou ferindo-o com um coice. O chefe ouviu as explicações e disse, ao fim: “Tem razão!”

Ser responsável significa também realizar o princípio evangélico “Ama a teu próximo como a ti mesmo.” Todo ato de irresponsabilidade implica em desrespeito ao próximo, implica em prejudicar alguém de alguma forma. A irresponsabilidade dos outros nos incomoda, tanto quanto a nossa prejudica os outros. Diz o “Evangelho segundo o Espiritismo”: “O dever começa precisamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo, termina no limite que não desejaríeis ver transposto em relação a vós mesmos.”

Na aula anterior, estudamos a vigilância. Devemos estar muito atentos a fim de verificar se estamos agindo com responsabilidade perante o nosso próximo e perante a vida. Podemos ser irresponsáveis de várias maneiras: deixando de cumprir obrigações, ou deixando de dar contas de compromissos assumidos perante o nosso próximo. Podemos também ser irresponsáveis no uso da palavra. Essa, talvez, a forma mais comum de irresponsabilidade. Há pessoas que usam de modo desastroso essa capacidade que nos distingue de todos os outros seres da Criação, a fala. Pelas palavras temos a possibilidade de traçar o perfil moral do nosso próximo. Não será a maledicência uma forma de uso irresponsável da palavra?

Cada um de nós, sendo responsável, contribuirá substancialmente para a construção de uma sociedade mais justa, mais feliz. Assim, temos que considerar também as repercussões de nosso ato responsável em relação ao próprio processo de evolução da sociedade. Nas nossas meditações devemos incluir uma análise dos nossos atos, perguntando-nos se temos sido fiéis aos compromissos assumidos perante o nosso próximo e perante a própria vida, lembrando-nos que se é irresponsável aquele que atira uma casca de banana no passeio, também o é aquele que a vê e não a retira de lá. Ser responsável significa estar em sintonia com o bem.

A irresponsabilidade é um *hábito*, um mau hábito. Isso significa que é questão de nos acostarmos a ela ou não. Aí está o perigo. O mau hábito pode, facilmente, se tornar um vício e de um vício é difícil nos libertarmos. Desde criança, portanto, é preciso cultivar o hábito, o bom hábito de ser responsável.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

Levar os alunos a responderem às seguintes questões:

- 1- O que você considerou importante de tudo o que foi comentado hoje? Por quê?
- 2- Foi apresentada alguma informação que você não conhecia? Qual?
- 3- Você concorda com a afirmação de que ser responsável constitui um hábito?
- 4- Cite três situações em que você considera difícil ser responsável.
- 5- O que você sugere fazer nessas situações?

d) Material didático: _____

PLANO DE AULA

1. TEMA: Natal - conduta espírita.

2. OBJETIVO: A criança deverá compreender que as comemorações natalinas devem ser realizadas num clima de alegria, simplicidade e fraternidade, evitando-se, no entanto, excessos de qualquer natureza.

3. BIBLIOGRAFIA:

Lc, 2: 1 a 20.

LE, 625.

Conduta Espírita (A. Luiz / F.C.Xavier), nº 47; Alegria de Viver (J. Ângelis / D.P.Franco), nº 20; Vigilância (J. Ângelis / D.P.Franco), nº 20; Antologia Mediúnica do Natal (Espíritos Diversos / F.C.Xavier).

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Interrogatório.

O Evangelizador dirigirá às crianças algumas perguntas, tais como: Como são realizadas, geralmente, as comemorações natalinas? Qual a opinião de vocês sobre essas comemorações? Qual deve ser a conduta do espírita nessas comemorações?

b) Desenvolvimento: Exposição dialogada.

Com a aproximação do Natal, toda a Humanidade cristã se prepara, alegre, para comemorar a grande data. As pessoas se movimentam à procura de presentes para dar, promovem festas, como forma de homenagem à vinda de Jesus à Terra.

Na verdade, o fator cultural e a sociedade de consumo colaboram decisivamente para que, nesta ocasião, as pessoas se mostrem mais agitadas, ansiosas, preocupadas e tensas do que em qualquer outra época do ano. Entretanto, não podemos modificar muita coisa, porque estamos inseridos nesse contexto de maneira muito forte; além do mais, não estamos sozinhos e não podemos impor aos outros o nosso modo de pensar e de nos conduzir.

Porém, se nos encontramos aqui reunidos, neste momento, para refletir sobre o Natal, tendo achado para isto uma pausa em meio à agitação destes dias, isto já prova que valorizamos de uma certa maneira tais momentos. Assim, perguntamos: como espírita, qual deve ser a nossa conduta, o nosso comportamento em relação às comemorações natalinas? Será que já paramos, em algum momento, nessa ocasião, para pensar sobre como deveria ou deve ser a comemoração adequada do aniversário de nosso Mestre Jesus?

No momento em que Jesus nasceu, vindo das regiões felizes do Infinito, deixou Ele, para a Humanidade, desde o primeiro instante, a lição da humildade e da simplicidade, conforme tivemos já a oportunidade de estudar. Durante toda a sua permanência entre nós, pregou e exemplificou a simplicidade, seja na voz, nos gestos, nos ensinamentos, nas suas ações. Tudo muito simples, sem complicações. Não seria, assim, dentro desse espírito de simplicidade, que Ele gostaria que a data de seu nascimento fosse comemorada? É sobre isso que vamos refletir agora.

O Espírito André Luiz, no livro “Conduta Espírita”, diz o seguinte: *“Renunciar às comemorações natalinas que traduzam excessos de qualquer ordem, preferindo a alegria da ajuda fraterna aos irmãos menos felizes, como louvor ideal ao Sublime Natalício. Os verdadeiros amigos do Cristo reverenciam-no em espírito.”*

Vamos refletir sobre o que foi dito. André Luiz assevera que as comemorações natalinas, quando realizadas por nós, espíritas, devem ser feitas num clima de serenidade, simplicidade, naturalidade e alegria cristã, sem apelarmos para excessos de qualquer natureza (alimentação exagerada, música barulhenta, etc.). Ainda, se desejarmos realmente agradecer a Jesus por sua vinda até nós, que procuremos ajudar aos necessitados de toda ordem, que são muitos, levando-lhes não apenas o presente do apoio material, mas, especialmente, algum

conforto espiritual, palavras de esperança, de alegria. Esta é, certamente, a mais importante comemoração natalina – que deve ser realizada durante todo o ano – que Jesus espera de nossa parte, como contribuição efetiva à Paz, à Solidariedade e ao Amor que devem existir entre todas as criaturas.

A Noite de Natal é uma excelente ocasião para se iniciar a prática do Culto Cristão do Lar. Aqueles que já o fazem habitualmente, nessa noite, farão um especial, tendo sempre como tema central a vinda, os ensinamentos e os exemplos de Jesus. O livro “Antologia Mediúnica do Natal” é a obra mais indicada para essa ocasião, pois traz a contribuição de vários Espíritos, em belíssimas páginas, em poesia e prosa. Além dessa obra, pode-se ler, no Novo Testamento, no Evangelho de Lucas, nos capítulos 1 e 2, o relato do nascimento de Jesus.

Justo que após o Culto do Natal, haja a ceia, que propiciará a alegria do convívio com parentes e amigos, em torno da mesa festiva. Os Evangelhos dão notícia de que Jesus se reunia com as pessoas por ocasião de suas refeições, mas podemos imaginar que era num clima de tranquilidade, sem excessos de qualquer natureza.

Assim, o Natal deve ser, não uma data estática assinalada no calendário terreno, mas um movimento contínuo de nossas ações, palavras e sentimentos em favor da harmonia e da compreensão entre as pessoas. Por outro lado, toda comemoração exterior, se a realizarmos, que seja conduzida num clima de muita simplicidade, daquela simplicidade que caracterizou toda a passagem de Jesus pela Terra. Conservemos equilíbrio no sentir e no vivenciar o verdadeiro espírito do Natal. É o que nos ensina a Doutrina Espírita, por meio da palavra esclarecedora e amiga dos Espíritos Superiores.

Neste Natal, refletindo sobre tudo o que foi falado, agradeçamos a Jesus a sua vinda, assim como o valioso presente do Amor que nos veio oferecer. Peçamos-Lhe a sua ajuda carinhosa e amiga para que, seguindo o roteiro de luz do seu Evangelho, possamos ajudar na grande tarefa de transformação da Terra em um mundo mais feliz, pleno de Fraternidade e de Amor.

c) Fixação e/ou avaliação: Interrogatório.

Sugestão I:

O Evangelizador formulará à turma algumas perguntas, tais como:

— Como interpretar o Natal sob o ponto de vista espírita ?

— Qual deve ser a nossa posição diante das comemorações natalinas?

— Que ações ou trabalho podemos desenvolver para comemorar, dentro do espírito de simplicidade, a vinda de Jesus até nós?

Sugestão II:

O Evangelizador distribuirá tiras de papel, lápis e borracha às crianças, solicitando que elas escrevam ou uma breve frase ou uma expressão ou palavra que exprima o sentimento de cada uma em relação ao Natal.

d) Material didático: Livro “Antologia Mediúnica de Natal”; Tiras de papel, lápis, borracha; quadro-de-giz; giz.

PLANO DE AULA

1. TEMA: O Centro Espírita

2. OBJETIVO: A criança ficará informada a respeito do que é e do que representa um Centro Espírita, tanto do ponto de vista terreno, quanto do ponto de vista espiritual.

3. BIBLIOGRAFIA:

Mc, 1: 21; 4: 1; 6: 1 a 6; Lc, 4: 16; Jo, 4: 26.

LM, caps. 29 e 30.

Voltei (Irmão Jacob / F. C. Xavier), cap. 1; Estude e Viva (Emmanuel / F. C. Xavier), cap. 39; Conduta Espírita (André Luiz / Waldo Vieira), cap. 11; Os Mensageiros (André Luiz / F. C. Xavier), cap. 46; Nos Domínios da Mediunidade (André Luiz / F. C. Xavier), caps. 16 e 17.

4. AULA:

a) Incentivação inicial: Diálogo.

Perguntar às crianças se sabem o que é um Centro Espírita. Perguntar se acham que é uma igreja, uma casa de oração, apenas com nome diferente. Anotar as respostas e ir fazendo referência a elas durante o desenvolvimento da aula.

b) Desenvolvimento: Dialogo.

Estabelecer diálogo com as crianças sobre os itens abaixo:

Todas as religiões têm seus templos, que recebem os nomes mais variados: igreja, mesquita, abadia, catedral, pagode, basílica, etc. (Ver glossário no final da aula). Esses templos se destinam às orações, aos cultos, à prática de rituais, liturgias e à administração de sacramentos.

O templo espírita, comumente chamado *Centro Espírita*, difere muito dos outros templos religiosos, porque é uma casa com características muito peculiares.

O Centro Espírita não é *casa de Deus*, no sentido de haver a necessidade de ali comparecermos para a oração e adoração a Deus. Podemos orar, servir e adorar a Deus em qualquer lugar, conforme fazia Jesus, que ensinou a adoração *em espírito e verdade*. Quando a Samaritana, à beira do Poço de Jacó, perguntou ao Mestre se deveria adorar a Deus em Jerusalém, o Mestre respondeu-lhe que nem em Jerusalém, nem no monte (Monte Garizin, onde os samaritanos adoravam). Jesus ensinou: “Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade.” (Jo, 4: 4: 26) O Mestre quis com isso dizer que não há necessidade de irmos a um templo para nos encontrarmos com Deus.

O Centro Espírita não é um templo destinado a solenidades ou ofícios religiosos, rituais ou liturgias, ou administração de sacramentos, como seja batizado, crisma, casamento, uma vez que o Espiritismo, tendo vindo para reviver os ensinamentos e exemplos de Jesus, na sua pureza e simplicidade iniciais, não agasalha nenhuma dessas práticas. O Centro Espírita não é, portanto, um local onde vamos nos encontrar com Deus e ofertar-Lhe nossas preces, mas é uma casa onde aprendemos, através do estudo, a sentir a Sua presença em todos os lugares, a fim de fazer-Lhe nossas oferendas na pessoa de Seus filhos, nossos irmãos, onde quer que estejamos.

É uma verdadeira escola do Espírito, e também uma casa de trabalho com Jesus, onde se desenvolvem inúmeras tarefas, de natureza material e espiritual, todas elas sob a proteção da prece. O que dá o caráter religioso ao Centro Espírita é a obediência aos preceitos evangélicos e a presença indispensável da oração no desempenho de todas as tarefas. Oramos, no início das atividades, buscando as bênçãos do Alto para o desenvolvimento das tarefas, e, no seu término, agradecemos pelos benefícios recebidos.

O Centro Espírita é um posto de socorro para males físicos e espirituais, que propicia o auxílio através da água fluidificada, do passe e da desobsessão, conforme Jesus ensinou e praticou. Não só os encarnados são

beneficiados no Centro Espírita. Inúmeros espíritos desencarnados são conduzidos para o ambiente equilibrado e harmonioso que ali se forma pelas vibrações produzidas pelos bons pensamentos, a fim de receberem tratamento e também orientação.

Em reuniões específicas, denominadas mediúnicas, cujos participantes devem ter prévio conhecimento doutrinário, sejam médiuns ou não, são orientados Espíritos que se encontram perturbados, necessitados de esclarecimento e de encaminhamento. Ali são amparados também Espíritos obsessores, aqueles que perseguem e tentam prejudicar encarnados e, às vezes, até outros desencarnados. Através desses trabalhos, que poderíamos chamar de “escola de evangelização para Espíritos desencarnados”, eles recebem orientação e são concitados a uma renovação interior, a fim de libertarem aqueles que perseguem.

Esse trabalho de enfermagem espiritual não ocorre só nas reuniões mediúnicas. Os Benfeitores espirituais trabalham também nas reuniões públicas e até nas aulas de evangelização de crianças. No ambiente equilibrado do Centro Espírita, esses Benfeitores espirituais encontram o campo mais adequado para o desenvolvimento de suas tarefas assistenciais a encarnados e desencarnados. André Luiz nos dá uma visão do que ocorre num Centro Espírita durante uma reunião: “Reuniam-se ali, para os olhos humanos trinta e cinco individualidades terrestres e, no entanto, em nosso círculo, o número de necessitados excedia de duas centenas, porquanto, agora, a assembléia estava acrescida de muitas entidades que formavam o séquito perturbador da maioria dos aprendizes ali congregados.” (Os Mensageiros, cap. 46)

Um Centro Espírita que cumpre realmente suas finalidades é um posto avançado da espiritualidade maior na Terra. Por isso, todos nós que participamos das atividades nele desenvolvidas devemos ter sempre em mente a responsabilidade que temos, em consonância com as tarefas a nós atribuídas e pelas quais respondemos perante a Vida Maior. Equipes espirituais desenvolvem regularmente trabalhos nos centros, observando o compromisso do comparecimento em horário certo, conforme se depreende das palavras do Espírito encarregado da direção dos trabalhos da noite, em conversa com André Luiz: “Integramos um quadro de auxiliares, de acordo com a organização estabelecida pelos mentores da Esfera Superior.” Ao que André Luiz pergunta: “Quer dizer que, numa casa como esta, há colaboradores espirituais devidamente fichados, assim como ocorre a médicos e enfermeiros num hospital terrestre comum?” E a resposta do Benfeitor foi afirmativa: “Perfeitamente.” (Nos Domínios da Mediunidade, cap. 17)

Algumas pessoas poderão pensar, ao tomar conhecimento da dinâmica e da diversidade de trabalhos desenvolvidos num Centro Espírita que ele deve ser considerado apenas como uma escola comum. Não devendo, por isso, aqueles que a freqüentam, ter maiores preocupações com o seu comportamento, com o que falam, com determinadas músicas que cantam, etc. Nada mais errado. Se ainda não aprendemos a falar só o que é bom e construtivo e a cantar músicas “que não ofendem a Jesus e nem ferem a ninguém”, como diz o Hino da Alegria Cristã, devemos, ao menos, nos calar no centro. Não porque ali seja um santuário, uma casa sagrada, mas porque devemos preservar o ambiente harmonioso, equilibrado, que constitui um verdadeiro refúgio para os Trabalhadores do Alto e local propício ao socorro dos necessitados desencarnados. É por essa razão que devemos tomar o máximo cuidado com festinhas, teatros e outras atividades estranhas às tarefas normais do Centro Espírita.

O Centro Espírita é uma escola, onde não há mestres. Todos somos estudantes, todos somos alunos de Jesus. Os que sabem um pouco mais dividem com os outros, assim como nós estamos fazendo agora, repartindo sempre aquilo que sabemos, uns com os outros, nas aulas de evangelização, nas reuniões de estudos, ou em grupos de estudos específicos.

Nas casas espíritas não só aprendemos a repartir aquilo que sabemos, mas também aquilo que temos. Ali são desenvolvidas também tarefas de socorro aos materialmente necessitados, através da chamada assistência social. Os departamentos de serviço assistencial dos centros encaminham gêneros alimentícios e roupas aos necessitados. Existem centros espíritas que desenvolvem trabalhos junto às gestantes, doando-lhes enxovais para recém-nascidos e ensinando as futuras mães como deverão cuidar deles.

Há centros que fazem distribuição de alimento já preparado, como seja a “sopa”. Os centros bem orientados não entregam pura e simplesmente o socorro material, mas aproveitam essas reuniões para darem orientação de higiene, de cuidado com as crianças, de convivência na sociedade e, principalmente, ensinamentos

do Evangelho de Jesus. Há casas que, dispondo de trabalhadores de boa vontade em grande número, promovem cursos através dos quais preparam os “socorridos” para o trabalho, a fim de que deixem a condição de mendicância.

Existem centros que promovem até reparos e mesmo construções de casas simples para desabrigados, ao tempo em que procuram legalizar a situação de crianças sem registro civil. Há também a distribuição de material escolar e o incentivo à criança para que freqüente regularmente a escola.

É por todas essas razões que o Centro E spirita não pode ser considerado uma casa de oração, mesmo porque Jesus não estabeleceu nenhum lugar em especial para qualquer tipo de atividade religiosa. Ele orou, ensinou, amparou, consolou, curou, alimentou nos momentos em que se fez necessário. Nessas oportunidades o Mestre tinha plena consciência de estar em presença de Deus, ensinando-nos, através do exemplo, que o Pai está em todo lugar e que em todo lugar podemos orar a Ele e servi-Lo na pessoa dos Seus filhos.

Com o advento da III Revelação, voltou à Terra a idéia e a prática da religião dinâmica, não-contemplativa, que Jesus trouxe. Essa religião dinâmica é ensinada e exemplificada no Centro Espirita, que não deve ser encarado como *casa de Deus*, mas como casa de trabalho, em nome de Deus.

O Evangelizador poderá fazer um paralelo dos atuais Centros Espiritas com a “Casa do Caminho” (aula nº 6 “B”), enfatizando que ela serve de modelo para as atividades cristãs nos tempos modernos. Poderá, também, lembrar às crianças que se temos apenas a necessidade da comunhão com Deus através da oração podemos perfeitamente fazê-la em casa, conforme aprendemos na aula de “O Evangelho no Lar” (nº 36 “B”)

c) Fixação e avaliação: Diálogo.

Rever com as crianças o assunto apresentado, através de perguntas como as sugeridas, dando esclarecimentos e incentivando-as para que externem suas opiniões.

01. Por que um Centro Espirita não é apenas uma casa de oração?
02. Você participa agora de alguma atividade do centro?
03. De que atividades, mais tarde, você gostaria de participar no centro?
04. Poderíamos aproveitar o espaço do centro para promover festas de aniversário, bailes, etc.?
05. Por que o Centro Espirita é considerado uma casa religiosa? O que lhe dá essa característica?
06. Porque é o Centro Espirita considerado uma escola?
07. O Centro Espirita é uma escola só para os encarnados?
08. Como são chamadas as reuniões especiais para a conversa com os Espíritos desencarnados?
09. Você vê semelhança entre o trabalho desenvolvido no centro com aquele da Casa do Caminho?
10. Você conhece algumas atividades desenvolvidas neste Centro?

GLOSSÁRIO:

Abadia: Igreja paroquial que tinha um cura privativo.

Basílica: Igreja principal.

Mesquita: Templo muçulmano.

Pagode: Espécie de pavilhão que alguns povos asiáticos destinavam ao culto e adoração dos seus deuses.

Igreja: No sentido primitivo, assembléia de pessoas, comício, assembléia dos cristãos em geral

O edifício consagrado ao culto divino (acepção mais moderna).

d) Material didático: -----